



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

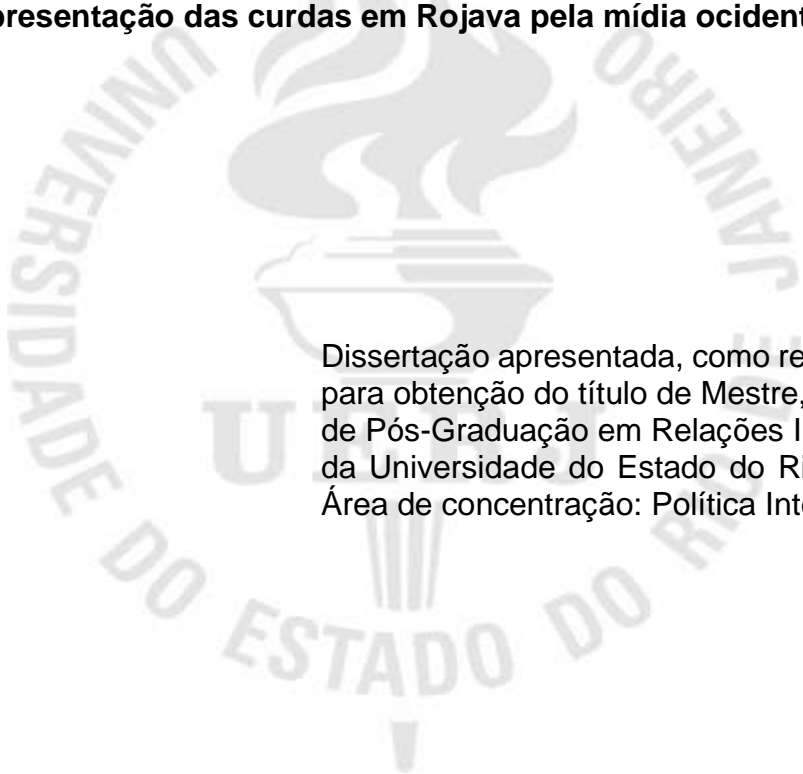
Beatriz Sampaio Abreu

**Guerra, gênero e orientalismo: o Confederalismo Democrático e a
representação das curdas em Rojava pela mídia ocidental**

Rio de Janeiro
2020

Beatriz Sampaio Abreu

**Gênero, guerra e orientalismo: o Confederalismo Democrático e a
representação das curdas em Rojava pela mídia ocidental**



Dissertação apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Relações Internacionais,
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Política Internacional.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lená Medeiros de Menezes

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A162 Abreu, Beatriz Sampaio.
Gênero, guerra e orientalismo: o Confederalismo Democrático e a
representação das curdas em Rojava pela mídia ocidental / Beatriz
Sampaio Abreu. – 2020.
110 f.

Orientadora: Lená Medeiros de Menezes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Jornais Britânico – Teses. 3.
Comunicação de massa e mulheres – Teses. I. Menezes, Lená Medeiros
de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

es CDU 327::070(410)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Beatriz Sampaio Abreu

**Gênero, guerra e orientalismo: o Confederalismo Democrático e a
representação das curdas em Rojava pela mídia ocidental**

Dissertação apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Relações Internacionais,
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: Política Internacional.

Aprovada em 09 de outubro de 2020

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Lená Medeiros de Menezes (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Mônica Leite Lessa
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Roseli Terezinha Boschilia
Setor de Ciências Humanas - UFPR

Rio de Janeiro

2020

AGRADECIMENTOS

À Deus, por abençoar a minha vida com sua palavra e com a presença de pessoas iluminadas, assim como por colocar no meu caminho provações e presentes, que foram partes integrais do meu crescimento como pessoa.

Aos meus pais, por todo trabalho duro que fizeram para que meu curso fosse o mais livre possível. Por todo colo, amor, carinho e acalento que me deram quando passava por momentos difíceis. Sou imensamente grata por todo apoio e conselho dado a cada decisão que eu tomei. Saibam que vocês são meus modelos de vida e que sempre me esforçarei para ser a filha que vocês merecem ter.

Ao meu irmão, por sempre estar com um abraço pronto para me acolher. Muito obrigada por sua paciência comigo, pelo seu jeito de tornar as coisas mais leves e me oferecer um olhar diferente do mundo. Meu bebê, obrigada por ser o melhor irmão que eu poderia pedir. Você me inspira a ser melhor.

À Jane e Tereza, meus anjos da guarda. Vocês foram e continuam sendo peças centrais na minha vida. Muito obrigada por estarem comigo em todas as horas e, de alguma forma, fazerem suas presenças serem notadas quando eu mais precisava. O amor entre nós é mais forte que a matéria.

À Mariana, Flávia, Natália, Nina e Amanda, minhas irmãs de alma. Obrigada pelo apoio, amor e amizade sempre. Pelas inúmeras conversas para me tranquilizar e por todas as vezes que vocês me fizeram ver que eu não estou sozinha nesse mundo e que isso tudo vale a pena.

À Elisa, por sua dedicação comigo nesse processo tão complexo. Em especial, pelas palavras e questionamentos, que fizeram eu entender mais sobre mim mesma e sobre a mensagem que eu quero passar para o mundo.

À Jayme, pela amizade e pelo cuidado, sem pedir nada em troca.

À Leticia, por ser uma das melhores professoras que já tive, sempre me incentivando e me ajudando a desenvolver minha sede por conhecimento. Foi uma honra ser sua aluna e é um prazer te chamar de amiga.

À minha orientadora, Lená, por confiar em meu potencial e por cada leitura minuciosa da minha escrita. Muito obrigada por sua atenção, dedicação e cuidado.

À banca, pela disponibilidade de participarem desse processo tão importante em minha vida.

Às minhas amigas e meus amigos de turma, que enfrentaram esses últimos dois anos de trabalho árduo, ansiedade e incertezas ao meu lado. Esse período teria certamente sido mais complicado, não fosse a presença de vocês.

À prof. ^a Monique Goldfeld, por me apresentar às mulheres curdas durante uma inesquecível palestra quando eu ainda estava na graduação e, inconscientemente, me colocar na trajetória de pesquisa que venho trilhando nos últimos quatro anos.

À todas as professoras e os professores do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UERJ, por todo o valioso conhecimento passado durante esses dois anos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Freedom is when my thoughts no longer hit the wall
but become the field breeze that makes its way
through the cracks in the concrete
Until the wall breaks down completely,
and I see wide fields behind it
the peace of the forest, the mountains.
Freedom is every step I take with courage and determination
because I know that it carries all the women in the world
All women in history, all women who resist
by continuing to love, continuing to live, heads up, eyes open
Even with our backs to the wall, the sun still shines in our face
For me, freedom means knowing that I will never give up,
that you will never give up, that we will never give up.

Poema de autora curda desconhecida, publicado pelo Kongra Star

RESUMO

ABREU, Beatriz Sampaio. **Gênero, guerra e orientalismo: o Confederalismo Democrático e a representação das curdas em Rojava pela mídia ocidental.** 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho tem como objeto de estudo as mulheres curdas de Rojava, o Curdistão Sírio. Participantes essenciais do movimento curdo por libertação, autonomia e reconhecimento internacional, as curdas recentemente foram transformadas em símbolos desse pleito nacional pela grande mídia, que vem desde 2014 noticiando sobre a presença ativa de tais mulheres na guerra civil Síria, focando particularmente nas batalhas que travaram contra o Estado Islâmico. Em vista disso, tem-se como objetivo central investigar sobre a forma como as curdas têm sido representadas pela mídia ocidental, dentro do recorte temporal de 2014 a 2018. Para tanto, foram escolhidas como amostras principais as matérias publicadas sobre elas pelas agências midiáticas *The Guardian* e *Daily Mail*, duas das mais influentes em uma escala global. Mais especificamente, o trabalho apresentará o contexto histórico, político, ideológico e social no qual as curdas estão inseridas, para então dissecar as reportagens coletadas, a fim de identificar a imagem midiática que tem sido construída e amplamente divulgada através dos últimos anos. Adicionalmente, abordará também a questão dos possíveis ganhos e perdas que esse formato de representação simbólica acarreta tanto para as mulheres curdas quanto para seu movimento. O estudo terá como fundamentos teóricos o orientalismo e o debate sobre gênero, guerra e militarização, bem como irá explorar o poder da mídia, por conta do discurso que produz. Por fim, como metodologia, serão utilizadas técnicas de Análise de Discurso baseadas nos trabalhos de Patrick Charaudeau, que contribuirá para a pesquisa com uma abordagem semiolinguística do discurso midiático investigado.

Palavras-chave: Mulheres Curdas. Gênero. Militarização. Orientalismo. Discurso Midiático.

ABSTRACT

ABREU, Beatriz Sampaio. **Gender, war and orientalism: Democratic Confederalism and the representation of Kurdish women in Rojava by western media.** 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This study has as subject matter the Kurdish women of Rojava, the Syrian Kurdistan. Essential participants of the Kurdish movement for liberation, autonomy and international recognition, the Kurdish women were recently transformed into symbols for this national quest by mainstream media, that since 2014 has reported on their active presence in Syria's civil war, focusing particularly in the battles they have fought against the Islamic State. Therefore, the main goal of this study is to investigate the way Kurdish women have been represented by mainstream media, from 2014 to 2018. For this purpose, the articles published about them by the media agencies The Guardian and Daily Mail, two of the most influential in a global scale, were chosen as primary sources. More specifically, this dissertation will feature the historical, political, ideological and social context in which the Kurds are integrated, and then it will dissect the articles collected, to identify the image that has been constructed and widely disseminated by the media throughout the last years. Additionally, it will also address the matter of possible gains and losses that this format of symbolic representation entails, both for the Kurdish women and their movement. The study will have as theoretical basis orientalism and the debate about gender, war and militarization, as well as it will explore the power of media, due to the discourse it produces. Lastly, as methodology, it will employ the techniques of Discourse Analysis based on Patrick Charaudeau's works, which will contribute to the research with an semiolinguistic approach of the media discourse investigated.

Key words: Kurdish women. Gender. Militarization. Orientalism. Media discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Mapa de Rojava	45
Figura 1 – Guerrilheira curda não nomeada	68
Figura 2 – Shireen Taher, guerrilheira morta em combate	69
Figura 3 – Asia Antar, popularizada pela mídia ocidental como a “Angelina Jolie curda”	83
Figura 4 – guerrilheira curda conhecida como Rehana, ou o “Anjo de Kobane” pela mídia ocidental	83
Figura 5 – Guerrilheiras destacadas pela sua delicadeza e feminilidade.....	85
Figura 6 – Guerrilheiras destacadas pelo contraste em suas apresentações e seu pano de fundo.....	85
Figura 7 – Voluntária conhecida como Tiger Sun	86
Figura 8 – Leyla Zana, figura feminina de maior importância no movimento de libertação curdo.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PKK	Partido dos Trabalhadores do Curdistão
YAJK	Unidade das Mulheres Livres do Curdistão
YJWK	União Patriótica de Mulheres do Curdistão
KRG	Governo Regional Curdo
PJA	Partido de Libertação das Mulheres
KJB	Conselho Superior de Mulheres
YJA	União de Mulheres Livres
FSA	Exército Livre da Síria
PYD	Partido da União Democrática
MGRK	Conselho Popular do Curdistão Ocidental
TEV-DEM	Movimento Social Democrático
YPG	Unidades Populares de Proteção
YPJ	Unidades de Proteção de Mulheres

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ORIENTALISMO, MILITARIZAÇÃO E SUA INTERSEÇÃO DE GÊNERO: UMA QUESTÃO TEÓRICA.....	16
1.1 A lente orientalista e a criação da mulher oriental.....	16
1.2 O feminino e a guerra.....	23
2 OS CURDOS: FORMAÇÃO, ASPECTO POLÍTICO, IDEOLOGIA E GÊNERO.....	29
2.1 Quem são os curdos?.....	29
2.2 Política e ideologia: sobre o Confederalismo Democrático e o feminismo curdo.....	36
2.3 Curdistão Sírio: a Revolução de Rojava e a articulação feminina	42
2.4 Defesa em Rojava: do geral ao feminino.....	48
3 MÍDIA, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO: EXPLORANDO O DISCURSO MUDIÁTICO	55
3.1 Fazer-saber, fazer-pensar, fazer-sentir: sobre a centralidade do discurso midiático.....	55
3.2 Por uma leitura linguística e psicossocial: a análise de discurso segundo Patrick Charaudeau	60
4 POBRES MÁRTIRES, SOLDADAS CORAJOSAS, ANOMALIAS, MULHERES NORMAIS: QUEM SÃO AS CURDAS PARA A MÍDIA OCIDENTAL?	65
4.1. <i>The guardian</i>	65
4.2 <i>Daily mail</i>	75
4.3 A representação das mulheres curdas na mídia ocidental	88
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

O povo curdo, que notoriamente consiste na maior nação sem Estado da atualidade, encontra-se majoritariamente na Síria, na Turquia, no Irã e no Iraque, contando ainda com diásporas em países como Israel, Alemanha, França e Bélgica, totalizando cerca de 30 milhões de nacionais. Seu movimento por reconhecimento e autonomia declara-se como secular e segue uma proposta político-ideológica particular a ele, denominada da Confederalismo Democrático, que renega o estabelecimento de um Estado-Nação e a predominância do sistema capitalista. Promove, por sua vez, a autonomia democrática, por meio da qual as elites políticas representativas seriam substituídas pela sociedade civil e por formas diretas de participação pública voluntária, através de espaços como Conselhos Regionais e Assembleias, que desencadeariam um estado de autogoverno. Essa nova forma de estruturação social destaca-se ainda por seu posicionamento proativo perante às questões de gênero, que se fundamenta na crença de que a liberdade de um povo é alcançada apenas mediante a libertação das mulheres e a renegação do sexismo, do patriarcado e dos demais arranjos de autoridade e poder vigentes atualmente. Diante disso, determina como noção elementar para a sociedade curda a igualdade de direitos políticos, sociais e econômicos entre os gêneros (ÖCALAN, 2011; TORELLI, 2016).

Dentre as principais áreas conhecidas como Curdistão, destaca-se a Síria, que galgou, em meio à guerra civil contra o governo central de al-Assad, declarar sua autonomia e instituir a entidade autogovernante de Rojava, aos moldes do Confederalismo Democrático. Em meio a esse contexto polvoroso que tem marcado os últimos oito anos da região, pode-se dizer que os curdos conseguiram desenvolver seu sistema social, ao mesmo tempo em que despontaram como um dos atores centrais nos campos de batalha, algo que muito se credita à ação da guerrilha feminina YPJ. Um dos braços armados do partido político dominante de Rojava, a YPJ foi criada em 2013 como um espaço autônomo para as soldadas do movimento curdo, que conduz missões e treinamentos de forma independente de sua guerrilha irmã, YPG, cuja composição é, em grande maioria, masculina. Dessa forma, dos 30 mil guerrilheiros curdos, 40% são mulheres.

Seguindo como base ideológica a defesa da democracia direta, da ecologia e da promoção de autonomia e de participação femininas em todos os setores da

sociedade, a YPJ declara como metas a construção de uma nova cultura militar, não ditada pelo patriarcado e pela hierarquia de gênero; a união das mulheres a um nível global e o estabelecimento de uma sociedade livre, democrática e ecologicamente consciente, que garanta a equidade entre todos os seus membros¹ (HEVIAN, 2013). A YPJ alavancou o reconhecimento internacional do povo curdo em razão de suas seguidas vitórias em batalha contra o Estado Islâmico, ator presente no cenário da guerra síria e célebre por seus posicionamentos religiosos fundamentalistas e misóginos, bem como por seu *modus operandi* violento. Assim, a partir de 2014, tornaram-se alvo do discurso midiático de grandes veículos de informação ocidentais, que desenvolveram uma abordagem específica para noticiar o assunto, através da imagem da mulher curda.

À vista disso, este estudo indaga sobre o tipo de representação que foi construída e disseminada por tais atores sobre as curdas, por reconhecer a importância da mídia na formação e cristalização de sentidos e identidades na consciência coletiva de uma sociedade. De modo específico, é investigada a história da questão curda e a articulação feminina nesse contexto, focando-se especificamente no caso do Curdistão Sírio; e na forma como as mulheres curdas são simbolicamente retratadas pela mídia ocidental, com o questionamento complementar quanto a possíveis ganhos e perdas do movimento curdo perante o discurso veiculado. Em se tratando de questões que giram em torno das mulheres, ousa-se afirmar que elas, com frequência, são alvos de olhares carregados de estereótipos e rasos no seu conteúdo, sendo isso um sintoma do machismo e do patriarcalismo fortemente presentes nas estruturas sociais predominantes. Quando somamos a essa predisposição o fato de se tratar de mulheres orientais, assume-se que sejam maiores os obstáculos para que se tenha uma representação que não se escore em rótulos predeterminados que perpassam questões de gênero e etnia.

Com isso em mente, uma das hipóteses que constituem esta pesquisa é a de que a representação das mulheres curdas sírias pela mídia ocidental possui uma característica adimensional, de modo que sua abordagem reforça o machismo e mantém preconceitos relacionados ao tratamento de questões que envolvem o Oriente. Como um desdobramento disso, conjectura-se que se tenha uma despolitização do movimento curdo como um todo e da agência feminina nesse contexto. Dessa maneira, considerando que uma questão como a curda se mostra

¹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_OWQ-apZC78&index=21&list=PLi-P2KS7%20cTSozJYXhWe8gE91qgZul7-e13 >. Acesso em: 24 ago. 2019.

mais complexa do que aparentam as reportagens a serem analisadas, por não se limitar ao âmbito de guerra com o Estado Islâmico, presume-se que a dinâmica mencionada acima esteja causando a ocultação de facetas que lhes são intrínsecas. Por fim, supõe-se que exista sim um ganho para a causa curda, com a atenção conquistada através dos veículos midiáticos ocidentais, porém, em face da ideologia e dos pressupostos que fundamentam sua ação política, social e militar, acredita-se que as perdas se sobrepujam a sobre eles.

Diante dos problemas e hipóteses levantados, a busca por respostas envolveu a seleção e apuração de todas as reportagens contendo as palavras-chave ‘mulheres curdas’, ‘curdas’, ‘YPJ’ e ‘curdo’, publicadas no período de 2014² a 2018, nas versões online das agências de notícia *The Guardian* e *Daily Mail*, escolhidas pelo estudo como amostras de grandes produtores da mídia ocidental³. Para tanto, foi utilizado como metodologia guia a abordagem semiolinguística de Patrick Charaudeau para Análise de Discurso.

Por ser um acontecimento de recente notabilidade, o estabelecimento de um corpo de pesquisas sobre isso ainda se encontra em sua fase inicial. Dentre os estudos já realizados, Meral Duzgun (2013) se destaca com sua produção “*The Kurdish women’s movement: challenging gendered militarization and the nation-state*”, que busca compreender como e por que a implementação e preservação de hierarquias de gênero existem na esfera de guerra. Em se tratando do contexto brasileiro, pode-se mencionar a pesquisa de Bruna Ferreira e Vinícius Santiago (2018), que em “*O cerne da resistência: reconhecendo a luta interseccional no movimento das mulheres curdas*” abordam as relações de poder que transpassam a luta das curdas em Rojava, reconhecendo a interseção de gênero, etnia e classe ali presente. Além disso, evidencia-se também Thais Castro (2018), com a investigação intitulada “*Guerreiras pela liberdade: narrativas de gênero e libertação sobre as YPJ*”, que procura decompor as variadas narrativas criadas sobre as curdas em diferentes contextos políticos internacionais, na tentativa de identificar continuidades e rupturas nos significados de feminilidade, libertação e na relação destes com as mulheres.

² O ano de 2014 é conhecido nos estudos sobre as mulheres curdas e o olhar ocidental por marcar o início do que é percebido como o fascínio ocidental perante a YPJ (BROWNFIELD-STEIN, 2017). Isso se deve ao editorial do CNN, publicado em dezembro de 2014, colocando as guerrilheiras em sua lista de principais mulheres de 2014, por seu confronto contra o Estado Islâmico. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2014/12/19/business/gallery/leading-women-2014/index.html> >. Acesso em: 20 jul. 2020.

³ Dentre os veículos de mídia com seguimento online que reportaram sobre as curdas durante o recorte temporal escolhido, estes se destacaram por apresentarem os maiores volumes de publicações feitas. Para mais informações, consulte o capítulo 3.

Em meio a essas obras, busca-se oferecer aqui uma abordagem distinta, que propõe a análise da maneira como o ator midiático constrói a imagem simbólica de um grupo – cuja menção já traz à mente um leque de estereótipos baseados no poder – influenciando a forma como ele será percebido e tratado a um nível internacional. Esse tipo de abordagem se faz relevante não apenas pela contemporaneidade do tema, como por seu aspecto interseccional, visto que contempla debates sobre gênero, Oriente Médio e guerra. Acredita-se também que o fato de tratar dos curdos, que se distinguem por apresentarem uma proposta de estruturação social, política e ideológica *sui generis*, que aparentemente está sendo bem-sucedida, conceda à pesquisa seu valor. Por fim, deve-se salientar ainda o caráter interdisciplinar que ela carrega, ao conjugar os campos de estudo das Relações Internacionais com o de Comunicação, por lidar com o sujeito midiático.

Tendo em vista que esta pesquisa tem como objetos principais as guerrilheiras da YPJ, julga-se necessário mobilizar o debate teórico que se encaixa no campo dos estudos de gênero, guerra e militarismo. Isso porque se argumenta que a visão da mulher na guerra, no campo militar, por mais que não seja algo desconhecido, ainda causa inquietação, sendo isso um desdobramento direto da dicotomia de gênero presente em todas as esferas da sociedade, ainda mais no âmbito militar. Nesse sentido, foram mobilizadas autoras como Cynthia Enloe (2000), Laura Sjoberg e Caron Gentry (2007), Jean Bethke Elshtain (1995) e Maya Eichler (2015), cujas obras abordam a militarização de gênero e conceitos como masculinidade e feminilidade militarizadas, de grande importância para a investigação realizada. Ademais, considerando a natureza do estudo que se buscou fazer, foi usada uma lente teórica para auxiliar na compreensão de como o conhecimento sobre as mulheres orientais é formulado e transmitido por sujeitos ocidentais, sendo ela o orientalismo.

Pautada na obra homônima de Edward Said (2007), ela se refere à um estilo de visão, escrita e estudo orientado por imperativos, perspectivas e preconceitos ideológicos supostamente correspondentes ao Oriente, que carrega em seu cerne uma distinção epistemológica e ontológica entre o “Ocidente” e o “Oriente”. Mantendo-se nesse mesmo universo, mas com um viés feminista, este estudo teve como base abordagens como a de Meyda Yegenoglu (1998), que argumenta que as questões de gênero e sexualidade são aspectos importantes para a forma como o orientalismo é estruturado, haja vista que a representação da alteridade é alcançada, simultaneamente, através de modos de diferenciação culturais e sexuais. Finalmente, compreendendo a centralidade do tema mídia para esta investigação e reconhecendo-

a como um ator cujo poder emana de seu domínio sobre o conhecimento, foram também mobilizados autores da área para fundamentar esta dissertação. Assim, foram usadas obras como as de Patrick Charaudeau (2013), Robert Darnton (1990), Shani Orgad (2012) e Edward Herman e Noam Chomsky (2011) para analisar as formas pelas quais a instância midiática relaciona-se com o leitor; como o produto midiático é formulado tendo como base variáveis internas e externas e, a maneira pela qual a imprensa administra os objetivos e deveres assumidos.

No intuito de organizar as discussões e conjecturas levantadas, a dissertação se organiza em quatro capítulos e uma conclusão. O primeiro, intitulado “Orientalismo, militarização e a interseção de gênero”, consiste em duas subseções que trazem à tona o debate sobre orientalismo e a criação da Mulher Oriental; e a relação do feminino com a guerra. Já em “Os curdos: formação, aspecto político, ideologia e gênero”, o conteúdo é separado em quatro subseções, que abordam, respectivamente: o histórico do que se entende aqui como movimento curdo; o Confederalismo Democrático e sua relação com o feminismo curdo; a Revolução de Rojava ocorrida no Curdistão Sírio e a articulação feminina nesse contexto; e, por último, o aspecto militar e de defesa dessa região, visto a importância que este adquiriu perante a mídia internacional.

Em seguida, o terceiro capítulo dedica-se à questão da “Mídia, discurso e representação: explorando o discurso midiático acerca das curdas de Rojava”. Para tanto, seu primeiro seguimento apresenta o discurso midiático e o reconhecimento da mídia como um ator com poder social de criar sentidos e representações. Logo após, o capítulo volta-se para a metodologia utilizada na investigação, que se pautou na técnica desenvolvida por Patrick Charaudeau de mesclar as dimensões linguística e psicossocial ao fazer Análise de Discurso. No quarto capítulo, é discutida a identidade construída para as curdas, ora focando-se no *corpus* coletado no *The Guardian*, ora no referente ao *Daily Mail*. Isso se segue de um parecer final quanto à representação simbólica e a interpretação que a mídia promove sobre essas mulheres e, conseqüentemente, o movimento no qual elas estão inseridas.

Por fim, é apresentada a conclusão da dissertação, que traz um resumo das ideias e argumentos levantados no decorrer do estudo, bem como indica possíveis linhas de pesquisas que podem ser tomadas diante desse tema.

1 ORIENTALISMO, MILITARIZAÇÃO E SUA INTERSEÇÃO DE GÊNERO: UMA QUESTÃO TEÓRICA

Ao longo deste capítulo, serão apresentadas as lentes teóricas através das quais a investigação sobre a representação ocidental das mulheres curdas será feita. Elas foram escolhidas pois acredita-se que a construção de conhecimento sobre os sujeitos em pauta passa pelos debates sobre orientalismo e militarização, tendo em vista o contexto no qual se encontram. Para melhor abordar cada um deles, o capítulo será dividido em dois itens principais, que em si trarão à tona como cada debate é atravessado pela questão de gênero. Com isso, objetiva-se fornecer ao leitor os argumentos que justificam as conjecturas e constatações aqui elaboradas.

1.1 A lente orientalista e a criação da mulher oriental

Conhecimento, ou representação, está sempre interligado indissociavelmente com questões de poder, classe social e materialidade. O mundo social [...], como é visto, compreendido e descrito depende muito de quem o está descrevendo, de onde vêm, quais são seus interesses e o que podem ganhar ou perder com tais descrições.

Sankaran Krishna

Para se definir o Eu, é preciso que antes se determine tudo aquilo que isso não engloba; o que está no seu exterior, seu oposto, delimitando o Outro. Esse processo tradicionalmente compreende a criação de uma imagem transpassada de conotações que reforça a excelência do Eu em detrimento do Outro e a captura do poder de fala e representação deste pelo primeiro. Identifica-se tal recurso como a base da construção difundida, global e diacrônica da figura oriental. É precisamente sobre isso que Edward Said (2007) se propôs a dissertar quando trouxe à tona a ideia do Orientalismo, em seu livro homônimo. Palestino estabelecido nos Estados Unidos, Said desenvolveu sua teoria com base em sua vivência, procurando compreender como o conhecimento sobre os orientais se dá e que representação ele propaga. Diante disso, estabelece o orientalismo como uma área de estudo, de escrita e de visão que cimenta a distinção ontológica e epistemológica entre o 'Oriente' e o

‘Ocidente’, tendo como fundamentos uma rede solidamente estruturada de conceitos atribuídos ao oriental. Formulado no mundo europeu colonialista, aproximadamente ao final do século XVIII, esse discurso ganhou vida através de relatos de viagem, obras de arte, livros e fotografias, de forma que gradualmente se estabeleceu como uma disciplina e instituição ocidental autolegitimada para lidar com o Oriente, emitindo e validando verdades sobre ele e, por meio disso, reclamando sua autoridade e domínio sobre ele, instaurando uma clara relação de poder a seu favor.

No centro do palco por ele criado, o Ocidente se coloca como protagonista e narrador, detentor de mérito e de grandeza que o sustentam em sua posição de poder. Predisposto a sair de sua zona de conforto para desbravar o desconhecido, esse sujeito se imagina como virtuoso, racional, erudito, e, portanto, predestinado a analisar, resolver e dominar o problema que é o Oriente. Na mitologia orientalista, essa é uma terra misteriosa, exótica, inóspita e atrasada, cujos habitantes aparentam ser incivilizados, lascivos e mal-intencionados. Avaliando a forma como o orientalista se posiciona diante de seu objeto de estudo, identifica-se nele um ostensivo ímpeto por assumir uma posição panóptica em relação ao Outro. Como no empreendimento de Bentham descrito por Foucault (1999), o Ocidente deseja ser o observador onipotente e onipresente, que exerce o controle sobre seu alvo do alto de sua torre de vigilância. Ao se deparar, porém, com a incógnita que é o Oriente, seu caminho é obstruído, redirecionando-o a uma missão cujos propósitos são desvendar, para intervir e corrigir tudo aquilo que foge ao padrão por ele imposto.

Desse modo, constrói uma narrativa para sustentar sua meta. Nela, o povo árabe é tipificado como primitivo, preguiçoso, de política volátil e sem futuro, que não demonstra ter uma capacidade de cooperar e se manter em harmonia. De natureza oculta e dúbia, esconde possíveis riquezas atrás de uma contínua relutância em se abrir por completo à interferência ocidental. Diante desse panorama, o orientalista vê a necessidade em tomar esse lugar estranho, para incutir sua forma de vida e filosofias – que julga serem o ponto alto da evolução civilizatória – e assim salvar aqueles que ali se encontram do abismo de não ser ocidental, tornando-os um simulacro de sua realidade, imitações de um original perfeito.

Um grande fator de incômodo identificado no discurso orientalista é sua incapacidade de determinar com precisão a essência dos árabes. Descritos como elusivos, que se escondem atrás de uma membrana de proteção usualmente materializada em seus véus e haréns, eles fariam uso de dispositivos como esses

para se esquivar do olhar inquisitivo e ávido do ocidental. Essa falta de conhecimento pleno sobre seu objeto de estudo incita frustração no orientalista, que se sente privado de um controle que julga merecer e exercer. Na tentativa de contornar esse bloqueio, desenvolve conjecturas sobre o caráter do Outro e sobre o que estaria sendo mantido fora de seu alcance.

Nessa esteira, surge a noção de que o oriental é um ser infantilizado, de mente fraca e influenciável, que necessitaria de sua orientação para superar suas tradições culturais atrasadas e se modernizar. Além disso, ele é descrito também como dissimulado, calculista e astuto, que cultiva gostos sadomasoquistas e excessivamente sexuais, que atestariam assim sua má índole. A forma como esses julgamentos são repassados pode variar conforme as escolhas pessoais do orientalista, determinadas com base no propósito final de sua obra – fenômeno esse denominado como “orientalismo manifestado”. Como aponta Said, contudo, as noções que vão fundamentá-las partem de uma mesma base: o “orientalismo latente”, que fixa invariavelmente nos orientais estigmas como alienação, maleabilidade, excentricidade e depravação.

Ao final, independente do formato pelo qual a narrativa orientalista é disseminada, uma das mensagens que transmite é cristalina: por conta de suas naturezas, o Ocidente é o protagonista e o Oriente é seu coadjuvante passivo, que não é habilitado o suficiente para reclamar um espaço de fala para si e que será sempre visto pelo espectador pelos olhos do personagem principal. Diante disso, o oriental se vê preso em um regime de verdades criadas sobre si por outros e impostas como incontestáveis e imutáveis. Nesse cenário, não existe a possibilidade de se autodeterminarem, pois isso abriria uma brecha perigosa para uma possível mudança de paradigmas sociais, o que ameaçaria a balança de poder em prática. Além disso, como esclarece Timothy Mitchell (1991), em sua obra *Colonizing Egypt*

O que o orientalismo oferecia não era apenas um conhecimento técnico das línguas, crenças religiosas e métodos de governo orientais, mas uma série de diferenças absolutas por meio das quais o oriental pode ser compreendido como o oposto do europeu [...]. O Oriente era atrasado, irracional e desordenado, e, portanto, necessitado da ordem e autoridade europeia: a dominação do Ocidente sobre o mundo não ocidental dependia desse modo de criação de um Ocidente, uma auto identidade singular [...]. O Oriente foi criado como o aparente exterior do Ocidente; como com a cidade colonial, o que está fora é paradoxalmente o que torna o Ocidente o que é, a parte

excluída, porém integral, de seu poder e identidade (MITCHELL, 1991, p. 166 tradução do autor)⁴.

Uma tônica importante que permeia o orientalismo é o desejo pela posse e, como aponta Foucault (1999), esse poder tão cobiçado está diretamente vinculado com o saber. Para que seja estabelecida uma relação de poder, deve haver a constituição correlata de um campo do saber; este, por sua vez, sempre irá supor e constituir concomitantemente relações de poder. O monopólio do conhecimento sobre o Outro, portanto, traduz-se em poder social, político, ideológico e material, alicerces do sujeito soberano. Precisamente por isso, todos os esforços orientalistas se voltam não apenas para identificar o Oriente, mas embrenhar-se nele e lá impregnar sua doutrina, sedimentando seu império. Desse modo, a disciplina orientalista postula uma distinta penetrabilidade feminina que compõe seu objeto de estudo e que valida suas intenções e ações para com ele. Simbolicamente, é possível defender a ideia de que o Ocidente teria uma essência masculina e o Oriente uma feminina, tornando 'natural' o estabelecimento de uma relação de subjugação.

Existe, portanto, uma evidente conotação sexual no vínculo estabelecido entre essas figuras, representadas pelo herói erudito e imponente, que tem a força suficiente e o presumido direito de possuir essa mulher (e essa terra), inseminando-a com seu modo de vida ocidentalizado e concretizando sua trajetória de dominação. Seguindo essa linha de pensamento, é pertinente constatar que tanto a formulação do discurso orientalismo quanto o debate sobre ele estão impreterivelmente transpassados pelas questões de gênero e sexualidade. Para esse campo de conhecimento, o Oriente é a mulher e a mulher, o Oriente. Vale ressaltar que é justamente por não reconhecer como esse vínculo constitui profundamente o discurso orientalista que a obra de Said é considerada como preambular para o debate.

Ao escolher não engajar sua tese com o campo feminista, o autor se tornou alvo de críticas por relegar a questão da imagem e do papel da mulher no orientalismo a um subcampo de seu estudo⁵. Apesar disso, seu trabalho leva o devido mérito de

⁴ No original: "What Orientalism offered was not just a technical knowledge of Oriental languages, religious beliefs and methods of government, but a series of absolute differences according to which the Oriental could be understood as the negative of the European [...] The Orient was backward, irrational, and disordered, and therefore in need of European order and authority: the domination of the West over the non-Western world depended on this manner of creating a 'West', a singular Western self-identity [...] paradoxically what makes the West what it is, the excluded yet integral part of its identity and power."

⁵ Apesar de ele mesmo reconhecer, através de sua obra *Culture and Imperialism* (1994), como os estudos sobre o Oriente Médio têm sido dominados pela visão masculina e como as autoras

ter aberto um espaço para que outros pudessem fazer contribuições que refletissem sobre a centralidade da mulher, do gênero e da sexualidade para o tema (ABU-LUGHOD, 2001). Por meio da articulação de outras visões, que majoritariamente partem do campo dos estudos de gênero, pôde-se compreender a esquizofrenia e o reducionismo por trás da construção da figura de dupla personalidade que é incorporada na mulher oriental e que serve como uma parábola para sua civilização esfíngica.

Em uma de suas encarnações, ela é delineada como uma prisioneira de sua sociedade. Confinada por sua família e por suas vestimentas, ela é projetada como vítima de sua própria cultura e religião, ambas extremamente patriarcais e fundamentalistas, que são postas como o completo oposto dos costumes e da doutrina ocidentais. Mantidas sob uma redoma obscura e sendo constantemente vigiadas e controladas pelos homens que as rodeiam, são imbuídas ainda de um ar virginal que atrai a atenção do sujeito que não pode tê-las. Por serem relegadas à reclusão, são pintadas como seres simplórios, apolíticos, submissos e tradicionais, sem nenhum poder de agência.

Esse tipo de construção tem como propósito embasar uma retórica salvacionista, por meio da qual o sujeito ocidental se posiciona como o salvador da história, que, imerso em uma luta altruísta pela dignidade e pelos direitos das mulheres orientais, deve impor sua presença no Oriente para resgatá-la. Assim se justifica o enredo hegemônico descrito por Gayatri Spivak (2014), no qual homens brancos, procurando salvar mulheres de pele escura de homens de pele escura, impõem sobre elas constrições ideológicas que têm por finalidade identificar sua cultura de origem como incivil em todas as instâncias e legitimar os modos ocidentais como o ideal a ser implementado e emulado, para que então possam se tornar agentes de suas próprias vidas. Consequentemente, a libertação sempre virá do Ocidente, que representa um contraponto à barbaridade inerente do oriental (ABU-LUGHOD, 2002).

É importante salientar que o dito enclausuramento dessa mulher aguça a imaginação ocidental, que toma contornos destacadamente sexuais ao construir sua figura. Na tentativa de compreender esse fenômeno, esbarra-se no argumento de Peter Brooks (1993), em sua obra *Body Works: Objects of Desire in Modern Narrative*, que afirma que

feministas têm tido um importante papel em minar essa postura hegemônica, Said não articula seu trabalho diretamente com argumentos feministas.

O trabalho de recentes historiadores sociais confirma a percepção de que quanto mais o corpo, especialmente o corpo feminino, é coberto por camadas de roupas [...] mais atenção é dirigida a despi-lo, e maior é o investimento erótico nos acessórios que precisam ser removidos no processo (BROOKS, 1993, p. 105, tradução do autor)⁶.

De acordo com Brooks, a busca pela verdade implica a procura pelo desvelamento do objeto analisado, pela exposição de seus contornos, tendo em vista que o desejo pelo conhecimento é transpassado pela curiosidade, pelo investimento erótico e pelo anseio por controle. Além disso, em meio a uma tradição pautada na economia patriarcal, esse objeto/corpo que precisa estar desnudo é sempre o feminino, alvo de um olhar invariavelmente masculino. No contexto orientalista, isso se traduz na obsessão com o corpo da mulher oriental; nos limites impostos entre ele e a mirada ocidental; e em quais regalias estão sendo negadas ao Ocidente quando este é impedido de possuí-lo. Sempre imaginada coberta da cabeça aos pés por véus que não só impedem o exercício panóptico da visão ocidental como invertem as posições, na retórica orientalista essas mulheres podem ver tudo sem serem vistas, permitindo que mantenham sua verdadeira essência escondida.

Dessa lógica parte a outra personagem traçada com relação à mulher oriental, que, baseada na insatisfação que a falta de controle incita no orientalista, é classificada como ardilosa, ameaçadora, mística e sedutora. Por estar de certa forma protegida pelo anonimato que o uso do véu lhe oferece, ela presumidamente possui uma licença sexual e social para cometer atos – pautados em práticas culturais orientais como a poligamia – considerados subversivos na perspectiva conservadora ocidental. Os desejos ocidentais que não se concretizam em sua vivência real aparecem assim nos clichês que criam sobre o Outro e que, nesse caso, se manifestam através da fantasia orientalista dos haréns que exalam a opulência e a libidinosidade do Oriente, com diversas mulheres exóticas e de sexualidade extrema, completamente submetidas à dominação masculina e dispostas a satisfazer todas as suas vontades. Diante disso, o feminino oriental e o espaço onde ele é exteriorizado são tidos como áreas de risco e tentação, que podem pôr em risco a decência e a nobreza ocidental (GRAHAM-BROWN, 2003; YEGENOGLU, 2001).

⁶ No original: “*The work of recent social historians confirms the perception that the more the body, especially the female body, becomes covered with layers of clothing... the more attention is directed to undressing it, and the more erotic investment is made in the accessory objects that need to be removed in the undressing*”.

A articulação dos perfis traçados acima dependerá da escolha do orientalista na formulação de seu discurso. No entanto, seu conteúdo basilar terá impreterivelmente o mesmo efeito: a coisificação da mulher oriental como um artifício de sua narrativa hegemônica. Ao ser sempre figurada como uma possessão masculina, seu poder de auto representação é tolhido, para dar espaço à voz orientalista. Esta, ao essencializar a experiência feminina oriental apresentando apenas duas formas de existência, ambas fortemente objetificadas por sua cultura, dissemina sua mensagem apontando tudo o que há de errado com a sociedade oriental, como uma confirmação da superioridade do Ocidente. Identifica-se, portanto, uma necessidade estrutural orientalista de difundir um discurso que classifica a alteridade como algo negativo.

Partindo do pressuposto de que os sistemas sociais do Ocidente e do Oriente se apoiam em princípios diametralmente opostos, utiliza a questão da mulher para sustentar sua fala. Disso parte sua análise de que a civilização oriental sempre foi e será fundamentada na separação dos sexos e no isolamento pleno feminino, divergindo então da sociedade ocidental, que presumidamente não compactua com esse modo de marginalização feminina e que prega a unidade social. Logo, a mulher é instrumentalizada em prol da criação de uma diferenciação absoluta entre os lados, que posiciona a norma e a positividade no Ocidente, como um ambiente que celebra a liberdade e a integridade do indivíduo, independente da diferença sexual.

Como foi esclarecido durante esse item, o esforço orientalista mostra-se voltado para a autodeterminação através da diferença. Por meio do negativismo cristalizado na imagem geral do Oriente e nas representações específicas de suas mulheres, o orientalista procura validar a superioridade de seus valores e seu modo de vida. Nesse processo, conforme aponta Meyda Yegenoglu (2001), é estabelecida a imutabilidade dos status, de forma que sempre há de haver uma polarização entre o Ocidente e o Oriente, para garantir a sustentação de seu domínio. A partir dessa lógica, o Outro deve ser anormal, pois o Eu deve seguir sendo a norma. Assumir essa postura hostil perante o Outro torna-se, com efeito, uma pré-condição na constituição do sujeito como soberano. Compreende-se, portanto, que a força real do orientalismo como discurso emana de sua capacidade de fabricar seu próprio objeto de estudo e de produzir, nesse ínterim, um regimento de verdades sobre ele altamente dissemináveis; recursos os quais o permitem fixar sua própria identidade e poder.

Esse item buscou apresentar os principais pontos trabalhados tanto por Edward Said como pelos demais autores que se engajaram com a teoria do orientalismo e suas repercussões para os estudos de gênero. As noções expostas durante esse processo serão aplicadas posteriormente, no decorrer do capítulo 3, onde será feita a investigação sobre a representação das mulheres curdas pela mídia ocidental.

1.2 O feminino e a guerra

Como mulher e guerra se relacionam? A visão da mulher em um cenário militar, por mais que não seja algo desconhecido, ainda causa inquietação, pois fomos socialmente disciplinados a vincular a imagem dos campos de batalha com as de homens atuando como soldados, enquanto as mulheres ocupavam as margens, assumindo seus papéis de coadjuvantes, que apenas lidam com as repercussões do que ocorre às suas voltas. Como Jean Bethke Elshtain (1995) coloca

No que se refere às mulheres e a guerra, somos convidadas a nos afastar. A guerra é dos homens: homens são os autores históricos da violência organizada. Sim, mulheres têm sido atraídas para isso – e foram compelidas a observar, a sofrer, a lidar com, a ficar de luto, a honrar, a adorar, a testemunhar, a trabalhar. Mas os homens são os que descrevem e definem a guerra, e as mulheres são “afetadas” por ela: elas “majoritariamente reagem” (ELSHTAIN, 1995, p. 164, tradução do autor)⁷.

Parte importante da força por trás desse fenômeno encontra-se na figura da instituição militar, de forma que compreender como ela é estruturada é crucial para assimilar a interseção entre gênero e guerra. O que feministas descobriram ao refazerem o percurso que leva ao centro da doutrina militar é que esta funciona a partir de uma lógica de hierarquia sexual e de performance de gênero⁸, ambas postas como imprescindíveis para seu pleno funcionamento e que pautam o foco militar na predileção do masculino, fazendo das forças armadas um ambiente projetado por e para homens. Nesse âmbito, nasce a específica noção de masculinidade militarizada,

⁷ No original: *“In the matter of women and war we are invited to turn away. War is men’s: men are the historic authors of organized violence. Yes, women have been drawn in – and they have been required to observe, suffer, cope, mourn, honor, adore, witness, work. But the men have done the describing and defining of war, and the women are ‘affected’ by it: they ‘mostly react’”*.

⁸ Seguindo a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler (1988), entende-se que essa forma de categorização social não apenas é criada socialmente, como seu processo de estabelecimento ocorre conforme o tempo. De acordo com Butler, a formação do gênero se dá através de uma repetição estilizada de atos e de uma estilização do corpo, como em uma peça teatral, que pode variar diacronicamente. Dessa forma, gestos, movimentos e representações variadas acabam por fornecer uma ilusão de um Eu fixado por um gênero específico, quando, na realidade, não existe uma identidade estável.

empregada como o modelo ideal a ser reproduzido. Expressando uma visão reducionista do homem, esse princípio estabelece que comportamentos agressivos, competição, dominação e uma inclinação para a guerra são virtudes que vêm naturalmente para ele, sendo intrínsecos a esse tipo de masculinidade.

Nesse contexto, as forças armadas surgiriam como espaços próprios para a canalização desse potencial, através da criação do soldado perfeito, que é forte física e mentalmente, patriota, obediente, heterossexualmente competente; e destituído de fraquezas ‘femininas’, como sensibilidade e vulnerabilidade. É apagado assim qualquer traço de individualidade do sujeito perante a aceitação dos dogmas militares, bem como, através de sua conversão em uma máquina de guerra, ele é, de certa forma, exorcizado de quaisquer traços femininos que possa ter⁹. O espaço militarizado então, que se alinha ao pressuposto de que masculinidade significa dominação e violência, não apenas requer como pressiona esse indivíduo a provar sua virilidade a todo instante, exigindo dele postura, mentalidade e atos que expressem sua estoicidade e sua belicosidade. Assim, por mais que seja promovido esse arquétipo do soldado heterossexual e hipermasculinizado¹⁰ como algo rígido e inabalável, percebe-se uma necessidade extrema e constante de autoafirmação do soldado como macho dominante, demonstrando a fragilidade inerente à dicotomia de gênero.

Em um cenário projetado no qual sua performance não satisfaz as prescrições da masculinidade militarizada, ele não apenas deixa de ser considerado como parte da fraternidade militar¹¹, como é simbolicamente rebaixado ao status de feminino, perdendo seu valor e sua distinção para a instituição militar. Diante disso, fugir das normas de gênero não é posta como uma opção viável. Observa-se, portanto, que o *modus operandi* de grupos armados é atrair jovens – prioritariamente homens – com

⁹ A forma como o soldado é concatenado passa por métodos muitas vezes atroz, envolvendo humilhação, ameaças, assédio psicológico e sexual e violência física. A meta final é fragmentar o indivíduo e refazê-lo como uma peça na máquina militar, totalmente dependente dela para se auto afirmar. A ligação forjada é tão forte que, ao final, os soldados se mostram capazes até mesmo de reproduzir comportamentos que não concordariam caso agissem individualmente, apenas para obedecer seus superiores e o ente militar (WHITWORTH, 2004).

¹⁰ Por hipermasculinidade, entende-se a incitação hiperbólica de signos classificados como masculinos, como estoicidade, reações militarizadas e vingativas e uma fixação por ordem, controle e poder. Respostas hipermasculinizadas tendem a ocorrer quando os sujeitos sentem que suas masculinidades estão sob ameaça (NAYAK, 2006).

¹¹ No processo de construção do soldado, é inculcado nele uma profunda veneração pela instituição militar, idealizada não só como a matriz de sua masculinidade, mas também como uma fraternidade, onde todos seus membros são extremamente fieis uns aos outros, por partilharem das mesmas experiências. A possibilidade dele não mais ser tido como um componente daquele ambiente tem o grande potencial de desestabilizá-lo (BAAZ; STERN, 2009).

a oportunidade de se tornarem 'homens de verdade', apelando não apenas para suas incertezas quanto a sua masculinidade como para a tentação de entrarem em um clube seletivo que impõe a superioridade masculina e lhes garante acesso aos louros disso advindos. (PETERSON; RUNYAN, 2014; BAAZ; STERN, 2009; WHITWORTH, 2004).

Dado o contexto analisado, onde se encaixariam as mulheres?

O reflexo da criação de um paradigma específico para o homem soldado é a imposição simultânea de fronteiras para as mulheres no cenário militar, dada através do controle individual e coletivo do comportamento e da mente femininos. Escorando-se no argumento de que o funcionamento eficaz do complexo militar-industrial-civil depende da aquiescência por todos dos papéis de gênero tradicionalmente forçados na sociedade, a cultura militar idealizou um protótipo de feminilidade militarizada, que defende que a participação da mulher na guerra deve se manter passiva e modesta, em vista de suas características e habilidades. Falando de um lugar-comum, mulheres são imediatamente associadas com a passividade, uma necessidade por proteção e um dom para a reprodução, atributos que não teriam espaço militarmente. Para atuarem em uma esfera de confronto, sendo seres feminilizados, somente poderiam realizar tarefas que não sejam diretamente violentas, tidas como auxiliares para o pleno trabalho masculino, por não terem as qualidades (masculinas) necessárias para o combate, como racionalidade, bravura e brutalidade. Seguindo essa esteira, caem em papéis como os de enfermeiras, mães e prostitutas, que, de uma forma ou de outra, servem ao 'bem-estar' do homem (SJOBORG; VIA, 2010; BAAZ; STERN, 2009).

Como duas faces de uma mesma moeda, assim aparecem os homens e as mulheres para a cultura militar. Avaliando a máxima militar que presume a existência de uma afinidade natural entre *homem x guerra* e *mulher x paz*, Jean Bethke Elshtain (1995) introduziu dois conceitos complementares, que representam, simbolicamente, essa projeção simplificada e dicotômica do corpo social. Por um lado, encontra-se o "Guerreiro Justo" (*Just Warrior*), a materialização do soldado perfeito: vigoroso; apto e disposto a cometer atos devastadores para proteger os inocentes, sua pátria e sua propriedade; e biologicamente projetado para o combate. Sua violência é moralizada, entendida como uma prática despersonalizada, estrutural e idealizada. Em contrapartida, tem-se a mulher incorporada na "Alma Bela" (*Beautiful Soul*), cuja proteção é *casus belli* suficiente para o guerreiro. Designada automaticamente como

não-combatente, por conta de seu papel central no processo reprodutivo, ela é tipificada como pacífica, vulnerável e comedida, um repositório da virtude de sua nação. Como não tem a maestria necessária para a guerra, fica relegada a cuidar dos feridos, lamentar as perdas e encorajar 'homens a agirem como homens', louvando os heróis corajosos e condenando os covardes.

Existe, portanto, um bloqueio institucionalmente implantado para conter a atuação direta feminina na esfera militar, vista como uma perversão das regras socialmente impostas e respaldadas em argumentos que partem de uma lógica machista e essencialista quanto às identidades de gênero e suas capacidades. Entendendo ainda que o recurso à violência é considerado como a maior prerrogativa masculina e que a mulher carrega a legenda conservadora de ser maternal, pacífica e apolítica, a simples projeção da violência feminina gera aversão e contestação. O fenômeno de uma mulher engajada em atos agressivos é visto como errado, uma aberração (MANN, 2015; GAGNON, 2013).

Como ficam, então, as mulheres que desafiam esses entraves e reclamam seu lugar no âmbito de guerra?

Como foi estabelecido até aqui, a instituição militar funciona a partir de um sistema intrinsecamente patriarcal, que se estrutura em prol da fixação e manutenção dos papéis de gênero tradicionais. Conforme argumentam Sjoberg e Peet (2011), a masculinidade militarizada depende do estabelecimento da feminilidade como seu oposto e subordinado, uma vez que os 'homens de verdade' – que seriam incorporados pelos soldados – só poderiam ser considerados como heróis na ocasião de existirem 'mulheres inocentes e fracas' para serem salvas. Isso é naturalmente aceito como uma pré-condição para o funcionamento efetivo do ente militar, pois, presumidamente, garante a união e coerência de pensamento e ação entre seus soldados, os mantendo eficazes em guerra.

Diante disso, às mulheres que se tornam soldadas é imposta uma prescrição contraditória: assumirem a postura de Guerreiros Justos enquanto mantêm sua estrutura e seu exterior de Almas Belas. Para que sejam respeitadas entre seus parceiros de combate, devem, portanto, emular traços masculinos em termos de capacidades físicas e sociais, provando serem inexoráveis e racionais como os homens. Por mais que treinem, vistam uniformes e carreguem armas, suas figuras e seu cerne, contudo, devem permanecer femininas, distanciando-as de um visual masculinizado que distorceria as fronteiras entre de gênero. Desse modo, a

participação feminina na guerra só poderia ocorrer se a mulher atendesse os requisitos tradicionais da masculinidade enquanto preservasse sua feminilidade, nunca escapando da natureza. Sjoberg e Gentry (2007) exemplificam esse formato de combatente da seguinte maneira:

A mulher militarizada de hoje [...] é forte, mas não arbitrariamente violenta. Ela é corajosa, mas precisa dos homens a sua volta para sobreviver. Ela é treinada, mas não consegue ser autossuficiente. Ela é frágil, mas consegue esconder isso. Ela é sexy, mas não sensual. Ela consegue lutar, mas seu tipo de luta é limpo: ela não consegue cometer crueldade ou tortura. Ela nunca está longe de seus instintos maternos. Ela é uma soldada e uma participante, mas ainda é fundamentalmente inocente. O tipo ideal de feminilidade militarizada espera que a mulher soldada seja tão capaz quanto um homem soldado, mas tão vulnerável como uma mulher civil (SJOBORG; GENTRY, 2007, p. 86, tradução do autor)¹².

Em razão do grande medo de que a instituição militar seja subvertida com a admissão de mulheres combatentes, perdendo seu status de última instância de hegemonia heterossexual hipermasculinizada, sua entrada é mantida refém de prescrições sociais de gênero. Logo, não existe uma reformulação espontânea dos fundamentos que regem aquele ambiente voltada para o acolhimento da mulher, mas sim a imposição de que ela se adapte ao modelo vigente, afastando, com isso, a ameaça de uma feminilização do espaço militar. Por conseguinte, testemunha-se a marginalização feminina dentro desse sistema, que muitas vezes inclui a reprodução de atos que violam a integridade das combatentes, como assédio e violência sexual (ENLOE, 2000; JACOBY, 2010).

A imposição de identidades de gênero estáticas e a promoção da masculinidade por meio da degradação da feminilidade encontram-se tão arraigadas no cenário militar que sua ruptura e reestruturação só seriam possíveis mediante um esforço de quebra de paradigmas profundos, ultrapassando a simples exterioridade de permitirem que mulheres sejam soldadas. Para que haja uma transformação efetiva, o foco deve ser posto na restauração da cultura militar como um todo, algo que, inclusive, repercutiria para além das fronteiras dos campos de batalha.

¹² No original: *“Today’s militarized woman... is tough, but not wantonly violent. She is brave, but needs the men around her to survive. She is trained, but cannot be self-sufficient. She is fragile, but puts on her game face. She is sexy, but not sexual. She can fight, but the kind of fighting she can do is sanitized: she cannot engage in cruelty or torture. She is never far from her maternal instincts. She is a soldier and a participant, but fundamentally still innocent. The ideal-type of militarized femininity expects a woman soldier to be as capable as a male soldier, but as vulnerable as a civilian woman.”*

Considerando a forma como a maioria das sociedades se organiza, entende-se que a instituição militar segue sendo um dos entes de maior legitimidade e impacto social e político. A forma como se constitui e os princípios que carrega influenciam, portanto, tanto sua esfera quanto as demais. Esse poder se faz sentir através do militarismo, ideologia que enaltece o complexo militar e seus membros em detrimento da sociedade civil, privilegiando seus valores e práticas frente aos demais. E, como foi exposto durante essa seção, um dos aspectos mais destacados dessa doutrina é a maneira como depende de e reproduz preceitos simplistas de gênero, que auxiliam na cristalização de relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Assim, através do processo de militarização, a referida doutrina militar transborda para o âmbito civil, modificando os significados e usos de pessoas, coisas e ideias conforme dita essa cultura (VAGTS, 1959; EICHLER, 2019).

Como um desdobramento, o processo de alteridade é potencializado e as identidades masculinas e femininas militarizadas são normalizadas. Isso transcorre gradativamente, mediante a incorporação de aspectos militares pequenos e grandes na vida social, de forma que, ao fim, a essência militar converte-se em parte da cultura de massa. Bem como Ronni Alexander (2019) estabelece, esse fenômeno ocorre a tal ponto que a 'militarização-de-todo-dia' se torna invisível.

Diante disso, compreende-se o peso e o poder que o militarismo exerce socialmente, disseminando em larga escala princípios e representações patriarcais, machistas, discriminatórias e restritivas. Logo, por mais desafiadora e transgressora que seja a integração de mulheres em postos de combate, ao representar o enfrentamento de um sistema muito bem consolidado e amplamente estabelecido, este é apenas o primeiro passo de uma reforma que deve ser mais profunda e ampla.

Não existirá, de fato, uma erradicação automática da desigualdade de gênero, formal e informal, perante a mera imagem de mulheres em uniformes carregando armas. Para haver uma mudança consolidada, a cultura militar precisa ser repensada e reconstruída, de forma que supere sua fixação com gênero e transcenda para além de ser um instrumento de dominação masculina ideológica e física. Em face dos conceitos e argumentos apresentados nessa seção, será visto nos próximos capítulos como eles se aplicam ao contexto curdo de agência feminina militar, bem como influenciam em uma leitura e representação ocidental sobre o assunto.

2 OS CURDOS: FORMAÇÃO, ASPECTO POLÍTICO, IDEOLOGIA E GÊNERO

No decorrer desse capítulo, o foco principal é o movimento curdo sírio, em um enfoque de gênero. À vista disso, o trabalho encontra-se dividido em quatro itens: o primeiro apresenta o movimento curdo, analisando sua concepção; o segundo lida com os aspectos políticos e ideológicos que embasam a causa curda; o terceiro aborda a criação e a estruturação de Rojava, o Curdistão Sírio; e o quarto discorre sobre a questão da defesa curda síria, passando por sua ordenação e seu vínculo com a guerra civil síria. É importante ressaltar que, devido ao objeto de estudo serem as mulheres curdas de Rojava, todos os itens do capítulo evidenciam como a questão feminista se formou no âmbito do movimento curdo e se tornou uma de suas características mais marcantes.

2.1 Quem são os curdos?

Caracterizados como a maior nação sem Estado no mundo, os curdos são um povo que apresenta uma forte identidade nacional. Por mais que estejam espalhados entre Síria, Turquia, Irã e Iraque, com diásporas na Europa e no Oriente Médio, demonstram ser guiados por uma sólida base ideológica e política, transmitindo uma imagem de uniformidade sobre o movimento. Ocupando principalmente uma área montanhosa, que se estende da Cordilheira do Zagros e dos Montes Tauro até o Sul da Mesopotâmia e Norte da antiga Anatólia armênia, a região curda encontra-se historicamente posicionada no meio de disputas territoriais envolvendo Estados já consolidados, que resultaram em um amplo registro de discriminação, marginalização, lutas e de vitimação dessa minoria.

Apesar da insuficiência de dados confiáveis para determinar a demografia desse povo, estima-se que existem cerca de trinta milhões de curdos atualmente. Falam, em sua maioria, o kurmanji, apresentando ainda uma série de dialetos mais localizados, usados em grupos menores. Quanto à questão religiosa, têm o sunismo como a corrente predominante, sendo praticada por 75% da população, enquanto os demais se dividem entre outras vertentes do Islamismo – como xiismo, alevismo, yazidismo e Ahl-i-Haqq –, bem como entre o cristianismo, o judaísmo e o davidianismo. No entanto, o movimento curdo declara-se como secular (YILDIZ, 2005; ROMANO; 2016).

Na genealogia da questão curda, o conceito de Estado-Nação tem centralidade, bem como as repercussões dessa questão nas interações ocorridas com os atores poderosos da região. A busca por reconhecimento internacional e por autodeterminação conduziu os curdos a estabelecerem, como uma de suas metas iniciais, a formação de um Estado para si mesmo, o que obviamente esbarrou nos interesses e objetivos dos governos onde estão inseridos. De fato, o povo curdo já esteve bem próximo de alcançar essa meta, mais precisamente durante o período pós-Primeira Guerra Mundial. Com a queda do Império Otomano, surgiu uma oportunidade de redefinição das fronteiras nacionais daquela região pelas forças ocidentais, culminando no Acordo de Sykes-Picot, que retirou a maior parte da Anatólia do controle dos turcos e deixou sob o poder britânico os territórios habitados pelos curdos.

Tendo em vista o crescente interesse pela área de Mossul (localizada no atual território do Iraque) e o anseio de que a recente ascensão do movimento kemalista¹³ na Turquia a impedisse de concretizar seus planos para a região, a Inglaterra decidiu que precisava de uma zona-tampão, concebendo assim a ideia de formar um Estado curdo e outro armênio (YILDIZ, 2005). Diante disso, surgiu o Tratado de Sèvres (1920), entre os aliados e a Turquia, que se propunha a contemplar as reivindicações das minorias étnicas e religiosas ali presentes, retirando com isso parte do território turco. Os curdos, portanto, começaram a vislumbrar a possibilidade de instaurarem finalmente o Curdistão. Nesse ínterim, contudo, o governo central da Turquia foi alvo de um golpe de Estado pelos kemalistas, que acabaram estabelecendo o regime de Mustafa Kemal Atatürk, obstruindo assim que o acordo fosse firmado.

Frente a isso, e buscando zelar pelos seus negócios na Mesopotâmia, os britânicos decidiram por não seguir adiante com sua promessa aos curdos, preferindo estabelecer um acordo que, de alguma forma, agradasse a Atatürk. Assim nasceu o Tratado de Lausanne (1923), que delimitou o território turco como é conhecido hoje, englobando as áreas curdas. Como desdobramento dessas decisões, foi incitada também a anexação forçada por parte dos governos sírio, iraquiano e iraniano da população curda que se encontrava em seus Estados. É possível apontar esse

¹³ Movimento de resistência turco liderado por Mustafa Kemal Atatürk. Iniciado após a vitória dos Aliados na Primeira Guerra Mundial e a subsequente rendição da Turquia, este acontecimento marcou o começo da revolução no país (KILI, 1980).

episódio como um ponto central na formação da questão curda e no desenvolvimento da mentalidade que atualmente guia esse povo (TORELLI, 2016).

Ao serem oficialmente divididos entre diferentes Estados-Nações, os curdos passaram a ser sistematicamente sujeitos a discriminação e à opressão por governos motivados por seu nacionalismo. Na Turquia, o projeto levado a cabo foi o de acabar com a identidade curda, empregando o argumento de que tal povo não existia, sendo eles na verdade ‘turcos das montanhas’ (*mountain turks*). Privados de direitos políticos e civis, os curdos enfrentaram uma campanha de apagamento de sua presença na história pela Turquia. Uma segunda camada de intolerância foi identificada ainda no tratamento das mulheres curdas, que não só foram vítimas de hostilidade por conta de sua etnia, como também pelo seu gênero. Deslegitimando sua luta, o Estado turco declarava que seu único papel no movimento curdo era próximo ao de prostitutas. Até mesmo os grupos feministas atuantes em Ankara relegaram-nas à exclusão, com base em seus dogmas nacionalistas, retratando as curdas como antiquadas e desmerecedoras do mesmo tipo de tratamento das turcas (DIRIK, 2015).

Não menos extremo foi o caso na Síria, que pôs em prática uma dura política de arabização, recrudescida a partir dos anos de 1960. Buscando garantir a hegemonia árabe no Estado, a retórica posta em ação foi a de caracterizar os curdos como uma das maiores ameaças internas e como imigrantes vindos da Turquia, apagando assim o vínculo histórico dessa população com o território sírio. A estratégia usada agia em três pontos principais: língua; terra; cidadania.

A língua curda, que já não era reconhecida pelo governo previamente, chegou a ser banida oficialmente por volta de 1980. Dessa forma, o uso do kurmanji tornou-se proibido em locais de trabalho, escolas e publicações, escalando ao ponto de nomes de lugares serem arabizados e de ser negado o registro de crianças com nomes curdos. Em decorrência dessa política, o ensino da cultura e história curdas foi prejudicado, sendo meramente contemplado em um ambiente informal e privado, ou seja, o lar.

Na questão da terra, o governo expropriou as terras curdas. Por serem regiões economicamente prolíficas – onde a produção de trigo, azeite, tabaco, frutais e vegetais prosperaria – o anseio de perdê-las para um vislumbrado Estado curdo era grande demais. Com isso, houve um reassentamento de grupos de cidadãos árabes em tais áreas, o que, combinado ao fato dos curdos não poderem ter negócios próprios, travou o avanço econômico dessa minoria. Ademais, como um agravante

da situação, em 1962 o governo sírio retirou o status de cidadão dos curdos, que foram reclassificados como estrangeiros ou até mesmo indivíduos não registrados, destituindo-os de seus direitos civis e políticos. Com isso, o casamento entre sírios e curdos não era mais reconhecido legalmente, de forma que, caso uma síria se casasse com um curdo, ela perderia sua cidadania. Além disso, a educação passou a ser negada para pessoas curdas, o que as tornava incapazes de se especializarem, destinando-os assim a formarem uma camada de mão de obra não especializada e mal remunerada. Essa discriminação estatal levou muitos curdos a se alistarem para cargos militares – uma das únicas ocupações das quais eles não haviam sido privados– e lá se manterem mais do que o tempo normalmente necessário, dependendo assim de um emprego que demandava lealdade ao regime perante o qual eles eram contrários (YILDIZ, 2005).

Avaliando as condições de vida impostas a esse grupo étnico, não é de surpreender que o sentimento de revolta e indignação tenha se alastrado com facilidade, impulsionando a organização de um movimento reivindicador. O ponto de partida dessa questão encontra-se precisamente na criação de um partido e na ascensão de um venerado líder, que até hoje influenciam a forma como o povo curdo vive e se estrutura. Por volta de 1968, a Turquia mergulhou em um período de instabilidade política, com o despontar de uma série de revoltas populares e uma bruta e repressiva reposta do regime¹⁴. Em meio a isso, foi visto um aumento na violência e na intolerância direcionadas à parcela curda dessa população, incitando a instituição de um grupo que lutasse por sua liberdade. Assim, em 1978, conduzido por Abdullah Öcalan, surgiu o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK – *Partiya Karkerên Kurdistan*).

Inspirado pelos movimentos pós-colonialistas e tendo como base pressupostos socialistas, o PKK apresentou-se desde seu começo como um projeto de libertação curda e democratização da sociedade. Tomando para si a tarefa de representar todo seu povo e pautando-se nas antigas pretensões curdas, esse ente delineou como meta a instituição de um Estado-Nação plenamente curdo. E o que surgiu como um grupo de aspirações políticas formado em núcleos universitários rapidamente escalou

¹⁴ De 1968 a 1971, a Turquia foi tomada por uma onda de protestos sociais violentos contra o governo, iniciados por estudantes e posteriormente abraçados por outros setores da sociedade, como operários e servidores públicos. Esse embate deixou o governo à beira de um colapso, culminando na segunda intervenção militar da história republicana do país, em 1971, tendo a primeira ocorrido em 1960 (ALPER, 2010).

para uma organização de base popular, contando com uma guerrilha bastante ativa. Dado o perfil autoritário do regime turco, bem como seu já conhecido histórico de tratamento com as minorias, fica claro que sua reação ao PKK foi de pronta ofensiva. Essa relação hostil fez – e continua fazendo – milhares de vítimas, difundindo progressivamente o ódio entre ambos os lados (IN DER MAUR; STAAL, 2015; DIRIK, 2015).

Um fator que floresceu em paralelo a isso foi a agência feminina curda. As mulheres sempre estiveram presentes no movimento em prol da independência curda; contudo, para se firmarem como personagens relevantes nessa trama, tiveram que superar diversos obstáculos impostos pela tradicional concepção de sociedade e de seus atores. De fato, sua politização tornou-se mais concreta e ativa após o golpe militar turco de 1980¹⁵, que reverberou violentamente entre as minorias do país. No que se refere aos curdos, elas foram alvos de atos como limpeza étnica de vilarejos e deslocamento forçados, fomentando a prolongação do conflito armado entre o exército turco e o PKK. Paralelamente, foi vista uma ascensão de curdas protestando sobre o desaparecimento de seus maridos e filhos, que eram, em sua maioria, ativistas políticos ou membros da guerrilha. O maior passo dado quanto a isso ocorreu em 1990, quando esse grupo começou a se organizar institucionalmente, através do Movimento de Mulheres Curdas.

Com a crescente tomada de poder pelo PKK dentro da Turquia, as curdas obtiveram um agudo destaque pelo trabalho que vinham realizando em posições políticas e administrativas. Receberam ainda bastante atenção quando se tornaram mais presentes na guerrilha, como combatentes, agindo lado a lado dos homens. Foram levadas a isso não só pela vontade de proteger o povo curdo, como também na tentativa de acabarem com o machismo enraizado na sociedade, sentido por elas através de práticas como controle patriarcal, violência contra mulheres e casamentos forçados. É importante salientar, então, que sua batalha nesse contexto era – e continua sendo – dupla: de lutar contra a repressão da cultura e história curdas, assim

¹⁵ Liderado pelo general Kenan Evren, esse foi o terceiro golpe militar da história turca, ocasionado pela onda de conflitos entre milícias rivais da direita e esquerda do governo. Essa tomada de poder desencadeou um período brutal para a segurança dos turcos, por ter se desdobrado em uma série de prisões, práticas de tortura e execuções extrajudiciais. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/may/10/kenan-evren-leader-of-turkeys-1980-military-coup-and-former-president-dies> >. Acesso em: 17 ago. 2019.

como, internamente, pelo reconhecimento e poder de agência feminina (GUNTER, 2019).

O número de mulheres atuando nesses âmbitos, principalmente no militar, era grande, porém os valores patriarcais continuavam impregnados na sociedade, tendo como principal alvo as combatentes. Alguns guerrilheiros achavam difícil conceber a ideia de que teriam que acatar ordens vindas de soldadas, chegando até mesmo a se negar a aceitá-las em tal cargo. Além disso, existiam curdas que diziam não conseguir respeitar as mulheres que tomavam essas posições – que, seguindo a tradição seriam de homens – e ignoravam seus compromissos na esfera privada da sociedade. Em suma, ambos os tipos de posicionamentos citados não enxergavam essa entrada de mulheres na guerrilha como sendo a conquista de sua autonomia, mas sim a de retirada do poder dos homens. Mesmo assim, o Movimento das Mulheres Curdas prosseguiu em seu pleito¹⁶ e, conforme o número de alistamento feminino foi aumentando, foi percebida a necessidade de ser instaurado um novo tipo de organização, voltada integralmente para as mulheres. Seu foco declarado era capacitá-las para que se tornassem mais independentes, ganhando confiança e experiência em liderar, procurando assim desfazer a subordinação que tinham perante os homens.

Foi decidido, assim, durante o 5º Congresso do PKK que seria formada a Unidade das Mulheres Livres do Curdistão (YAJK – *Yekîtiya Azadiya Jinên Kurdistan*)¹⁷. Voltada para o preparo militar, político e social das guerrilheiras curdas, a YAJK nasceu com a meta de estimular seus membros a desenvolverem suas próprias perspectivas na vida, de forma que não precisassem emular características masculinas e não se sentissem meros reforços para a ‘força real’ vinda dos guerrilheiros. Através da YAJK, o Movimento de Mulheres Curdas buscou desmantelar as ideias típicas sobre a conduta e a natureza femininas, criadas pelo *status quo* social¹⁸. A partir de então, as milícias que integravam a YAJK conquistaram total

¹⁶ Nesse período, o Movimento de Mulheres Curdas conseguiu fundar sua primeira organização feminina, em Hannover (Alemanha), no ano de 1987. Sob o nome de União Patriótica de Mulheres do Curdistão (YJWK – *Yekîtiya Jinên Welatparêzen Kurdistanê*), o ente foi fundado em exílio por conta da repressão vinda do governo turco e tinha como meta desenvolver a auto-organização e luta das mulheres pela liberdade. Disponível em: < <http://www.kjk-online.org/hakkimizda/?lang=en> >. Acesso em: 14 ago. 2019.

¹⁷ Seu nome foi posteriormente trocado para Unidade Estrela das Mulheres Livres (YJA Star – *Yekîneyên Jinên Azad ên Star*) (TAX, 2016).

¹⁸ Cf. nota 17.

independência no planejamento de suas missões, contando apenas com comandantes mulheres. Parte desse avanço transbordou para as unidades do PKK, sendo implementada uma divisão de tarefas – como limpeza e preparo de comida – entre os homens e mulheres que atuavam nas guerrilhas mistas desse braço armado (TAX, 2016). Não se detendo nisso, instituíram também, em 1999, o primeiro partido político de mulheres e formularam uma nova ideologia sobre a emancipação feminina, que incitava a sociedade a se pautar em um novo conceito de poder que não o estatal.

Esse é o ponto de virada identificado na questão curda, momento no qual a percepção sobre as necessidades da sociedade e suas metas foram repensadas e ajustadas. Como foi supracitado, as mulheres sempre estiveram presentes no movimento curdo pela independência e autodeterminação, permaneciam, no entanto, em sua maior parte, em segundo plano. Quando conseguiam se destacar, muitas vezes tinham seus nomes vinculados aos de poderosos homens – pais, maridos, irmãos com cargos de prestígio na comunidade curda¹⁹. De fato, é inegável que houve uma quebra mais evidente desse padrão a partir dos anos 1990, e o sucesso das mulheres curdas turcas nesse processo é em muito devido ao seu movimento de institucionalização, ou seja, de criação de organismos onde pudessem atuar sozinhas. Não se deve menosprezar, contudo, a importância do apoio que receberam de uma figura central: o líder do PKK.

Mesmo antes desse momento, durante seus discursos, Abdullah Öcalan demonstrava estar consciente dos obstáculos presentes no meio social para o desenvolvimento das mulheres. Foi preciso, contudo, presenciar a organização ativa das curdas, bem como analisar os pontos por elas levantados, sobre a necessidade de quebra de paradigmas de gênero na sociedade, para que ele fizesse alguma coisa concreta em resposta a isto. Dessa forma, quase como uma pronta resposta a tais

¹⁹ O antropólogo Martin van Bruinessen (2001) aponta que, se comparadas com as mulheres de outros povos do Oriente Médio, as curdas disfrutavam de uma maior igualdade perante os homens, haja visto os casos de mulheres líderes de tribos. No entanto, ele argumenta que as que conseguiam se tornar chefes tribais e de exércitos deviam suas posições iniciais aos laços familiares que possuíam. Como exemplo, cita-se Adela Khamun – membro de uma família de *wazirs* (o equivalente a ministro) do antigo principado de Ardalan (atual nordeste iraniano) e esposa do chefe da casta Begzade (composta por outros nobres otomanos) e governador do distrito de Shahrizur (atual Curdistão iraquiano) – que ascendeu ao poder da tribo Jaf em 1909, após a morte de seu marido, permanecendo até seu próprio falecimento, em 1924, sem nunca ter sido desafiada. De acordo com Bruinessen, curdas como Adela conseguiram driblar as desvantagens socialmente impostas por serem mulheres através de tais ligações, tendo posteriormente se consagrado pelos seus próprios feitos. Apesar disso, para as curdas convencionais, as convenções da sociedade continuavam pesando em seu caminho.

ações, Öcalan começou a abertamente anunciar seu apoio ao Movimento de Mulheres Curdas, o que, como esperado, gerou certa controvérsia entre seus apoiadores mais tradicionais. Não se detendo a isso, iniciou um processo de reavaliação das metas da questão curda, tendo em mente a retórica de emancipação feminina levantada pelo Movimento de Mulheres Curdas. Perante isso, em 1999, Öcalan deu início a seu processo de formulação de uma nova proposta político-ideológica, que viria a guiar todo o movimento de libertação curda: o Confederalismo Democrático (IN DER MAUR; STAAL, 2015).

2.2 Política e ideologia: sobre o Confederalismo Democrático e o feminismo curdo

Após anos de frustrações entre quase conquistarem o status de independência, serem sistematicamente assimilados, oprimidos e marginalizados, terem sua identidade negada por governos mais poderosos e serem destituídos de seus direitos políticos e civis, houve um desencanto por parte dos curdos quanto a sua idealização da figura do Estado. Além disso, com a ascensão do Movimento de Mulheres Curdas, o questionamento sobre a questão de posse e privação do poder no modelo de organização social imposto pelo Estado tornou-se uma pauta significativa. Partindo disso, Öcalan chegou à conclusão de que a estrutura de sociedade proposta pelo Estado-Nação não seria a melhor opção para os curdos. De acordo com o líder, o Estado-Nação encontra-se intrinsecamente vinculado ao capitalismo, fato esse que o corrompe, por incitar a exploração e domesticação da sociedade, bem como legitimar o uso da coerção.

Öcalan critica ainda a falta de representação social e política presente nessa forma de organização, que estratifica a sociedade e impõe barreiras ao acesso à esfera pública, formulando assim um espaço homogêneo e monolítico. Acredita ainda que o Estado se pauta no sexismo, que age como um de seus pilares ideológicos, para garantir a manutenção do status quo enraizado e a divisão de classes. Diante disso, à mulher seria relegado o papel de reservatório de trabalho barato e reprodutora de filhos homens, projetando-a como uma *commodity* e um objeto sexual. Sua domesticação se faria assim necessária para a preservação do poder masculino e da sociedade patriarcal. Para Öcalan, toda e qualquer relação de poder e ideologia nascida no seio estatal é fomentada por pressupostos e comportamentos machistas,

ao passo que a repressão das mulheres abre espaço para a sujeição da sociedade como um todo. Logo, o Estado-Nação passou a ser visto como um ator opressor, por inviabilizar a libertação de seu povo e impor entraves para qualquer forma de desenvolvimento social que ameace sua manutenção (ÖCALAN, 2011).

Na tentativa de superar essas questões, desenvolveu o conceito de Confederalismo Democrático, que defende, como meta, estabelecer uma democracia sem Estado. Öcalan, que na época já estava preso pelo governo turco por seu ativismo político, desenvolveu seu projeto político tendo como base suas leituras de pensadores como Benedict Anderson, que em *Comunidades Imaginadas* (1983) descreve o Estado como mais uma construção social do que um cânone organizacional imutável e inevitável. Entre os teóricos que mais inspiraram o líder curdo, entretanto, o mais importante foi Murray Bookchin, quem primeiro sugeriu o princípio de confederalismo como uma alternativa de organização social. Segundo o pensador, uma sociedade é verdadeiramente livre quando prioriza a ecologia, a democracia e a igualdade amplamente abrangente, mitigando a dominação de humanos por humanos e, assim, semeando a harmonia entre as pessoas e o mundo natural. Para tanto, deve eliminar todas as formas de hierarquia social (como de classe, gênero, raça e idade), abraçar o comunalismo – uma espécie de comunismo sem o Estado – e, com isso, criar um espaço para o que chamou de Ecologia Social, tornado a sociedade resistente perante seus maiores inimigos, o patriarcado (internamente) e as forças do capitalismo global (externamente) (IN DER MAUR; STAAL, 2015).

Ambos Bookchin e Öcalan, a partir da década de 1990, passaram a partilhar da crença de que o Estado e o capitalismo eram fundamentalmente desnecessários para a harmonia e prosperidade sociais, sendo o próprio obstáculo para isso²⁰, de forma que a sociedade civil deveria rechaça-los e voltar-se para a meta de alcançar necessidades coletivamente determinadas por seus integrantes. Seguindo as considerações de Bookchin, um cenário como esse seria conquistado mediante a instauração do confederalismo, consistindo na formação de uma rede de conselhos

²⁰ Posicionamentos como esses marcaram a desilusão que Bookchin e Öcalan experimentaram com o marxismo e o socialismo estatal. Na perspectiva curda, o maior impacto disso recaiu não apenas sobre o movimento de libertação como um todo, mas também sobre o PKK especificamente, que foi de uma organização militante e patriarcal destinada a lutar pela conquista de um Estado para um ente que se fundamenta a partir de valores feministas e comunalistas. Disponível em: < <https://www.nybooks.com/daily/2018/06/15/how-my-fathers-ideas-helped-the-kurds-create-a-new-democracy/> >. Acesso em: 1 set. 2020.

administrativos, que têm o intuito de democratizar a tomada de decisão e instaurar a interdependência entre as comunidades, baseada no compartilhamento de recursos e poder. Perante isso, ao invés da instituição de um Estado-Nação, se teriam assembleias populares democráticas diretas a nível de municípios, cidades e vizinhanças (BOOKCHIN, 1992).

Motivado pela leitura dessa proposta, Öcalan passa a propor o estabelecimento de uma administração política não estatal para os curdos²¹, garantindo assim que o povo exerça a plena autonomia democrática. Sobre a mudança de meta para a questão curda, o líder pontua que

Quando se falava de nação, absolutamente se precisava ter um Estado! Se os curdos fossem uma nação, eles certamente precisavam de um Estado! No entanto, conforme as condições sociais intensificaram, conforme fui compreendendo que as nações por si próprias eram uma realidade sem sentido, moldadas sob a influência do capitalismo, e à medida que eu compreendi que o modelo de Estado-Nação era uma jaula de ferro para as sociedades, entendi que liberdade e comunidade eram conceitos mais importantes. Ao reconhecer que lutar pelos Estado-Nação era lutar pelo capitalismo, uma grande transformação ocorreu em minha filosofia política. Eu percebi que tinha sido vítima da modernidade capitalista (ÖCALAN, 2013, tradução do autor)²².

Diante disso, a proposta do Confederalismo Democrático sugere a substituição das elites políticas representativas pela sociedade civil, que atuariam através de formas diretas e descentralizadas de democracia. Isso, por sua vez, ocorreria por meio da instauração de comunas em vilas, comitês de cidades e conselhos regionais, assegurando que haja um equilíbrio no processo de tomada de decisões, ao viabilizar a formação de grupos políticos de estruturas verticais e horizontais, vindos de todos os estratos da sociedade. Orientado pelo consenso e pela participação voluntária, o Confederalismo Democrático apresenta-se como sendo antimonopólio, flexível,

²¹ Mesmo com toda a popularidade e respeito que tinha conquistado entre a comunidade curda, à época dessa troca de metas, Öcalan foi alvo de duras críticas vindas de dentro do movimento. Grande parte disso se deve ao fato de que, ao final dos anos 1990, os curdos do Iraque estavam se aproximando de seu sonho de conquistarem um Estado. Diante disso, muitos se sentiram traídos pelo líder. Ao final, Öcalan conseguiu manter sua base de seguidores firme e os curdos iraquianos não conquistaram seu Estado por assim dizer, mas um sim uma região autônoma, governada pelo Governo Regional Curdo (KRG – *Kurdish Regional Government*) (TAX, 2016).

²² No original: *“When you said nation there absolutely had to be a state! If Kurds were a nation they certainly needed a state! However as social conditions intensified, as I understood that nations themselves were the most meaningless reality, shaped under the influence of capitalism, and as I understood that the nation-state model was an iron cage for societies, I realized that freedom and community were more important concepts. Realizing that to fight for nation states was to fight for capitalism, a big transformation in my political philosophy took place. I realized I had been a victim of capitalist modernity”*. Disponível em: < <https://www.dissentmagazine.org/blog/an-imprisoned-nationalist-reads-benedict-anderson> >. Acesso em: 16 ago. 2019.

cooperativo e multicultural, tendo ainda como pilares fundamentais a defesa do feminismo e da ecologia. Seu pleito pela democracia popular vem precisamente da noção de que essa seria a única abordagem que consegue lidar com a contemplação das diferenças entre etnias, religiões, classes e gêneros.

Por meio desse projeto, Öcalan critica ainda o Estado-Nação como sendo uma entidade militarmente estruturada e orientada pelo exercício do poder fascista, que controla a sociedade, apaga as identidades que a compõem, suprime a consciência política e tolhe a democracia. Como alternativa, defende a prática da autodefesa dos cidadãos, de maneira que as forças armadas percam seu monopólio, sendo regidas diretamente por instituições democráticas. Ficariam encarregadas assim apenas de garantir a liberdade da população frente a ameaças vindas de atores externos e internos, tendo seus impulsos autoritários controlados. É importante salientar que o Confederalismo Democrático é posto por seus propositores como um modelo de sociedade que não procura o expansionismo e a beligerância, não tendo o propósito de entrar em guerras com qualquer Estado-Nação. Não mede esforços, contudo, para impedir que seu povo seja assimilado, questão essa onde se insere a autodefesa (ÖCALAN, 2011; O'DRISCOLL, 2015).

Como previamente mencionado, um fator central para o Confederalismo Democrático, o movimento curdo e Abdullah Öcalan, que chama bastante atenção internacional, é sua abordagem para questões de gênero. A partir de seu encontro com e subsequente defesa do Movimento de Mulheres Curdas, Öcalan fez do feminismo um dos sustentáculos de sua argumentação a favor de uma sociedade democrática, livre, autônoma e participativa. A partir dele redefiniu a libertação nacional como a libertação feminina, fundamentando-se na crença de que enquanto as mulheres não forem livres, nenhuma sociedade pode se declarar livre, sendo necessária a extinção da mentalidade do macho soberano (referindo-se a esse pleito como *Killing the Male*). Seguindo essa lógica, afirma ainda que a subjugação das mulheres como um todo teria sido o primeiro caso de escravização de um grupo na história da civilização, resultando na instauração do modelo de sociedade sexista como hoje conhecemos.

Para Öcalan, a diferença biológica é utilizada como uma justificativa para exercer uma intensa repressão e controle do feminino pelo masculino. Segundo ele, é por meio dessa forma de aprisionamento de gênero que a exclusão das mulheres das atividades e tomadas de decisão na esfera pública é legitimada; que é minimizado

o trabalho por elas feito, seja no âmbito familiar ou fora dele; e que é institucionalizada a presumida ‘fraqueza’ do sexo feminino, à medida que o poder sobre a política, a economia e a sociedade é exclusivamente designado para os homens. Por consequência, as mulheres passam da condição de um sexo biologicamente diferente para uma espécie de classe ou etnia distinta, sendo ela a mais oprimida.

Ao levantar o tópico da colonização e escravização feminina, Öcalan estaria falando precisamente de três níveis nos quais isso estaria sendo perpetuado: através da construção de uma mentalidade que justifique essa colonização, como *‘mulheres sendo o sexo frágil’*; pelo uso da força física; e pela retirada das mulheres do âmbito econômico. Percebeu ainda a existência de um vínculo entre a profunda escravização da mulher em nível internacional e a ascensão e propagação do poder hierárquico e estadista, através do amplo emprego do capitalismo como paradigma para a organização social.

Um traço essencial encontrado no discurso feminista professado por Öcalan, na estrutura do Confederalismo Democrático e nas organizações advindas do Movimento de Mulheres Curdas é o valor dado à construção e disseminação de uma bagagem ideológica e intelectual que sirva de alicerce para a mobilização das curdas e para seu pleito pelo poder de agência. Essa base é encontrada na Jineologia:²³ a ciência das mulheres. É apontado que no campo das ciências sociais existe uma escassez de temas ligados ao feminino, como um reflexo da mentalidade patriarcal hegemônica que rege a civilização. Nesse sentido, a Jineologia entra como uma estratégia voltada para superar o sistema machista que domina a esfera científica, formando em seu lugar uma plataforma que contemple também questões protagonizando mulheres. Zîlan Diyar, membro do Comitê de Jineologia do Movimento de Mulheres Curdas descreve esse conceito da seguinte forma

Jineologia é um rio encontrando seu caminho. As ideias de todas as mulheres, seus estudos, as informações que coletam, os segredos que suas mães sussurram em seus ouvidos, o poder da interpretação, são todas gotas que fortalecem o fluxo desse rio. Seu aspecto mais bonito é o esclarecimento espontâneo da cegueira social. Jineologia é a garantia de que o conhecimento transmitido por elas está chegando até a sociedade. Ademais, Jineologia está aprimorando a pesquisa em todos os campos, seja economia, saúde ou história (DIYAR, 2018, tradução do autor)²⁴.

²³ Conhecido na língua original como Jîneology. Termo composto de duas palavras: *jîn*, palavra curda para ‘mulher’; e *logos*, termo grego para ‘palavra’ ou ‘razão’. Disponível em: < <https://roarmag.org/essays/jineology-kurdish-women-movement/> >. Acesso em: 20 ago. 2019.

²⁴ No original: *“Jineoloji is a river finding its own way. The ideas of every woman, her study, the data she finds, the secrets her mother whispers in her ear, the power of interpretation, these are all*

Propondo criar um paradigma para as mulheres, essa ciência tem como foco central tratar da realidade, da vida e da história desse grupo, que até então teria sido suprimido pelo sujeito masculino. A Jineologia busca, então, abordar os interesses e as sensibilidades das mulheres; quais são e como foram dados a elas seus papéis tradicionais na sociedade; e a forma como vivem nos âmbitos privado e público, avaliando suas relações familiares, bem como sua participação nos setores econômico, político, educacional e social. É possível compreender este como um projeto científico concatenado para abrir espaços nos quais a mulher possa formar sua própria identidade, separada dos homens e dos estereótipos incansavelmente reproduzidos sobre ela. A teoria é a de que, por meio desse processo, se tornaria viável a reformulação da mentalidade que nos rege, dirimindo o poder que o patriarcado exerce ao controlar a produção e disseminação de conhecimento, garantindo ao final a transformação do povo como um todo²⁵.

Ao desenvolver o conceito de Jineologia, Öcalan e o Movimento de Mulheres Curdas puseram grande ênfase na união das curdas para conseguirem implementar, de fato, um ramo alternativo para as ciências sociais e estabelecer um sistema de estudos sobre a mulher. Esse posicionamento embasou a criação de uma série de universidades, centros de pesquisa, organizações, academias e departamentos de estudo voltados para a Jineologia. A título de referência, existem atualmente uma série de comitês, centros e academias especializados no assunto nas cidades do Curdistão Sírio, bem como organizações encontradas na Turquia e até mesmo nas diásporas curdas pela Europa.

Diante do exposto, alguns pontos devem ser reforçados. Em primeiro lugar, o Confederalismo Democrático mostra-se não apenas como uma nova proposta de organização social, mas também como uma crítica direta ao Estado-Nação, tido como capitalista, classista, sexista e opressor. Ao ser formulado, esse projeto buscou, de todo modo, refutar aspectos e valores intrínsecos ao modelo estatal de sociedade. Além disso, é preciso frisar que, por mais que Öcalan seja o grande líder do movimento, a figura emblemática que guia os curdos e que reposicionou as metas

drops that strengthen the flow of this river. Its most beautiful aspect is its spontaneous enlightenment of social blindness. Jineoloji is ensuring that knowledge conveyed to it is carried to society. Furthermore, Jineoloji is embellishing research in all fields, whether economy, health or history". Disponível em: < <https://jineoloji.org/en/2018/12/14/what-is-jineoloji/> >. Acesso em: 19 ago. 2019.

²⁵ Cf. nota 23.

desse povo, é o Movimento de Mulheres Curdas, que não pode se tornar invisível. Por conta de sua articulação, o ímpeto feminista foi aflorado no líder curdo, fato esse que trouxe maior visibilidade à luta das mulheres, que desencadeou um aumento da institucionalização das curdas, inspirou o desenvolvimento da Jineologia e incitou a reflexão sobre o caráter patriarcal, discriminatório e repressor do Estado-Nação. Somente após isso começaram a ser pensadas novas formas de contestação e de reestruturação social.

Em um nível mais amplo, a intenção de Öcalan, ao elaborar o projeto do Confederalismo Democrático, foi de estabelecer estruturas federativas nas áreas curdas da Síria, Turquia, Irã e Iraque, abertas para todos os curdos, sem violar, entretanto, a integridade territorial de tais governos. Com isso, almejava concatenar uma confederação que englobasse todas regiões do Curdistão, de modo que cada conselho, comitê e comuna estivessem vinculados entre si, sob sua égide (ÖCALAN, 2011; O'DRISCOLL, 2015). A implementação de uma ideia como essa, por ser contrastante com a realidade ocidental, parece utópica e difícil de se sustentar. Nos últimos anos, contudo, a população curda que habita a Síria tem atraído atenção por instaurar um modelo de sociedade que segue os preceitos do Confederalismo Democrático, e que, contra todas as expectativas, tem se mantido vivo.

2.3 Curdistão Sírio: a Revolução de Rojava e a articulação feminina

Como foi citado no primeiro item desse capítulo, o histórico da relação entre os curdos e o governo central sírio é marcado por políticas e práticas opressoras e discricionárias em detrimento dessa minoria. Sob domínio do regime Ba'ath, os curdos tiveram sua cultura, história e língua censuradas, chegando ainda ao ponto crítico de perderem seu status como cidadãos e seus direitos civis. Foram vítimas de atos intolerantes deliberados, como o deslocamento forçado dos vilarejos que ocupavam e o massacre de Qamislo em 2004, no qual o governo executou diversos ativistas da causa curda. Além disso, a região onde se concentravam foi deliberadamente mantida no subdesenvolvimento pelo governo sírio, que impediu que qualquer forma de desenvolvimento econômico, como abertura de fábricas, fosse estabelecida. O mais irônico dessa situação é o fato de que o regime de Assad, por muitos anos, limitou-se a canalizar essa hostilidade apenas para os curdos sírios, tendo, em parte da década de 1990, prestado apoio ao PKK e à Abdullah Öcalan, cedendo espaço para montarem

uma base de ataques contra a Turquia e fornecendo refúgio para o líder curdo²⁶. Não obstante, a comunidade curda síria seguia sendo perseguida e vigorosamente controlada (TAX, 2016). Há de ser feito ainda um recorte de gênero sobre esse tratamento, considerando a dupla discriminação à qual as mulheres curdas foram sujeitas. Para além de questão nacionalista, existe também o fato de que tanto a sociedade síria quanto a curda²⁷ trazem consigo características machistas, que determinaram as condições de vida dessas mulheres durante muito tempo.

Seguindo uma perspectiva clássica do patriarcalismo, a cultura de cunho feudal curda apresenta estreitos laços com a noção de que mulheres possuem como papel primordial a manutenção do espaço privado do lar. Seu vínculo com a família, portanto, deve ser uma prioridade, acima de qualquer atuação que possam querer ter no âmbito público. Ênfase especial é posta sobre o casamento, ao passo que a devoção que uma mulher deve demonstrar ao seu marido é representada como essencial para o equilíbrio da comunidade. Tradicionalmente, as curdas saíam de suas casas, onde deviam obediência a seus pais, apenas para entrarem nas de seus maridos, a quem deveriam se subordinar. Para os curdos, o casamento é, então, uma espécie de transação patrilinear entre as famílias. De um ponto de vista pragmático, a submissão da mulher perante seu marido torna-se crucial para sua sobrevivência, levando em consideração a dependência econômica criada pela hierarquia de gênero enraizada na sociedade. Vale ressaltar também que a posição marginal da mulher dentro do seio familiar vem acompanhada do controle de sua conduta, trabalho e sexualidade pelos homens que a rodeiam, algo visto como direito e dever masculinos (GUNTER, 2019).

Somada a essa tradição cultural dos curdos voltada para a dominação de gênero, as curdas eram submetidas também à ideologia patriarcal do regime sírio, que

²⁶ Durante esse episódio, pode-se dizer que o PKK foi usado como arma de guerra por procuração pela Síria, contra a Turquia. As relações entre tais Estados encontravam-se hostis desde o final da Primeira Guerra Mundial, ocasião na qual disputaram o protetorado de Hatay. Com isso, ao apoiar a guerrilha curda e permitir que Öcalan se refugiasse em seu território, Damasco pretendia desestabilizar o governo turco. A questão se agravou de tal forma que, em 1998, um conflito armado quase foi deflagrado entre ambos. A situação foi atenuada apenas mediante a expulsão de Öcalan pelo governo sírio, o forçando a fugir para a Rússia e a Itália, até ser preso por forças turcas, em 1999 (TORELLI, 2016).

²⁷ Öcalan (2013) explica que, no início da história curda, que possui raízes tribais, essa comunidade se apresentava como matriarcal. Mulheres eram influentes nos assuntos do coletivo e participavam da organização da tribo e da família. Contudo, com a propagação do modelo estadista, houve uma mudança na condição da mulher curda, que gradualmente foi deteriorando, principalmente levando em consideração a atuação dos grandes Estados-Nação.

propagava a concepção de que mulheres foram feitas para se tornarem ‘boas donas de casa’, devendo estar prontas para servir ao bem-estar do ambiente familiar e atender a todas as necessidades de seus maridos. Com base nisso, desde pequenas, elas eram treinadas a seguirem tais diretrizes, até que seus pais decidissem que era hora de se casarem. Seus maridos sempre eram escolhidos pela família, sem que essas mulheres chegassem a ser consultadas. Uma vez casadas, tornavam-se propriedades de outro homem que não seu pai. Sua liberdade seguia cerceada, de modo que não podiam sair de casa sozinhas, para não arriscarem atrair atenção indesejada e assim manchar a honra de sua família²⁸. A questão do casamento tornou-se tão importante nessa sociedade que foi feita de pauta por Öcalan (2013), que a definia como uma forma de escravização feminina. Segundo ele, dela vinha o controle absoluto sobre as mulheres, que não podiam participar das arenas política, intelectual, econômica e social. O líder procurou, assim, incitar a reflexão sobre o tema e o desenvolvimento de regras básicas que garantissem a liberdade e a igualdade de gênero na esfera privada, bem como na pública.

Mediante uma comparação do cenário aqui apresentado com a atual conjuntura dos curdos sírios, é possível reconhecer que houve uma grande mudança em sua condição de vida e organização social, especialmente no que se refere às mulheres. Um marco importante para essa transformação foi a Revolução de Rojava, que representou não só a quebra da sistêmica opressão imposta pelo regime Assad sobre os curdos, como uma radical politização de mulheres curdas. Esse acontecimento tem origens que remontam à guerra civil síria, que se arrasta desde 2011²⁹ e que modificou profundamente as relações internas do Estado. Um ano após seu início, o conflito já mostrava seu potencial destrutivo, levando o governo sírio a perceber que não conseguiria manter seu controle sobre os curdos, ao mesmo tempo em que lutava contra o Exército Livre da Síria (FSA – *Free Syrian Army*)³⁰ e os grupos *jihadistas* inseridos no confronto– como o Estado Islâmico e o Jabhat al-Nusra, que tentavam expandir seu poder na região. Por conta disso, após uma série de negociações, as

²⁸ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uqI0a4VgEs8> >. Acesso em: 23 ago. 2019.

²⁹ Desdobramento direto da Primavera Árabe, a guerra civil da Síria teve início em março de 2011, quando um grupo de adolescentes em Deraa escreveu frases anti-regime Assad nas paredes de uma escola. O apoio popular a esse movimento pró-democracia veio em massa após as forças governamentais o repreenderem violentamente. Cinco meses depois a situação já havia escalado para uma guerra civil de grandes proporções (BATESON et al, 2016).

³⁰ Grupo armado composto por desertores das forças armadas sírias e civis, formado em 2011 com o propósito de tirar Bashar al-Assad do poder.

forças de Assad retiraram-se do Norte sírio, área ocupada pelos curdos, preferindo focar seus esforços contra outros opositores. Ademais, a eles foi concedida a cidadania, gesto que visava conquistar seu apoio para Assad.

O vácuo de poder deixado no Norte foi prontamente reivindicado pelo Partido da União Democrática (PYD - *Partiya Yekîtiya Demokrat*), o ente político curdo de maior proeminência e mais bem-organizado no Curdistão Sírio, que carrega consigo os preceitos de Abdullah Öcalan³¹. O que se seguiu foi uma rápida tomada de poder e concretização de planos por parte do PYD, que, em novembro de 2013, conseguiu declarar a autonomia curda sobre o território. Assim, a Revolução colheu seus primeiros frutos, com a instituição da entidade autogovernante de Rojava (BATESON et al, 2016).

Constituída por três cantões – Afrin ao Oeste, Kobane no Centro e Cizre³² ao Leste –, Rojava é secular e multicultural, contando com uma população estimada de quatro milhões de pessoas³³, dividida entre curdos e minorias árabes, assírias, caldeias, arameias, armênias, turcomenas e chechenas.

Mapa 1 – Mapa de Rojava



Fonte: Rojava Information Center, 2014³⁴.

³¹ Disponível em: < <https://carnegie-mec.org/diwan/48526?lang=en> >. Acesso em: 22 ago. 2019.

³² Também conhecido como Jazira, é o maior dentre os três cantões. Disponível em: < <https://www.opendemocracy.net/en/north-africa-west-asia/rojava-revolution/> >. Acesso em: 22 ago. 2019.

³³ Dado estimado, tendo em vista a conjuntura de guerra que a região se encontra desde 2011. Disponível em: < <https://rojavainformationcenter.com/background/key-facts/> >. Acesso em: 20 ago. 2019.

³⁴ Disponível em: < <https://rojavainformationcenter.com/graphics-and-maps/> >. Acesso em: 23 jul. 2020.

Influenciada pelo movimento curdo turco e pelos preceitos disseminados pelo PKK e por Öcalan, seguindo sua instauração, a administração do Curdistão Sírio criou um Contrato Social que orientaria esse novo empreendimento político aos moldes dos princípios de uma democracia autônoma. Formulado como um acordo coletivo entre todas as comunidades étnicas que ocupam a região, o documento reduz ao máximo o poder centralizado, dando espaço de atuação para comunas, conselhos e comissões locais e regionais³⁵. Tendo como base o princípio do confederalismo, aos cantões foi permitida autonomia para lidarem com suas pautas, ao mesmo tempo em que se mantêm afiliados sob a égide do Contrato Social. Para tanto, todos possuem seus próprios representantes regionais e assembleias locais. Ficou acordado também que todas as comunidades têm o direito de fazer uso de suas línguas nativas, bem como foi determinado a todos o compromisso comum de desenvolver uma nova ecologia social, que garantisse a equidade de gênero, o secularismo e a autonomia democrática em Rojava.

Para reger a nova entidade, 22 ministérios foram criados, cada um contendo um ministro e dois deputados, sendo que todos deveriam ser de etnias diferentes e pelos menos um deveria ser uma mulher, como um meio de evitar hegemonia cultural e de gênero. Efetivamente, o Contrato tem como uma questão central o comprometimento de todos com a igualdade de gênero, de modo que foram instituídas regras que assegurassem isso, como uma cota garantindo um percentual mínimo de 40% de participação política de mulheres e homens em todos os níveis da administração; comitês femininos em todas as comunas e conselhos gerais; e a copresidência de Rojava entre dois representantes de sexos diferentes. Levando a cabo a perspectiva do Confederalismo Democrático, esse documento estabeleceu como doutrinas básicas para a administração do povo curdo sírio a coexistência, o anticapitalismo, a diversidade cultural e a recusa ao sexismo, noções essas que

³⁵ A organização de Rojava pode ser dividida em quatro níveis. Na base, estão as comunas, que podem englobar vilarejos inteiros ou representantes de 30 a 200 famílias. No segundo nível, existem os conselhos populares de vilarejos ou vizinhanças, que compreendem de 7 a 30 comunas de áreas rurais e urbanas. Em terceiro lugar, encontram-se os conselhos populares distritais, que abrangem cidadãos, partidos, movimentos sociais e organizações da sociedade civil. Já no nível mais alto, vem o Conselho Popular do Curdistão Ocidental (MGRK – *Meclîsa Gela Rojavayê Kurdistan*), que possui representantes de todos os conselhos distritais e todas as organizações que fazem parte do Movimento Democrático Social de Rojava (TEV-DEM). Ademais, conta com Comissões de Defesa, Política, Economia, Sociedade Civil, Sociedade Livre, Ideologia, Justiça e Mulheres (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016).

aparentam estar sendo implementadas em todos os níveis organizacionais dos cantões³⁶ (IN DER MAUR; STAAL, 2015).

Com o intuito de auxiliar na coordenação geral em Rojava, dois entes surgiram: TEV-DEM e *Kongreya Star*³⁷. Fundado em 2013, o Movimento Social Democrático (TEV-DEM – *Tevgera Civaka Demokratik*) é uma coalizão multipartidária liderada pelo PYD, que organiza e viabiliza a atuação dos conselhos populares, abordando temas mais gerais da sociedade curda. Já o *Kongreya Star* atua como um Congresso de Mulheres desde 2016, independente do TEV-DEM, sendo responsável por apontar as co-presidentes dos cantões e ter a decisão final em todos os assuntos que abordem as curdas (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016). Com efeito, a participação feminina ativa foi fixada como um dos pontos centrais na agenda da administração em Rojava, rendendo muitos avanços para a condição de vida das mulheres, como, por exemplo, a formulação de leis que assegurem sua liberdade e integridade³⁸.

O progresso também foi sentido na área social, ao passo que uma pletera de organizações especializadas em fornecer serviços para mulheres foi estabelecida desde 2014, abrangendo temas como mediação familiar, assistência a casos de violência de gênero e programas de empoderamento econômico, social e pessoal. No entanto, apenas abrir espaços para a atuação feminina não aparentava ser suficiente para o movimento curdo. Para torná-las politizadas, era necessário, em primeiro lugar, fornecer uma educação que incutisse nelas uma cultura revolucionária e um senso de identidade como mulheres. Com base nisso, surgiu a *Yekîtiya Star Academy*³⁹, com o propósito de educar grupos de mulheres revolucionárias com base na Jineologia e prepará-las para atuar diretamente na democracia de Rojava, quer em organizações de sociedade civil, quer nos conselhos ou na defesa dos cantões (BIEHL, 2015; BATESON et al, 2016).

Em paralelo a todo o investimento ideológico e educacional feito para estruturar a nova sociedade curda, a pauta de segurança despontou como aspecto fundamental

³⁶ Disponível em: < <https://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract/> >. Acesso em: 24 ago. 2019.

³⁷ Também conhecido por *Kongira Star* ou *Kongra Star*. O termo *Star* é usada como referência à deusa mesopotâmica Ishtar (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016).

³⁸ A título de exemplo, em 2014 a Comissão das Mulheres do cantão Cizre formulou em série de leis que protegiam o direito das curdas a participação política e econômica, ao divórcio e à atuarem na elaboração de leis, bem como proibiu crimes de honra, punições em casos de presumida conduta ilícita e casamentos forçados (BATESON et al, 2016).

³⁹ A *Yekîtiya Star Academy* foi fundada em 2012, aos moldes da primeira instituição de ensino superior em Rojava, a Mesopotamia Academy for Social Sciences, que segue a concepção de 'sociologia da liberdade' de Öcalan (BIEHL, 2015).

a ser abordado em Rojava, haja vista a conjuntura regional onde se insere. Mesmo rodeados de grandes potências e atores influentes e fortes, os curdos fizeram sua presença ser notada internacionalmente no cenário de guerra civil na Síria, o que deve ser creditado à maneira como constituíram seu sistema de defesa. Por conta disso, foco especial será dado a esse ponto na sequência.

2.4 Defesa em Rojava: do geral ao feminino

Como todos os outros aspectos que envolvem a concepção do Curdistão Sírio pós-autodeterminação, o tópico de defesa mantém laços profundos com a ideologia repassada por Öcalan. À vista disso, os entes que constituem a área da segurança em Rojava declaram servirem primariamente à sociedade, sem se aterem a um Estado ou a partidos. Posicionam-se, ainda, como defensores da luta das mulheres pela sua emancipação do patriarcado, que se confirmaria pela expressiva participação feminina nesse âmbito. Esses atores se dividem em dois ramos: a força de segurança doméstica, com a *Asayîs*; e as guerrilhas que protegem os cantões, chamadas de Unidades de Proteção.

Criada com a missão de auxiliar o exercício de autodefesa de todos os cidadãos de Rojava, a *Asayîs* intervém em conflitos nos quais os Comitês de Paz não conseguem resolver, além de lidar com casos mais habituais, que surgem em qualquer arranjo social. Como as demais entidades curdas sírias, a *Asayîs* é constituída com base na igualdade de gêneros, sendo assim formada por homens e mulheres. A atuação feminina nas unidades mistas é de 30%, posicionando-se além da *Asayîs Jin*, divisão composta apenas por mulheres e que age principalmente em casos de violência patriarcal e doméstica, trabalhando lado a lado com os conselhos femininos⁴⁰. Levando em consideração a conjuntura babélica em que se encontra o território sírio como um todo, a atuação das *Asayîs*, contudo, se vê ofuscada pelas Unidades de Proteção (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016).

Surgido como um mecanismo de defesa dos curdos perante ações hostis de atores externos, esse braço armado é constituído por duas vertentes: as Unidades Populares de Proteção (YPG – *Yekîneyên Parastina Gel*) e as Unidades de Proteção

⁴⁰ Essa atuação especializada parte da premissa de que mulheres abusadas e violentadas se sentem mais seguras de relatar seus casos para policiais femininas, por crerem que só assim serão levadas a sério (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016).

de Mulheres (YPJ – *Yekîneyên Parastina Jin*). Desenvolvida após o massacre de 2004 dos curdos em Qamiso pelo governo sírio, a YPG atuou diretamente na liberação dos cantões e formação de Rojava em 2012. Seguindo os moldes de seu equivalente na Turquia, o PKK, que participou ativamente no seu processo de estruturação, a YPG se posiciona como uma entidade multiétnica e inclusiva, partindo de uma perspectiva de gênero, possuindo guerrilheiros árabes, assírios, turcomenos e armênios assim como combatentes mulheres em seu meio, sendo todos eles voluntários. Nos últimos anos tem conquistado renome por sua eficácia militar, tanto no embate contra o regime Assad, quanto no confronto contra forças jihadistas e rebeldes sírios pela manutenção de seu controle sobre as áreas curdas. Desse cenário, um importante desdobramento ocorrido foi a rápida escalada do índice de alistamento de mulheres na guerrilha curda, que se viam motivadas a lutar pela defesa de seu povo e pela luta feminina. Com pouco tempo de atuação, as combatentes começaram a ser vistas como essenciais para a defesa de Rojava, tendo em vista sua conduta eficiente, de tal maneira que foi tomada a decisão de formarem uma entidade militar inteiramente de mulheres, a YPJ⁴¹.

Com cerca de 24 mil combatentes, as Unidades de Proteção de Mulheres são categorizadas como uma guerrilha autônoma e equipotente em relação à YPG. Inspirada pelo ativismo feminino no contexto do PKK⁴², a YPJ tem como base ideológica a defesa da democracia direta, da autodefesa legítima⁴³, da ecologia e da emancipação feminina, estabelecendo, a partir disso, as seguintes metas: concatenar uma nova cultura militar, não pautada na hierarquia de gênero e na hegemonia masculina; viabilizar o estabelecimento de uma sociedade democrática, participativa, ecologicamente consciente e igualitária perante todas as minorias; e lograr a união das mulheres a um nível global, de modo que sua ação sirva de referência para a libertação desse grupo internacionalmente marginalizado⁴⁴.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.ypgrojava.org/About-Us>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

⁴² A presença do PKK e de Öcalan na década de 1990 serviu como inspiração para a atividade mais institucionalizada e diligente dos curdos sírios. No caso específico das mulheres, elas foram expostas à participação efetiva de guerrilheiras curdas no PKK, o que chegou a inspirar algumas curdas sírias a cruzarem a fronteira e se juntarem a elas na Turquia. Posteriormente, com o recrudescimento dos confrontos contra os curdos em Rojava, algumas das mulheres que haviam se juntado ao PKK retornaram a Síria para treinar uma embrionária YPJ (GUNTER, 2019).

⁴³ Seguindo esse conceito, a YPJ – assim como a YPG – declaram que somente realizam ataques militares quando seus ideais ou sua população estão sob ataque. Caso contrário, preferem manter aberta a possibilidade de resolução via abordagem política (KNAPP; FLACH; AYBOGA, 2016).

⁴⁴ Cf. nota 1.

Em virtude de seu vínculo com os ideais disseminados pelo Movimento de Mulheres Curdas e por Abdullah Öcalan, esse ente militar carrega uma forte crença no investimento da criação de uma mentalidade revolucionária feminina através da educação, como garantia que a salvaguarda das curdas, em primeiro lugar, e da sociedade, como um todo, não dependa somente da defesa física. Assim, tem como prioridade transmitir ensinamentos ideológicos para as guerrilheiras, treinando-as com base na Jineologia. Almejam, com isso, incutir um pensamento crítico sobre o que significa viver, sendo uma mulher na conjuntura em que estão inseridas, para além de introduzi-las a temas como história, cultura e língua curdas⁴⁵. Para tanto, curdas que desejam fazer parte da guerrilha devem primeiro passar por um treinamento ideológico na *Yekîtiya Star Academy*, que pode durar de um a seis meses⁴⁶. A compreensão sobre os motivos por trás da mobilização feminina em Rojava é posta como imprescindível para combatentes em potencial. Além disso, é incutida nelas a percepção de que, através de uma força armada completamente feminina, as mulheres têm a oportunidade de desenvolver sua independência e ganhar confiança na sua potência. O trabalho nesse aspecto mais cognitivo das guerrilheiras é tido como uma necessidade, haja vista que, segundo Öcalan, a revolução plena do povo curdo só poderá ocorrer mediante a participação ativa das curdas (STAAL, 2015).

No que tange à percepção das combatentes sobre a importância da YPJ para a luta das mulheres por sua liberdade e o que as incentiva a atuar diretamente na causa, a Alta Comandante e Porta-Voz da YPJ, Nersin Abdullah, declara

A YPJ gosta de lutar porque sabe o porquê está lutando. Mulheres são mortas e estamos no século 21. Mulheres são vendidas e compradas, tomadas como escravas, não têm oportunidades de emprego, estão vivendo em desigualdade com os homens, apesar de todos esses slogans: direitos das mulheres, democracia, igualdade e justiça social. Se você se colocar na posição delas e experimentar suas vidas, verá que não há possibilidades. Qualquer mulher, em qualquer país, não pode se considerar livre. Em qualquer país que se considera moderno e democrático, mulheres estão sendo mortas. A sociedade não precisa de um exército para escravizá-las. A sociedade precisa de forças que possam protegê-las e a seus valores (YPG PRESS OFFICE, 2016, tradução do autor)⁴⁷.

⁴⁵ Cf. nota 1.

⁴⁶ Fontes divergem sobre a duração exata do curso exigido para que mulheres se tornem membros da YPJ. Segundo Staal (2015), o treinamento dura cerca de um mês, contudo, Knapp, Flach e Ayboga (2016) afirmam ser em torno de seis meses.

⁴⁷ No original: *“YPJ likes fighting because they know why they are fighting. Women are killed, and we are in the 21st century. Women are sold and bought, are taken slaves, don’t have any work opportunities, are living in inequality with men, despite all these slogans: women’s rights, democracy, equality, social justice. If you put yourself in their position, and you experience their life, you will see there are no possibilities. Any woman, in any country, can’t really consider herself free.*

Por conta de posicionamentos como esse e pelo poder de agência e liberdade que as guerrilheiras desfrutam, a YPJ tem atraído muitas voluntárias, curdas e não-curdas, que hoje compõem a maior parte de seu contingente. No cerne das motivações que apresentam para se alistarem, encontra-se o desejo de lutarem contra a vitimação do povo curdo e a violência e discriminação de gênero, que ferem seus preceitos democráticos e libertários. Ademais, parte das mulheres que se alistam também veem nisso uma fuga da esfera familiar e das pressões sociais que as acompanham. Apesar de muitos avanços terem sido feitos desde 2012, em prol dos direitos das mulheres em Rojava, como a criminalização de casamentos forçados e infantis, da poligamia, de crimes de honra e da violência doméstica, ainda perduram casos onde a estrutura patriarcal, herdada da época de dominação síria e da característica *feudal* da sociedade curda, orientam suas relações interpessoais. As Unidades de Proteção das Mulheres, portanto, representam para elas um refúgio e uma oportunidade de mudança de vida⁴⁸.

É preciso deixar claro, todavia, que, partindo de uma mentalidade feminista ocidental, ainda existem aspectos da ordenação dessa guerrilha que se configuram como contraditórios, em face das noções advogadas pelo movimento curdo quanto à emancipação das mulheres. Uma das regras centrais para as Unidades de Proteção é a manutenção do celibato entre os combatentes. Elaborada logo no início da admissão de mulheres no PKK e posteriormente repassada para as guerrilhas em Rojava, essa norma parte do pressuposto de que guerrilheiros curdos e curdas devem ter como prioridade a luta pela independência e a autonomia das mulheres, de forma que a manutenção de relações sexuais entre as facções seria uma distração séria e denotaria uma falta de comprometimento com a causa. Essa convicção parte também da crença de que relações amorosas e sexuais ainda possuem um forte vínculo com relações de poder, de modo que mulheres que se envolvem em arranjos como esses acabam inevitavelmente escravizadas por seus parceiros homens. Utilizando dessa lógica rígida, o celibato é imposto nas Unidades de Proteção como uma medida temporária, que permanecerá em prática até que seja criada uma nova cultura, na qual a mulher tenha mais poder sobre si e as relações íntimas sejam igualitárias. Tão

In any country which considers itself as modern and democratic, women are being killed. The society doesn't need an army to enslave them. The society needs forces which can protect them and their values". Cf. nota 1.

⁴⁸ Cf. nota 41.

forte é a certeza de que vínculos afetivos como esses aprisionam e desviam as guerrilheiras de seu foco primordial que é sabido que a YPJ desaprova a atuação de mulheres casadas em seu interior. Sua dedicação total deve ser, então, direcionada à luta das mulheres e à salvaguarda das metas e preceitos do movimento curdo (TAX, 2016; GUNTER, 2019).

Mesmo considerando o modo como a sociedade curda se organiza, institucional e ideologicamente, em Rojava, ainda surgem dúvidas sobre como a atuação de mulheres na esfera militar é recebida em geral. Não é visto como uma surpresa a noção de que as guerrilheiras curdas tiveram que superar diversos obstáculos advindos da mentalidade patriarcal que imperava na região e que não compreendia a necessidade de mulheres organizarem-se militarmente e pegarem em armas. De fato, discursos como este ainda podem ser encontrados em Rojava, por meio dos quais é alegado que o trabalho militar não é destinado às mulheres; que homens têm mais experiência em lidar com armas; e que a sensação de proteção é maior quando se trata de guerrilheiros, em comparação com as guerrilheiras (BATESON et al, 2016).

Atualmente, contudo, argumentos como estes têm sido a exceção, em meio ao expressivo apoio que a YPJ conseguiu acumular durante seus poucos anos de atividade. Isso, em muito, deriva da eficácia tática que ela tem provado possuir, galgando vitórias sobre forças teoricamente mais poderosas e mais articuladas do que sua guerrilha, como o Estado Islâmico. Além disso, por princípio, as mulheres da YPJ vivem, treinam e lutam da mesma forma que seus semelhantes da YPG, bem como usufruem de poder equivalente no âmbito militar. Com isso, combatentes mulheres podem e ocupam cargos iguais e superiores aos dos homens dentro das Unidades de Proteção, e realizações como essas impactam a comunidade, principalmente as mulheres curdas, de forma positiva, incentivando a progressiva participação feminina em todas as esferas da sociedade e incitando um sentimento de honra perante o trabalho da YPJ⁴⁹.

Haja vista a estrutura, os valores e a conduta das Unidades de Proteção curdas, nos últimos anos vem sendo gerada, em sua volta, uma significativa comoção em nível internacional. Determina-se como o estopim para isso a Batalha de Kobane, episódio iniciado em março de 2014, com a entrada do Estado Islâmico no cenário já caótico

⁴⁹ Cf. nota 1.

de guerra síria, buscando expandir seu poder. Para tanto, o ISIS escolheu como um de seus pontos focais o cantão de Kobane, de grande importância para a manutenção da integridade da entidade auto governante de Rojava, por sua localização central⁵⁰. Contando com o auxílio tático do governo turco⁵¹, os jihadistas rapidamente tomaram o controle da região, impondo um rigoroso cerco ao redor do cantão, impedindo a entrada de alimentos e água, bem como cortando seu suprimento energético, conduzindo seus cidadãos para uma situação de penúria e desamparo.

Nesse contexto, a YPJ e a YPG firmaram-se como a força adversária mais diligente contra o Estado Islâmico, mesmo enfrentando uma escassez de armamentos adequados para fazer frente à poderosa organização jihadista. Assim, em meados de janeiro de 2015, já haviam conseguido inverter a balança de poder e retomar o controle de Kobane. O que mais chamou a atenção mundial, no entanto, não foi apenas o êxito curdo, galgado contra todas as adversidades, mas sim a expressiva participação feminina nesse confronto. Para além de todas as questões estereotípicas que já são de se esperar em se tratando da presença de mulheres em âmbitos tradicionalmente reservados aos homens, havia ainda o fator ideológico carregado pelos opositores jihadistas. Como um ente reconhecido por seus dogmas extremamente sexistas e patriarcais, o Estado Islâmico possui práticas estabelecidas referentes a sua abordagem com as mulheres que vitima: captura, estupro, tortura e morte. A situação muda, no entanto, com a entrada de mulheres combatentes no cenário. Segundo sua cultura, os membros do Estado Islâmico não podem correr o risco de serem executados por mulheres, caso contrário, não poderiam entrar no paraíso e ter acesso às 72 virgens que lhes seriam de direito, caindo assim em desgraça e desonra. Por conta disso, o embate entre YPJ e o Estado Islâmico tornou-se emblemático. Nesse sentido, a atuação de guerrilheiras na Batalha de Kobane, configurando cerca de 80% da força curda presente no episódio e atuando em todas as instâncias da guerra, até nas linhas de frente⁵², atraiu os olhares ocidentais,

⁵⁰ Para o Estado Islâmico, existia um motivo logístico por trás da conquista de Kobane. A essa altura, a força já havia conquistado outras duas cidades que faziam fronteira com a Turquia – Jarabulus e Tel Abyad – e que eram separadas por Kobane, de forma que, para atravessar de um ponto ao outro, tinham que se deslocar 257 km para fora de sua rota. Assim, tomar o controle de Kobane parecia como uma questão lógica (TAX, 2016).

⁵¹ Com o intuito de prevenir a instauração de uma forte presença curda em sua fronteira com a Síria, que pudesse vir a servir como ponto de apoio para os curdos turcos, a Turquia passou a auxiliar o Estado Islâmico em sua luta por Kobane. Com isso, permitiu que pela sua divisa passassem guerreiros jihadistas e equipamentos destinados para o Estado Islâmico, bem como permitiu os fornecer acesso a seus hospitais privados (TAX, 2016).

⁵² Cf. nota 1.

curiosos e perplexos frente às mulheres orientais que se haviam tornado peças chave na derrocada de uma poderosa organização terrorista, vista como a personificação do mal (TAX, 2016).

Diante do exposto, o capítulo seguinte abordará precisamente a maneira como as curdas de Rojava vêm sendo representadas no Ocidente, através de veículos de grande mídia, no período de 2014 a 2018. Assim, se questionará ainda como esse processo tem sido recebido pelos curdos; se a causa curda como um todo obtém algum ganho ou perda com a forma como tem sido representada; e se existem aspectos essenciais do movimento e da atuação feminina curda que estão sendo silenciados nesse processo.

3 MÍDIA, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO: EXPLORANDO O DISCURSO MUDIÁTICO

No decorrer deste capítulo, serão abordadas as formas como as curdas em Rojava têm sido representadas pela mídia ocidental, levando em consideração o contexto histórico e político em que se inserem e as lentes teóricas previamente apresentadas neste estudo – orientalismo, militarização e gênero. As reportagens escolhidas serão investigadas através das lentes teóricas mencionadas no primeiro capítulo e de uma metodologia, pormenorizada neste capítulo, baseada em técnicas de Análise de Discurso, seguindo a linha francesa de Patrick Charaudeau.

3.1 Fazer-saber, fazer-pensar, fazer-sentir: sobre a centralidade do discurso midiático

As mídias possuem o valioso poder de influenciar a sociedade, através de suas habilidades de *fazer-saber*, *fazer-pensar* e *fazer-sentir*. Por meio de seu trabalho como instância de produção de um ato informativo, ela estabelece um espaço de cidadania e um fórum público, no qual os cidadãos podem se informar e debater sobre acontecimentos considerados importantes de serem noticiados, o que de certa forma garante a sustentação de uma sociedade democrática e instruída. Nesse contexto, informar significa deter um conhecimento que o outro não domina, ter a habilidade de o passar adiante e, conseqüentemente, ser legitimado por isso. De tal modo, a mídia carrega parte do poder social, ao passo que antecipa opiniões e posturas sobre as pautas em sua agenda. Mediante o emprego de suas estratégias narrativas, que determinam o que o público irá apreender da mensagem que transmite, a instância midiática consegue determinar princípios que fazem parte do arcabouço do pensamento social, bem como auxilia na criação, assimilação e cristalização de identidades sociais. Suas notícias são produzidas por jornalistas cujo trabalho não se limita a reportar fatos memoráveis e importantes, mas também os construir como tais. Como exemplificado por Robert Darnton, entende-se que

A redação de notícias é fortemente influenciada por estereótipos e concepções prévias sobre o que deve ser 'a matéria'. Sem categorias preestabelecidas do que constitui a 'notícia', é impossível classificar a

experiência. Há uma epistemologia do *fait divers*⁵³. Converter um boletim policial num artigo requer uma percepção treinada e um domínio do manejo de imagens padronizadas, clichês, ‘ângulos’, ‘pontos de vista’ e enredos, que vão despertar uma reação convencional no espírito dos editores e leitores (DARNTON, 1990, p. 54).

Ao final desse processo de concepção editorial, a mensagem formulada vem a estar impregnada de valores, crenças e percepções vindas tanto do repórter por ela diretamente responsável quanto do veículo midiático pelo qual ele fala. No ato de análise de um discurso como esse, são por essas pistas que se deve procurar, pois viabilizam a compreensão sobre a imagem criada e disseminada dos objetos de investigação (CHARAUDEAU, 2013; ETTE, 2008). Como mencionado no subitem anterior, a mídia não se limita a expor acontecimentos que ocorrem apenas próximos aos sujeitos de recepção, de maneira que eventos passados em regiões afastadas podem hoje ser acessados com relativa facilidade, principalmente por veículos de amplo alcance. Os meios de difusão de informações atuam, portanto, como pontes, que permitem que seus consumidores ultrapassem as barreiras físicas e culturais entre eles e o fenômeno descrito. Quanto ao trabalho dos jornalistas que se dedicam a isso, Shani Orgad (2012) aponta

O espaço da mídia global está à procura de candidatos para fazerem parte de um vibrante grupo de representações e assumir um papel fundamental em moldar, informar e orientar como as pessoas veem e julgam o mundo, os outros e a si mesmas, e como elas imaginam as vidas reais e possíveis nessa era global. O candidato bem-sucedido irá contribuir na criação de um senso sobre lugares, pessoas e culturas distantes como relevantes e conectadas aos consumidores de mídia... O candidato deve ter a capacidade de simbolicamente desarraigar e remover as audiências de seus contextos locais de interação, e os colocar em lugares, culturas ou contextos remotos, criando um senso de que estão ali, naquele local (ORGAD, 2012, p. 341, tradução da autora)⁵⁴.

No mundo contemporâneo, a mídia consegue desenvolver seu trabalho informativo de forma mais abrangente e multifacetada, considerando os instrumentos

⁵³ Nesse contexto, a expressão francesa ‘*fait divers*’ (em português, ‘fatos diversos’) refere-se à um gênero jornalístico responsável pela produção de notícias inusitadas e surpreendentes, que ganham destaque pelos veículos midiáticos por apresentarem um alto potencial de atrair públicos de diversas classes sociais e níveis de instrução. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vies/comunicacao/fait-divers-o-jornalismo-sobre-o-inusitado/>>. Acesso em: 7 mai. 2020.

⁵⁴ No original: “*The global media space is looking for candidates to join a vibrant team of representations and play a key role in shaping, informing and orienting how people see and judge the world, others and themselves, and how they imagine real and possible lives in this global age. The successful applicant will contribute to creating a sense of distant places, people and cultures as relevant and connected to media consumers... The applicant must have the capacity to symbolically ‘disembed’ and lift audiences out of their local contexts of interaction, and ‘plant’ them in remote places, cultures or contexts, creating a sense of being there, of being ‘on the spot’.*”

que tem a sua disposição para enriquecer seu produto e atrair seu público. Como observa Santaella (2003), o ente midiático constitui-se em um sujeito inter e multimídia, caracterizado pelo emprego de formas híbridas de linguagem, que geram mensagens constituídas por diversos códigos e processos de significação. Dessa forma, seguindo seu método próprio de narrativa, a instância midiática parte de uma informação bruta para apresentar um discurso complexo, composto por imagens, vídeos, comentários de especialistas e autoridades no assunto em evidência, relatos de testemunhas e entrevistas, na tentativa de entregar um material expressivo e atraente, que transmita sua credibilidade e legitimidade como ator de grande relevância para a sociedade. É precisamente a utilização de todas essas táticas que contribui para a sustentação e prosperidade do Contrato de Comunicação Midiática, percebidas por meio da qualidade do vínculo estabelecido entre mídia e seu consumidor.

Indo além da faceta democrática da mídia, Herman e Chomsky (2011) destacam a influência que a dimensão macroeconômica exerce sobre essa instância. Argumentando que, a um nível global, as notícias continuamente têm sido guiadas pelas demandas e aspirações de estruturas comerciais, fundamentadas em preceitos neoliberais e capitalistas, a dupla argumenta que o ato de informação acaba se desviando de um propósito puramente ético e social. Passa, então, a abraçar um intuito financeiro, uma vez que se enxerga atuante em um cenário cujas partes devem competir incessantemente pela captação de consumidores. Os autores observaram, com isso, que as transformações políticas e comunicacionais ocorridas nas últimas décadas resultaram no enfraquecimento das fronteiras entre os departamentos editorial e de propaganda da máquina midiática de forma progressiva, a ponto de ser instituída uma relação direta entre o resultado do processo de produção jornalístico e a manutenção da divisão econômica da mídia. Consequentemente, em meio a um cenário de globalização, de desregularização e de crescentes pressões e expectativas orçamentárias, os veículos de comunicação globais seriam levados a gerar produtos que pendem para o sensacionalismo e que chamam maior atenção no mercado.

Assim, como bem pontua Robert McChesney (2015), o sistema midiático global tem deixado sua marca na forma de um comercialismo implacável e ubíquo. Nessas condições, a prática de fabricar notícias através de uma lente comercial torna-se quase automática, consistindo na adoção de um roteiro de pré-produção que inclui questionamentos como: - “Que tipo de informação atrai mais a atenção pública? ”; -

Quais táticas englobam sua construção? ". Como resultado, os sentidos criados por meio do discurso midiático são determinados pelo ponto de vista do jornalista quanto ao seu objeto de análise e o público esperado, bem como pela ambição econômica da empresa que o veicula. Vale destacar que esse método de produzir notícias recebe uma significativa crítica, que julga os veículos de informação como essencialmente manipulares. A esse parecer, Charaudeau (2013, p.245) acrescenta a observação de que este seria um efeito de mão dupla, ao passo *que* "a instância midiática é vítima de seu sistema de representação, pois em vez de efetuar a troca entre ela e o cidadão, a troca ocorre entre ela e os atores da máquina econômica, a fim de sustentar sua própria promoção". Compreende-se, portanto, que o sujeito de produção do ato de informação seria alvo de uma automanipulação, vinda de sua natureza comercial, que a condiciona a desconsiderar sua missão democrática, impactando diretamente no processo de construção de um acontecimento.

Uma tendência que segue a prescrição de tornar a notícia mais interessante é a estruturação da narrativa como um roteiro dramatizante, que se traduz em apresentar uma desordem social, evidenciando vítimas e malfeitores; pleitear por uma solução vinda daqueles com mais poder no universo introduzido; e apresentar um salvador com o qual o público pode se identificar. A necessidade de promover sentimentos é, de tal modo, intrínseca à máquina midiática, imputando ao ato de informação a meta de sempre transmitir sentimentos como medo, compaixão e ojeriza em seus discursos. Além disso, na tentativa de facilitar a disseminação de sua mensagem entre diferentes perfis de receptores, buscando uma acessibilidade ampla, o produtor constantemente recorre ao emprego de esquemas de raciocínio simples e de senso comum no tratamento das informações brutas que acumula, o que tende a gerar enredos reducionistas, descontextualizados e, por vezes, vulgares, sobre o tema inicial. Assim, mesmo que por vezes seja tipificada como um 'espelho da sociedade', a mídia utiliza técnicas que imprimem deformações nas imagens que propaga. Ela entrega tão somente um fragmento da realidade, que foi filtrado e modelado de acordo com seus específicos critérios. Essa informação torna-se opaca. Então, longe de ser uma simples transmissora de conhecimentos, isenta e transparente, a entidade midiática está fadada a reproduzir concepções e verdades intrínsecas a si mesma.

Nesse caso, as representações que dela partem dela e encontram seu espaço na mente do público não correspondem totalmente aos fatos concretos, independentemente de a notícia pender mais para uma abordagem dramática ou

pragmática. Ao contrário, elas são construções fundamentadas nas palavras usadas, nas histórias contadas, nas imagens reproduzidas, nas emoções associadas e nas formas como elas são classificadas e conceituadas (ORGAD, 2012). Diante disso, não se deve ignorar a problemática de que as representações midiáticas invariavelmente produzem efeitos de verdade, legitimando regimes discursivos específicos e cristalizando suas versões de mundo e de identidades sociais na consciência coletiva. Considerando seu poder de selecionar certos aspectos de um fato ou de personalidades e torná-los noticiáveis, enquanto oculta suas demais facetas, compreende-se a capacidade influenciadora concentrada nessas representações. A elas é garantida a habilidade de conferir, propagar e consolidar sentidos referentes a fenômenos e pessoas em geral, não se prendendo a fronteiras físicas ou invisíveis. Conforme Charaudeau (2013) explica

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolhas de *estratégias discursivas* (CHARAUDEAU, 2013, p. 33, ênfase no original).

Perante os posicionamentos expostos, serão avaliadas as estratégias discursivas empregadas pelos veículos midiáticos *The Guardian* e *Daily Mail*, respectivamente, de forma a compreender as representações que normalizam sobre as mulheres curdas de Rojava. Questiona-se, portanto, quais foram os sentidos e efeitos de verdade construídos sobre elas e que valores e crenças implícitos podem ser encontrados nas narrativas apresentadas. Para tanto, o próximo subitem se focará na pormenorização das técnicas de análise de discurso, como meio de analisar o macro enquadramento defendido nos textos; as escolhas lexicais que os permeiam; a forma como as manchetes apresentam os temas; as fontes utilizadas para legitimar as notícias; as imagens usadas como auxiliares para a visualização do público; os testemunhos e discursos diretos e indiretos expostos; as formas pelas quais o jornalista e a publicação se relacionam com a informação passada; e a escolha entre elementos evidenciados x elementos ocultados pelas reportagens. Fundamentalmente, indaga-se: o que todas essas decisões revelam sobre o olhar da mídia ocidental sobre as mulheres curdas?

3.2 Por uma leitura linguística e psicossocial: a análise de discurso segundo Patrick Charaudeau

Renomado no campo dos estudos discursivos, o autor francês Patrick Charaudeau trouxe novos contornos de análise, ao conjugar as dimensões da linguagem, da informação e da comunicação, fundando assim a abordagem semiolinguística da Análise de Discurso. Levando em consideração tanto a dimensão linguística quanto a psicossocial, ao explorar a forma como um discurso é produzido, recebido e interpretado, sua abordagem transcende a investigação mais pragmática do *corpus*. Propõe, ao contrário, uma reflexão sobre a questão da representação no discurso, passível de avaliar as características formais e semânticas de um enunciado, revelando identidades, relações sociais, objetivos e expectativas dos interlocutores ali inscritos. À vista disso, a escolha em empregar a vertente charaudiana de Análise de Discurso neste estudo parte da crença de que ela proporcionará uma oportunidade de analisar o discurso midiático de modo mais amplo, tendo em vista que a produção textual é feita por uma pessoa que carrega também valores e crenças socialmente construídos, que invariavelmente se manifestam em sua escrita.

Um dos argumentos centrais de Charaudeau, que guiará a análise dos discursos veiculados pela mídia, é o de que a linguagem mobiliza tanto os sistemas de signos de uma língua quanto os de valores, que gerenciam o uso desses signos em situações particulares da comunicação. O encontro do plano linguístico com o situacional resulta, portanto, na formação de um discurso. No contexto de uma análise de discurso, essa constatação nos leva a tentar interpretar as entrelinhas, de forma a identificar vestígios deixados pelos interlocutores, que apontam para as formas pelas quais esse processo social levou à produção de determinados sentidos (CHARAUDEAU, 2013; CHARAUDEAU, 2005). Estes, por sua vez, irão depender totalmente da intenção dos sujeitos que produzem e recebem a mensagem do discurso, estabelecendo assim um vínculo entre ambos, que dá origem ao ato de comunicação. A organização de tal ato é feita pelo Contrato de Comunicação, que estabelece critérios para a interação em progresso, como a definição dos papéis e da relação entre as partes, a finalidade da troca interacional e as estratégias que serão empregadas para a transformação de um fato social em acontecimento (CHARAUDEAU, 2016).

Esse universo comunicacional é estruturado em dois circuitos, nos quais os sujeitos atuam: o interno e o externo, que funcionam simultaneamente e que dependem um do outro. O circuito interno engloba todos os aspectos puramente linguísticos e objetivos do discurso, que são operados pelo Eu Enunciador (sujeito de produção) e o Tu Destinatário (sujeito de recepção). Já o circuito externo abarca o prisma psicossocial do discurso, composto pelos contextos social e histórico no qual ele está inserido, bem como por suas condições de produção. Essa esfera é protagonizada pelo Eu Comunicador (sujeito de produção) e o Tu Interpretante (sujeito de recepção). As quatro identidades citadas são responsáveis pela fabricação e entendimento do discurso, dividindo-se entre personalidades discursivas – Eu Enunciador e Tu Destinatário, que só existem nesse âmbito, sendo estritamente linguísticas – e personalidades sociais – Eu Comunicante e Tu Interpretante, seres reais e extralinguísticos, que habitam no mundo de fato. Além de serem concomitantes, são em partes idealizadas, ao passo que os sujeitos sociais se engajam no ato de comunicação projetando os sujeitos discursivos com quem irão interagir, que podem ou não coincidir com a realidade do circuito externo.

De tal modo, as identidades desses produtores e receptores não surgem completas e definidas, mas são construídas através da interação enunciativa, sendo um resultado do discurso. Fica a cargo do sujeito de produção iniciar o ato de comunicação, guiando-se por questionamentos como: *o que dizer; como dizer; e como dizer o que preciso de forma a convencer meu parceiro*. Cabe destacar que, para ganhar esse “espaço de fala”, ele deve satisfazer, segundo o autor, três pré-requisitos: ter domínio do saber, esfera por onde circulam discursos de crenças e verdades, que contribuirão para legitimar sua fala; ser reconhecido como detentor de um poder social, como um ator cujo discurso influencia sua comunidade; e passar credibilidade no conhecimento que dissemina, algo que é conquistado perante a mobilização de indivíduos e entidades notórios através de seu discurso. Uma vez que a mensagem foi concatenada e transmitida, ela deve ser analisada por seu aspecto linguístico e pelos seus condicionantes externos, fórmula essa que determinará como será interpretada pelo receptor. Os sentidos implícitos presentes nessa interação são tão importantes quanto os explícitos, por partirem dos pontos de vista e das expectativas múltiplas das partes do Contrato de Comunicação, que abrem espaço para que uma pletora de efeitos de sentido seja criada, não podendo, então, serem omitidos em análise (CHARAUDEAU, 2009; CHARAUDEAU, 2001).

No que tange ao discurso midiático, ele ocorre através do estabelecimento do ato de informação, que segue a mesma estrutura do ato de comunicação. Segundo Charaudeau (2013), o acontecimento transmitido por ele é construído para que seja visto como digno do status de notícia. Para tanto, é percebido, capturado e edificado primeiro, de maneira que siga os critérios predeterminados pelo Contrato de Comunicação Midiática, para que então seja repassado como informação.

A notícia, portanto, nunca corresponde à realidade empírica; o sujeito de produção a filtra antes de disseminá-la. Logo, vale questionar o tratamento que ela recebe antes de alcançar o sujeito de recepção. O tempo, o espaço social e a hierarquia são, em decorrência, os aspectos que criam uma notícia. Em primeiro lugar, um fato torna-se noticiável quando é percebido como atual, dotado de uma efemeridade e de uma sensação que o prende ao presente. Assim, encaixa-se no critério tempo a tentativa que a mídia faz de aproximar, ao máximo, o surgimento e a produção de um acontecimento com o instante de publicação e consumação da notícia. Quanto ao espaço social, a notícia situa-se no cruzamento entre a ubiquidade e a proximidade, visto que a mídia deve reportar acontecimentos que ocorrem tanto perto quanto longe do sujeito de recepção. No caso de haver um afastamento espacial entre esses pontos, a instância de produção recorre a mecanismos para localizar e capturar o fato, como serviços de informação (agências de notícias), redes globais de informantes, dados obtidos em instituições ou grupos sociais e testemunhas, que a permitem reportar informações de forma quase simultânea para o sujeito receptor. Por fim, a mídia leva em consideração o critério de importância na hierarquia dos acontecimentos, que abarca parâmetros externos e internos a ela. Externamente, é avaliado como o acontecimento surgiu; ou seja, se despontou de forma inesperada, se foi programado previamente ou se foi provocado. Com respeito aos parâmetros internos, eles estão relacionados às escolhas feitas pela instância nos aspectos de tempo e proximidade espacial, bem como ao potencial de destaque que uma notícia tem, girando em torno do questionamento - “esta informação conseguirá emocionar o público a ponto de atraí-lo? ”.

Tudo isso vai ao encontro de uma das questões mais importantes levantadas pelos fundamentos charaudianos, a dupla lógica da informação, que atua constantemente no discurso midiático e que diz respeito à finalidade do Contrato de Comunicação Midiática estabelecido entre mídia e consumidor, determinando como o produto dessa interação será estruturado e consumido. A instância midiática, ao

produzir seu conteúdo, assume um manto democrático, que dita que sua mensagem deve responder à demanda social da informação seguindo um dever ético. Para tanto, a instância deveria se manter credível e objetiva, reportando os fatos de forma mais categórica e fidedigna possível, sem carregar sua mensagem de tons e traços sentimentais e dramáticos. Por outro lado, tendo em vista o ambiente econômico liberal de incessante concorrência pela atenção do consumidor em que se encontra, a mídia é defrontada com a necessidade de fabricar um produto cativante, que desperte a curiosidade e o interesse de seu destinatário. Essa lógica comercial a insere em um jogo no qual sua meta é captar um número cada vez mais alto de receptores, demandando que ela se utilize da subjetividade em seu discurso. Desse modo, o sujeito de produção midiática lida com o paradoxo de manter seu discurso pragmático e neutro, atendendo a finalidade democrática, mas, ao mesmo tempo, gerar desejo, curiosidade e compreensão através de sua mensagem, de forma que conquiste um público progressivamente maior.

A máquina midiática, trabalha, então, de maneira complexa, estando constantemente tensionada. Com isso em mente, Charaudeau argumenta que quando a instância produtora decide assumir a finalidade comercial, seu discurso midiático tende a empregar táticas de sedução e persuasão que vão além de apenas *fazer-saber*. Dessa decisão, partem as narrativas jornalísticas que se escoram na dramatização, na romantização e no emprego de estereótipos, que reposicionam o jornalista como um denunciador, distanciando-o da aspiração ética. Uma das formas mais garantidas que se tem de atrair essa tão desejada atenção é apostar na construção de reportagens que girem em torno da tríade vítima/agressor/salvador. Como pontua o linguista francês

Uma vez selecionados os acontecimentos, as mídias os relatam de acordo com um roteiro dramatizante, que consiste... em: (1) mostrar a desordem social com suas vítimas e seus perseguidores; (2) apelar para a reparação do mal, interpelando os responsáveis por este mundo; (3) anunciar a intervenção de um salvador, herói singular ou coletivo com o qual cada um pode identificar-se. Dependendo do momento em que o acontecimento é apreendido, a insistência recairá mais sobre as vítimas, ou mais sobre os perseguidores, ou sobre o salvador (CHARAUDEAU, 2013, p. 239).

Nesse cenário, o público assume uma posição de espectador-*voyeur*, acompanhando uma história envolvente, que lhe incita sentimentos variados e que molda a forma como ele enxerga os personagens ali encontrados. Diante da vítima, ele é estimulado a se colocar no seu lugar e, assim, criar um laço de compaixão e

compadecimento. Toda a estrutura descritiva que envolve essa figura compõe um convite do enunciador para que o destinatário partilhe do sofrimento dos outros, cujas desgraças são corroboradas por testemunhos provenientes das próprias vítimas e de observadores externos mais próximos da situação. Quanto ao agressor, este ocupa a importante função de gerar fascinação, sendo simultaneamente um objeto de atração e de repúdio. Encarnando o espírito de mal absoluto, com um poder quase que indestrutível, ele incita o medo e ojeriza no público, que é levado a acompanhar seu rastro de destruição, esperançoso e curioso para saber se existe alguma força que conseguirá detê-lo. Por fim, é introduzida a figura heroica, podendo vir através de salvadores oficiais (como soldados, bombeiros e médicos) ou ocasionais, ambos os quais representam os reparadores de uma desordem social e vingadores dos males que acometem as vítimas. Ao utilizar esse personagem, o enunciador motiva seu público a se projetar nos heróis e com eles se identificar piamente, gerando um efeito de suspensão de todo o senso crítico no ato de informação (CHARAUDEAU, 2016).

Será à vista da metodologia acima traçada que o trabalho se voltará para a análise do discurso de informação midiática sobre as curdas nos jornais, onde serão feitas considerações sobre o papel do ente midiático e das representações que ele produz para a esfera social. O *corpus* do objeto de estudo escolhido serão as reportagens selecionadas das redes de notícia *Daily Mail* e *The Guardian*.

4 POBRES MÁRTIRES, SOLDADAS CORAJOSAS, ANOMALIAS, MULHERES NORMAIS: QUEM SÃO AS CURDAS PARA A MÍDIA OCIDENTAL?

As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer sua história é, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar.

Michelle Perrot

Uma vez estabelecida a importância e contribuição da mídia para a esfera social, serão abordadas agora as redes midiáticas cujas reportagens, em vertentes online foram escolhidas como amostras para este estudo. Os critérios que basearam essa seleção foram a relevância global do jornal e o montante de notícias publicadas sobre o tema da dissertação, delimitado a partir da pesquisa feitas com as palavras-chave ‘curdas’, ‘mulheres curdas’ e ‘YPJ’, com data de publicação entre os anos de 2014⁵⁵ e 2018. Diante disso, a análise se dividirá em dois subitens, cada um focado em uma amostra, para que, por fim, seja apresentada as conclusões do estudo.

4.1. *The guardian*

A primeira mídia selecionada foi veiculada por *The Guardian*, uma agência britânica de notícias diárias, que conta ainda com as versões norte americana e australiana, e que têm como foco central os tópicos de política, negócios e relações internacionais. Ranqueado como o 10^o site de notícias mais acessado no mundo pela lista do eBizMBA⁵⁶, que coloca suas visitas mensais em cerca de 42 milhões, *The Guardian* também é definido como um dos portais midiáticos mais populares

⁵⁵ O ano de 2014 é conhecido nos estudos sobre as mulheres curdas e o olhar ocidental por marcar o início do que é percebido como o fascínio ocidental perante a YPJ (BROWNFIELD-STEIN, 2017). Isso se deve ao editorial do CNN, publicado em dezembro de 2014, colocando as guerrilheiras em sua lista de principais mulheres de 2014, por seu confronto contra o Estado Islâmico. Cf. nota 2.

⁵⁶ A empresa eBizMBA atua como um índice de negócios que operam primariamente online, funcionando como uma base de dados analíticos e marketing online que abrange uma ampla variedade de indústrias (ROBINSON, COTTEN, SCHULZ, 2014). Como fonte de informações, é utilizado aqui seu Top 15 Most Popular News Website, atualizado em fevereiro de 2020, que faz uma média entre os dados de tráfego de sites americanos vindos do *Quantcast* e sites globais vindos da *Alexa* e do *SimilarWeb*. Disponível em: < <http://www.ebizmba.com/articles/news-websites> >. Acesso em: 27 ago. 2020.

internacionalmente pelo SimilarWeb⁵⁷. Este avalia seu total de visitas em 287 milhões em um período de seis meses, sendo *The Guardian* majoritariamente consumido no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Austrália, no Canadá e na Alemanha. Como pode ser encontrado ao final de todas as suas reportagens, a agência midiática identifica-se da seguinte forma

The Guardian é editorialmente independente, significando que nós determinamos nossa própria agenda. Nosso jornalismo é livre de um viés comercial e não é influenciado por proprietários bilionários, políticos ou *shareholders*. Ninguém edita nosso editor. Ninguém interfere em nossa opinião. Isso é importante pois nos permite dar voz aos menos ouvidos, desafiar os poderosos e cobrá-los. É o que nos torna diferente de muitos outros na mídia, em tempos nos quais a reportagem factual e honesta é vital (*THE GUARDIAN*, 2020, tradução da autora)⁵⁸.

De acordo com o *Media Bias/Fact Check*⁵⁹, *The Guardian* seria uma mídia de centro-esquerda, moderadamente liberal, que em geral não utiliza expressões e palavras de força e que cultiva a prática de usar fontes legítimas. Durante o intervalo de tempo transcorrido entre 2014 a 2018, foram encontradas doze matérias no *The Guardian*, que giravam em torno do tema em pauta e continham as palavras-chave previamente citadas. A maioria encontrava-se sob a rubrica de ‘*world news*’, com as exceções de dois ‘editoriais de opinião’ e uma matéria situada no tema de ‘*UK news*’, as quais continham os títulos que compõem a tabela que se segue.

Tabela 1 – Relação de títulos e de datas de publicação das notícias que compõem o corpus do The Guardian

THE GUARDIAN	
Título de notícia	Data de publicação
"Mulheres curdas precisam de armas para lutar contra o Estado Islâmico"	30 de outubro de 2014
"Forças curdas tomam o controle de cidade síria de Kobane"	26 de janeiro de 2015
"'Estamos tão orgulhosos' - as mulheres que morreram defendendo Kobane contra o Estado Islâmico"	30 de janeiro de 2015
"Adolescente britânica acusada de tentar se alistar nas forças curdas que lutam contra o Estado Islâmico"	13 de março de 2015

⁵⁷ SimilarWeb é uma empresa que fornece inteligência de mercado global multimídia para compreender, acompanhar e cultivar um *market share* digital. Disponível em: < <https://www.similarweb.com/pt/website/theguardian.com/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

⁵⁸ No original: “*The Guardian is editorially independent, meaning we set our own agenda. Our journalism is free from commercial bias and not influenced by billionaire owners, politicians or shareholders. No one edits our editor. No one steers our opinion. This is important as it enables us to give a voice to those less heard, challenge the powerful and hold them to account. It’s what makes us different to so many others in the media, at a time when factual, honest reporting is critical*”. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/international> >. Acesso em: 2 ago. 2020.

⁵⁹ O *Media Bias/Fact Check* é uma plataforma que mede a parcialidade política e a precisão factual de agências midiáticas a um nível global. Disponível em: < <https://mediabiasfactcheck.com/the-guardian/> >. Acesso em: 1 ago. 2020.

"Mulheres curdas oram por paz conforme o medo de uma guerra civil na Turquia aumenta"	16 de agosto de 2015
"Mulher dinamarquesa que lutou contra o Estado Islâmico enfrenta sentença de prisão"	19 de dezembro de 2016
"Ativista de Blackburn se torna a primeira mulher britânica a se juntar à luta contra o Estado Islâmico na Síria"	9 de fevereiro de 2017
"Curdos sírios indignados com a mutilação de uma mulher combatente"	2 de fevereiro de 2018
"Afrin curdo é democrático e simpático à causa LGBT. Turquia o está destruindo com a ajuda da Grã Bretanha"	16 de março de 2018
"A morte de Anna Campbell na Síria foi fútil mas sua paixão era admirável"	19 de março de 2018
"Mulher britânica morta durante luta contra forças turcas em Afrin"	19 de março de 2018
"Milhares podem morrer': combatente britânica clama por auxílio para os curdos sírios"	23 de março de 2018

Nota: links para todas as notícias disponíveis no anexo.

Fonte: autoria própria, tradução da autora, 2020.

Ao traçar um panorama das notícias publicadas por *The Guardian* percebe-se que seus redatores englobam colunistas e comentaristas da casa, jornalistas *freelancers* e correspondentes regionais e legais - salvo duas matérias, uma vinda da *Agence France-Presse* em Afrin (um dos cantões de Rojava) e outra produzida por Margaret Owen, diretora da entidade *Widows for Peace through Democracy*⁶⁰ e ativista pelos direitos das mulheres. Avaliando ainda as fontes escolhidas pelos repórteres, nota-se que elas partiram majoritariamente de informações coletadas pela AFP e pelo *Syrian Observatory for Human Rights*⁶¹ e de entrevistas realizadas com combatentes curdas e suas famílias; ativistas curdas; civis de Rojava; analistas e jornalistas regionais; políticos de Rojava; membros de instituições americanas de defesa e segurança; professores especialistas em Oriente Médio; e representantes de serviços de segurança e inteligência estrangeiros.

Dissecando o *corpus*, observou-se que os produtores optaram por representar as mulheres curdas através da imagem das guerrilheiras da YPJ, usando de expressões como "jovens guerreiras", "mártires", "sensíveis" e "corajosas e habilidosas" para descrevê-las, exaltando-as por lutarem voluntariamente contra o

⁶⁰ Na tradução, 'Viúvas pela Paz através da Democracia', a WPD é uma organização não-governamental internacional guarda-chuva para outras organizações do mesmo ramo, que atua em países em desenvolvimento e afligidos pela guerra, que tem como meta garantir que as viúvas de tais regiões, independente de idade, religião, etnia, casta, classe ou nacionalidade, sejam protegidas de discriminação e violência. Disponível em: < <https://www.widowsforpeace.org/58-2/> >. Acesso em: 14 mai. 2020.

⁶¹ O Observatório Sírio para Direitos Humanos (SOHR) é uma organização de direitos humanos que se declara independente e imparcial, estabelecida no Reino Unido, que tem como missão preservar a verdade para promover a justiça, a igualdade e a liberdade na Síria. Para tanto, estabeleceu uma robusta rede de centenas de ativistas de direitos humanos que atuam na Síria monitorando, documentando e publicando diariamente acontecimentos ocorridos na Síria.

Estado Islâmico. Por outro lado, os enunciadores não hesitam em representá-las como vítimas – status já cristalizado no senso comum como intrínseco às mulheres orientais – perante a ação dos jihadistas. Mesmo sendo destemidas, estariam à mercê do grande poder desses homens, muito por conta de sua falta de recursos, o que as levam a recorrer ao Outro ocidental em busca de salvação. Em matérias como as intituladas “Milhares podem morrer’: combatente britânica **clama** por auxílio para os curdos sírios”⁶² e “Mulheres curdas **precisam** de armas para lutar contra o Estado Islâmico”⁶³, é transmitido que sua determinação não é suficiente para que superem as mazelas que lhes são particulares. Esse rótulo é reforçado ainda pelos enunciadores através do uso de verbos como ‘clamar’ e ‘precisar’, que apreendem a atenção do leitor e cristalizam a posição de carência e de desespero delas no subconsciente coletivo.

Explorando o aspecto multimídia do *The Guardian*, destacam-se as fotos escolhidas para ilustrar as curdas. Estas majoritariamente as retratam sorrindo, vestindo fardas, carregando Kalashnikovs⁶⁴ e de cabelos e rostos à mostra ou, no máximo, usando lenços amarrados no topo de suas cabeças. Retiradas do contexto em que se encontram, seriam categorizadas como jovens mulheres normais, não violentas.

Figura 1 – Guerrilheira curda não nomeada



Fonte: *The Guardian*, 16 ago. 2015⁶⁵.

⁶² Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/23/thousands-could-die-female-british-fighter-rukan-renas-urges-support-for-syrias-kurds> >. Acesso em: 20 set. 2019.

⁶³ Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2014/oct/30/empowered-kurdish-women-fighters-need-arms> >. Acesso em: 20 set. 2019.

⁶⁴ Também conhecidas como AK-47, são fuzis militares soviéticos usados até hoje.

⁶⁵ Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/aug/16/women-join-kurdish-rebel-ranks> >. Acesso em: 20 set. 2019.

Figura 2 – Shireen Taher, guerrilheira morta em combate



Fonte: *The Guardian*, 30 jan. 2015⁶⁶.

Com base nas fotos, é possível dizer que nada em suas posturas e formas de se apresentar denota traços e sinais severamente transgressores quanto às tradicionais normas de gênero e, não fossem as armas que portam e seus uniformes, não seria possível enxergá-las como *soldadas* – considerando a típica projeção de um soldado como estoico, viril e agressivo – mas sim como mulheres civis, amenas e não ameaçadoras, que não possuem uma natureza violenta.

O cotejo entre as descrições previamente citadas sobre as curdas e as imagens no formato veiculado auxilia na sua fixação no imaginário coletivo delas como jovens guerrilheiras valentes, mas essencialmente vulneráveis e femininas. Uma estratégia narrativa que auxiliou na construção da imagem de intrépidas mártires foi, portanto, o emprego de um roteiro dramatizante, centrado no embate com o Estado Islâmico. Perante a entrada do grupo jihadista no conflito – e tendo em vista a notoriedade que ele carrega como pregador de uma versão extremista da fé muçulmana, com um *modus operandi* extremamente impiedoso, principalmente no que refere às mulheres – o conflito de princípios e a disputa pelo domínio territorial entre curdos e militantes jihadistas tornou-se a linha mestre para nortear as reportagens do *The Guardian*.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/jan/30/kurdish-women-died-kobani-isis-syria>>. Acesso em: 20 set. 2019.

A proeminência que esse aspecto da luta curda ganhou credita-se ao fato de que, considerando especificamente o Ocidente, o Estado Islâmico é visto como um de seus grandes inimigos. Ao se defrontarem, então, com a visão de mulheres orientais, que partem de um movimento secular e democrático, confrontando seu mesmo rival, toda sua atenção se concentra nisso. De tal modo, entende-se que há uma identificação das curdas com sentimentos ocidentais, pois elas lutariam contra a própria imagem do Oriente retrógrado, conservador, não democrático e fundamentalista, o Estado Islâmico. Esse ponto, contudo, foi transformado, pela narrativa midiática, na justificativa primária para a mobilização de mulheres no Curdistão Sírio, de modo que os demais propósitos por trás do Movimento de Mulheres Curdas e de sua militarização, que precedem o confronto com a organização jihadista, foram suprimidos. Considerando a forma como o discurso midiático pode ser construído, julga-se que esse recurso foi feito com a consciente intenção de atrair leitores. Criou-se uma envolvente história, na qual de um lado encontrava-se o Estado Islâmico, poderoso e sanguinário inimigo, e, do outro, as curdas: vítimas e improváveis heroínas.

Há de se mencionar, ainda, o fenômeno do narrador externo presente em cena. Das doze reportagens citadas, oito foram centradas nas experiências e nas perdas enfrentadas por voluntárias ocidentais⁶⁷. Observa-se, portanto, a perpetuação da tendência orientalista apontada por Said do sujeito ocidental apropriar-se do espaço de fala que deveria ser do oriental para apresentar suas próprias concepções sobre o outro, privando-o de se autodeterminar. Um exemplo disso pode ser encontrado na matéria intitulada “Mulher dinamarquesa que lutou contra o Estado Islâmico enfrenta sentença de prisão”, que gira em torno de uma jovem dinamarquesa que atuou junto aos curdos na Síria e no Iraque e que enfrentou problemas judiciais quando, enfim, voltou ao seu país.

Quando perguntada sobre o porquê de ter ido para o Curdistão, ela alegou que foi com o intuito de “lutar pelos direitos das mulheres, pela democracia – pelos **valores europeus** que aprendi como uma menina dinamarquesa”⁶⁸.

⁶⁷ Com a exceção de uma, escrita por Margaret Owen, da entidade *Widows for Peace through Democracy*⁶⁷, intitulada “Mulheres curdas precisam de armas para lutar contra o Estado Islâmico”. Cf. nota 63.

⁶⁸ No original: “to fight for women’s rights, for democracy – for the European values I learned as a Danish girl”. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/19/danish-woman-who-fought-against-isis-faces-jail-sentence> >. Acesso em: 20 set. 2019.

Por meio de posicionamentos como esse, não só fica estabelecido um vínculo entre o público ocidental e as curdas, baseado na convicção de que partilham dos mesmos princípios, como também é implicitamente transmitida a crença de que democracia e direitos das mulheres são fundamentos vindos de sociedades ocidentais. Seguindo essa linha de pensamento, fica subentendido que a experiência curda seria uma tentativa de emular as virtudes tidas, assim, como caracteristicamente eminentemente ocidentais e, por meio dessa narrativa, comprovadamente entendidas como a forma correta de uma sociedade se organizar. Além de demonstrar um ponto de vista conspicuamente orientalista, são suprimidas as facetas particulares do movimento curdo no que se refere à maneira como ele organiza sua sociedade e instituições, baseando-se no Confederalismo Democrático, e como põem em prática seu feminismo, que é significativamente diferente do modelo adotado no Ocidente – vide a formulação da Jinealogia⁶⁹.

É necessário apontar, também, a forma como essas voluntárias são representadas nas notícias para se encaixar no papel de heroínas externas, completando a tríade do roteiro dramatizante. Diante desse propósito, são descritas como jovens revolucionárias, idealistas, solidárias e altruístas, por estarem dispostas a arriscar seu bem-estar por uma causa maior, no dito ‘teatro letal’⁷⁰ que é o Oriente Médio moderno. Na notícia “A morte de Anna Campbell na Síria foi fútil, mas sua paixão era admirável”⁷¹, o enunciador, ao mesmo tempo em que categoriza como absurda e clichê a ideia de que elas fazem alguma diferença nas batalhas travadas, louva a paixão e a simpatia humanitária das voluntárias ocidentais, afirmando que

O fato de que jovens querem viajar para o exterior e se identificar com os problemas dos outros não é algo condenável. O fato de que eles conseguem sair de um país confortável e encontrar sentimentos de compaixão por aqueles em miséria é bom (*THE GUARDIAN*, 19 mar. 2018, tradução da autora)⁷²

Esta notícia destaca-se ainda por ir contra a corrente positiva de tratamento dos curdos pelo *The Guardian*, sendo a única dentre as doze que avaliam o

⁶⁹ Cf. capítulo 2.

⁷⁰ Como Simon Jenkins se refere à guerra na Síria em seu *editorial* “A morte de Anna Campbell na Síria foi fútil, mas sua paixão era admirável”. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/19/anna-campbell-death-syria-futile-britain-kurds> >. Acesso em: 20 set. 2019.

⁷¹ Cf. nota 70.

⁷² No original: “*That young people want to travel abroad and identify with the struggles of others is no to be condemned. That they can leave a comfortable country and find fellow-feeling for those in misery is good*”. Cf. nota 70.

movimento curdo como algo sem possibilidades de triunfar, argumentando ainda que as guerrilheiras são colocadas em missões suicidas, sendo elas apenas um meio encontrado para angariar simpatia internacional pela causa curda.

A magnanimidade das salvadoras ocidentais é, portanto, regularmente explorada pela mídia. A contrapartida que o jornal recebe por empregar esse tipo de discurso é que, por ter uma personagem ocidental como heroína ocasional, seu público consegue naturalmente simpatizar com ela e assim facilmente se fantasiar, ocupando sua posição no enredo contado; afinal, por que ele não gostaria de se ver como o nobre herói em uma batalha colossal? Além disso, ter esse tipo de sujeito – que presumidamente partilha da mesma mentalidade do leitor – relatando sua experiência e servindo de fonte infiltrada no território médio oriental confere um sentimento de maior legitimidade ao conteúdo da matéria. Esses relatos seguem uma linha similar ao encontrado na notícia “Ativista de Blackburn torna-se a primeira mulher britânica a se juntar à luta contra o Estado Islâmico na Síria”⁷³, cujo foco central é a voluntária Kimberley Taylor, que conta “sentir culpa e frustração quando mães esticavam seus braços, segurando seus bebês para mim, me implorando para levar seus filhos para uma vida melhor”.

Ao se concentrar mais nas percepções de ocidentais que se inseriram no conflito do que na vivência das mulheres curdas, que são de fato peças centrais no contexto em análise, a mídia perde a oportunidade de distribuir uma mensagem mais íntegra e heterogênea para seu público.

A consequência da escolha narrativa do *The Guardian* encontra-se refletida no reduzido número de registros feitos quanto à estrutura política e social curda síria, ao movimento feminino curdo como um todo e às suas bases culturais ideológicas. Quando, finalmente, pontuações mais significativas são encontradas, elas seguem o formato de interpretação bastante positiva. Rojava, por exemplo, é retratada como o único lugar em todo o Oriente Médio em que existe de fato um movimento em prol da revolução de gênero. Como consta na notícia intitulada “Afrin curdo é democrático e simpático à causa LGBT. Turquia o está destruindo com a ajuda da Grã-Bretanha”⁷⁴, o Curdistão Sírio é categorizado como

⁷³ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2017/feb/09/blackburn-activist-kimberly-taylor-becomes-first-british-woman-join-fight-isis-syria>>. Acesso em: 20 set. 2019

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/16/turkey-democracy-kurdish-afrin-britain-syria-arming>>. Acesso em: 20 set. 2019.

Uma das únicas ilhas de democracia em um mar de despotismo médio oriental [...] A autoproclamada Federação democrática do Norte da Síria, conhecida como Rojava, é um experimento impressionante: de democracia direta e de revolução de gênero. Essencialmente, no local de nascimento do patriarcado, mulheres estão se libertando (*THE GUARDIAN*, 16 de março de 2018, tradução da autora)⁷⁵.

Esse posicionamento, além de demonstrar o ponto de vista orientalista assumido pela instância de produção – ao atribuir ao Oriente toda a culpa pelo patriarcalismo e rotular essa região como despótica – exprime a representação geral do *The Guardian* sobre o Curdistão Sírio. Este é tido como uma entidade semiautônoma anticapitalista, democrática e feminista, o que seria manifestado através da participação de mulheres nas forças armadas. Apesar disso, apenas duas das doze reportagens destacaram-se por dar um espaço válido para os curdos falarem por si próprios e só uma delas deu voz real a mulheres curdas civis e guerrilheiras, que puderam finalmente apontar questões até então inexploradas.

Na notícia "'Estamos tão orgulhosos' - as mulheres que morreram defendendo Kobane contra o Estado Islâmico"⁷⁶, é contada a trajetória de quatro combatentes curdas sírias que morreram na batalha de Kobane, sob o ponto de vista de quatro homens, membros de suas famílias. Mesmo não contendo falas diretas de curdas, sua abordagem mais intimista permitiu que fatores interessantes sobre a vida de uma mulher em Rojava viessem à tona.

Ao falar de sua sobrinha, por exemplo, um entrevistado conta que ela teria se juntado à YPJ após seu marido falecer e seu sogro ter pego a guarda de seus cinco filhos. Afirma ainda que ela teria se alistado mesmo diante dos protestos de sua mãe, que alegava que ela não tinha o necessário para atuar naquele meio e que guerras são espaços onde apenas os homens podem estar. Mesmo não sendo explorado a fundo pela enunciadora, essa passagem demonstra que a sociedade curda síria está em um processo de transição; que a mentalidade patriarcal ainda pode ser encontrada entre sua população; e que a YPJ é vista como um refúgio para mulheres que se encontram em estruturas familiares desiguais.

Em outro caso, o entrevistado afirma que sua afilhada teria entrado na guerrilha por se identificar com as palavras de Öcalan quanto à democracia e aos direitos das mulheres, apresentando assim outra motivação para as curdas atuarem na guerra,

⁷⁵ No original: "one of the only islands of democracy in a sea of Middle Eastern despotism [...] The self-described Democratic Federation of North Syria, known as Rojava, is a remarkable experiment: of direct democracy and a gender revolution. Essentially, in the birthplace of patriarchy, women are liberating themselves". Cf. nota 76.

⁷⁶ Cf. nota 66.

que não a incansavelmente usada sobre o Estado Islâmico. Mesmo sendo valiosa por revelar tais pontos nas entrelinhas, a escolha narrativa da enunciativa de apresentar as entrevistas como pequenos contos não conseguiu revelar o que fala de fato Öcalan e como isso seria empregado pela YPJ, fornecendo, ao fim, um conhecimento incipiente.

Como supracitado, apenas uma reportagem forneceu um palco sobre o qual curdas puderam falar por si próprias. Em "Mulheres curdas oram por paz conforme o medo de uma guerra civil na Turquia aumenta", que protagoniza tanto curdas civis quanto guerrilheiras, através de entrevistas, a enunciativa consegue apresentar informações sobre as raízes históricas que fundamentam a participação feminina na causa curda como um todo. É, assim, explorado o fato de que os movimentos militantes curdos foram fundados por homens e mulheres e que elas têm atuado nas guerrilhas de forma expressiva desde 1990⁷⁷, o que impulsionou as curdas sírias a formarem suas próprias entidades. Além disso, em importante entrevista com Dilan, uma comandante curda, é levantada a discussão sobre a cobertura midiática ocidental, que é criticada pela guerrilheira como sendo, em sua maioria, reducionista. Destaca-se especificamente o trecho que afirma que

Dilan expressa surpresa e consternação com o fato de que a mídia ocidental descobriu apenas recentemente as guerrilheiras curdas e apenas no contexto de seu confronto contra os militantes do Estado Islâmico. 'O Estado Islâmico é certamente um grupo terrível, e sua ideologia é perigosa especialmente para mulheres. Mas nossa luta é sobre muito mais do que isso' (*THE GUARDIAN*, 16 ago. 2015, tradução da autora)⁷⁸.

Através dos relatos dessas curdas, fica claro que o alistamento nas Unidades de Proteção vai além de uma consequência perante as ações do Estado Islâmico. Segundo as entrevistadas, diversas curdas são motivadas a entrarem para a YPJ pelo desejo de fugirem da pobreza ou por conta da discriminação e da violência que ainda pode ser encontrada nos âmbitos privados. A mudança curda para uma sociedade amplamente feminista e com equidade de gênero mostra-se, nesse sentido, gradual. Com isso, fazendo um panorama do que foi descoberto no *corpus* do *The Guardian*, nota-se a ausência de importantes elementos contextuais sobre as curdas e sua

⁷⁷ Vide o capítulo 2.

⁷⁸ No original: "*Dilan expresses surprise and dismay that Western media have only recently discovered Kurdish women fighters, and only in the context of their fight against Islamic State militants. 'Isis is certainly a terrible group, and their ideology is dangerous especially for women. But our fight is about much more than that'*". Cf. nota 65.

sociedade, que auxiliam na compreensão mais multifacetada sobre a questão, mesmo considerando os comentários de bom tom feitos sobre essas mulheres. Apesar de favorável, sua representação é unidimensional, tomando-as em um bloco único, cuja grande (e aparentemente única) função e motivação seria servir de instrumento nas batalhas contra o Estado Islâmico.

A sensação deixada pelos discursos analisados é a de que, uma vez terminado o conflito, a necessidade de mulheres nas forças armadas não mais existirá, e as curdas voltarão para o habitat natural feminino. Fica, portanto, ao final da leitura, o questionamento se existe ou existirá espaço para que elas atuem na esfera pública após a guerra, algo que não chega a ser abordado pela mídia.

A falta de conhecimento sobre como a sociedade curda estrutura-se para além do conflito com os jihadistas confere ao leitor um conhecimento fragmentado. O destinatário, por exemplo, não é informado sobre como a agência feminina curda se expande para além do setor militar ou sobre como o Movimento de Mulheres Curda encara a reivindicação feminina sobre o militarismo. Mais fortuitas ainda são as citações sobre contradições e práticas questionáveis da guerrilha e da dinâmica social curdas – como o uso de menores de idade nas Unidades de Proteção, o comprometimento com a castidade das guerrilheiras, para não incitar a reprovação familiar, e a persistência de opiniões contrárias à participação de soldadas na guerra vindas tanto de homens quanto mulheres, em sua maioria civis. Mesmo sendo revolucionária e inspiradora, como todo movimento super abrangente e ambicioso, a revolução curda não está imune a inconstâncias de percurso. No entanto, por meio da abordagem geral do *The Guardian*, esse processo complexo de reestruturação social acaba sendo demasiadamente simplificado e a agência feminina despolitizada, em prol da máxima absorção do público, gerando um conhecimento fragmentado sobre o assunto.

4.2 **Daily mail**

Escolhida como a segunda mídia a ser analisada, *Daily Mail* é uma agência de notícias britânica, de produção diária, controlada pela empresa DMGT⁷⁹ e com as vertentes *Mail on Sunday* e *The Metro*. De reputação globalmente reconhecida, *Daily*

⁷⁹ A *Daily Mail and General Trust* gerencia um leque multinacional de empresas que fornecem negócios e consumidores com informações, dados analíticos, entretenimento atrativos. Disponível em: < <https://www.dmgt.com/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

Mail atualmente dispõe de um dos maiores sites de notícias produzidas em inglês, ranqueado pelo eBizMBA⁸⁰ como o 8º mais acessado no mundo, com uma estimativa mensal de 53 milhões de visitas. Com acessos semestrais alcançando cerca de 365 milhões, o *Daily Mail* é consumido predominantemente no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Austrália, no Canadá e na França⁸¹. De acordo com a própria instância midiática, seu formato e forma de transmitir informações foca-se em produzir discursos e conteúdos dinâmicos e engajadores, privilegiando também a apresentação de imagens. De acordo com o *Media Bias/Fact Check*⁸², essa rede midiática segue a corrente política de direita, mas não se esquivava de publicar conteúdos que se encaixem em outras correntes, contanto que tenham um aspecto publicável. Além disso, a mesma *media* afirma que o *Daily Mail* prioriza o uso de manchetes apelativas e de uma narrativa hiperbólica. No que diz respeito ao tema deste estudo, no período de 2014 a 2018, a agência de notícias publicou dezoito matérias contendo as palavras-chave “mulheres curdas”; “curdas”; “YPJ”; e “curdo”, com os seguintes títulos

Tabela 2 – Relação de títulos e de datas de publicação das notícias que compõem o *corpus* do *Daily Mail*

DAILY MAIL	
Título de matéria	Data de publicação
"Curda, mãe de dois, comete um ataque suicida para atrasar o Estado Islâmico em uma batalha desesperada"	7 de outubro de 2014
"Guerrilheira lidera batalha contra o Estado Islâmico na sitiada cidade fronteiriça de Kobane"	13 de outubro de 2014
"Exclusivo: guerrilheiras selvagens aterrorizando os jihadistas que acreditam que se forem mortos por mulheres não irão para o céu"	17 de outubro de 2014
"'Nós pedimos que mulheres por todo o mundo não se subestime': conheça as inspiradoras mulheres curdas que têm aberto mão de tudo para lutar contra os militantes do Estado Islâmico"	23 de outubro de 2014
"Garota modelo para os guerrilheiros pela liberdade curda é 'capturada e degolada por assassinos do Estado Islâmico', que postou fotos abomináveis online"	27 de outubro de 2014
"'Rehana está viva e bem... Fanáticos do Estado Islâmico NÃO a decapitaram': modelo para os guerrilheiros pela liberdade curda escapou do inferno de Kobane, contam amigos para o Mail Online"	28 de outubro de 2014
"Morta na batalha de Kobane, a destemida mulher comandante que liderou as mulheres curdas guerrilheiras contra o Estado Islâmico"	6 de fevereiro de 2015
"Irmãs na guerra: mulheres curdas na linha de frente contra o Estado Islâmico"	11 de fevereiro de 2015
"'Morra, morra, morra': momento chocante em que jovem menina curda atira com uma metralhadora contra o Estado Islâmico, se gabando por ter matado 400 guerrilheiros"	17 de abril de 2015

⁸⁰ Cit. nota 56.

⁸¹ Dados coletados do SimilarWeb. Disponível em: < <https://www.similarweb.com/pt/website/dailymail.co.uk/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

⁸² Disponível em: < <https://mediabiasfactcheck.com/daily-mail/> >. Acesso em: 1 ago. 2020.

Tabela 2 – Relação de títulos e de datas de publicação das notícias que compõem o *corpus do Daily Mail*

DAILY MAIL	
Título de matéria	Data de publicação
"Finalmente livres do Estado Islâmico, as primeiras famílias curdas a retornar seus vilarejos agora enfrentam sua maior luta até então, reconstruir suas casa destruídas por terroristas do Estado Islâmico e ataques aéreos ocidentais"	22 de junho de 2015
"Partes de corpos, batalhas sangrentas e ser um dos garotos: modelo que foi lutar contra o Estado Islâmico na Síria revela os horrores que presenciou na linha de frente"	8 de julho de 2015
"O que realmente assusta o Estado Islâmico? MENINAS! Jihadistas acreditam que se forem mortos por uma mulher não irão para o céu, afirmam guerrilheiras curdas"	10 de dezembro 2015
"'Angelina Jolie' do Curdistão morre enquanto lutam contra o Estado Islâmico: mulher combatente que se parecia com a superstar de Hollywood é morta durante o embate com jihadistas na Síria"	7 de setembro de 2016
"EXCLUSIVO: 'O Estado Islâmico quer me matar, me capturar e me transformar em uma escrava sexual': estudante norueguesa rotulada como terrorista após treinar como a sniper 'Lady Death' para lutar contra jihadistas na Síria revela que perdeu tudo"	7 de fevereiro de 2017
"'Mulheres curdas não temem a nada': filmagem incrível na cidade de Raqqa mostra sniper mulher RINDO depois de uma bala passar a milímetros de sua cabeça durante um tiroteio com o Estado Islâmico"	27 de junho de 2017
"Prontas para a batalha: mulheres sírias combatentes se preparam para participar do ataque violento contra o Estado Islâmico depois de completar seu treinamento militar"	10 de agosto de 2017
"Curdos sírios lamentam a morte de guerrilheira exibida em vídeo mutilada"	3 de fevereiro de 2018
"Mulher britânica, 26, que se juntou à unidade curda totalmente feminina que luta contra o Estado Islâmico na Síria é morta depois de 'seu comboio ser atingido por um míssil turco durante uma batalha por Afrin"	20 de março de 2018

Nota: links para as notícias disponíveis no anexo.

Fonte: autoria própria, tradução da autora, 2020.

Matérias como estas tiveram como sujeitos de produção colonistas e correspondentes de defesa, segurança e notícias estrangeiras do *Daily Mail*, bem como foram repassadas por *freelancers* e pela *Agence France-Presse*. A instância de produção utilizou um leque variado de fontes, que incluiu membros de alto escalão do movimento curdo; guerrilheiras e seus familiares; entidades e agentes internacionais, como a ONU, a Anistia Internacional, o Observatório Sírio para Direitos Humanos e o Centro Internacional para Contraterrorismo; mídias regionais e curdas, como o Centro Midiático Curdo, o jornal *Iran Front Page*, jornalistas curdos e agências de notícias turcas; e redes sociais como Twitter e Facebook. Semelhante ao que foi observado nas amostras do *The Guardian*, o tipo de mulher curda que o *Daily Mail* selecionou como representante desse grupo foi a guerrilheira da YPJ. Predominantemente caracterizadas pelas palavras “mártires”, “corajosas combatentes” e “meninas”, a interpretação dessa mídia segue uma aparente tendência ocidental de tratá-las de maneira positiva. Como visto na subseção anterior, muito de sua boa fama pode ser

creditada ao seu confronto com o Estado Islâmico, ao passo que se tornaram uma das peças fundamentais nas batalhas travadas em solo sírio.

Mesmo dispondo de uma percepção favorável sobre elas, a postura empregada no *corpus* do *Daily Mail* como um todo transmite a total perplexidade e descrença de seus enunciadores perante o ‘fenômeno’ de mulheres orientais que conseguem operar em um cenário militar e, acima de tudo, que constituem uma ameaça real a um grupo tão poderoso e violento quanto o Estado Islâmico, por conta de sua dita inesperada eficiência em guerra. Na primeira matéria publicada pelo site, intitulada “Curda, mãe de dois, comete um ataque suicida para atrasar o Estado Islâmico em uma batalha desesperada”, o enunciador assim se refere às curdas: “Essas mulheres se destacam como uma **impressionante anomalia** nos conflitos da região, que são geralmente dominados por homens”⁸³.

Em outra reportagem, ao apresentar as Unidades de Proteção em Rojava, a presença de mulheres na guerrilha é abordada da seguinte forma: “Entre esses soldados existem milhares de mulheres, um **fenômeno incomum** no mundo muçulmano no qual a guerra é geralmente associada com masculinidade”⁸⁴.

Posicionamentos como estes, que se repetem entre as demais notícias analisadas, revelam como as crenças orientalistas mantêm-se vivas e continuam sendo transmitidas e representadas na consciência coletiva. O choque identificado no discurso do *Daily Mail* destaca o costume dos produtores e receptores dessa mídia, com a caracterização das mulheres orientais como pobres vítimas de sua cultura, tradicionalmente mantidas em reclusão e incapacitadas de agirem por si próprias. Evocando Yegenoglu (2001)⁸⁵, entende-se que o discurso orientalista, como reconhecido acima, produz um regime de verdades altamente dissemináveis e status que se promovem como imutáveis. Sendo a presença de mulheres orientais na guerra uma irregularidade, uma fuga ao padrão social determinado – como é referido em trechos iguais aos destacados –, fica subentendido que isso não voltará a acontecer

⁸³ No original: “*These women stand-out as a striking anomaly in the region’s often male-dominated conflicts*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2782092/Mystery-surrounds-fate-Kurdish-female-fighter-poster-girl-reports-emerge-killed-bullet-avoid-taken-hostage-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

⁸⁴ Referente à notícia “*Garota modelo para os guerrilheiros pela liberdade curda é ‘capturada e degolada por assassinos do Estado Islâmico’, que postou fotos abomináveis online*”. No original: “*Among those fighters are thousands of women, an unusual phenomenon in the Muslim world in which warfare is often associated with manhood*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2809260/Poster-girl-Kurdish-freedom-fighters-Kobane-captured-beheaded-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

⁸⁵ Vide o capítulo 1.

com frequência, certificando os sujeitos do ato informativo que a realidade que conhecem não será mais alterada.

Do mesmo modo, ao retratarem as soldadas como anomalias, notícias assim descontextualizam a mobilização feminina curda, invisibilizando séculos de articulação militar e política que precedem seu conflito com o Estado Islâmico. Ignora-se, por instância, a importância fundamental do Movimento de Mulheres Curdas, que abriu caminho para a oficialização da presença feminina vanguardista nessas guerrilhas e da primeira frente armada autônoma e integralmente composta por mulheres: a Unidade de Mulheres Livres do Curdistão (YAJK), em 1995 (TAX, 2016)⁸⁶. Ademais, esse discurso implicitamente caracteriza o problema do enraizamento da masculinidade na cultura e nas entidades militares como algo intrinsecamente pertencente ao mundo oriental. Indo ao encontro da mentalidade orientalista, insere, portanto, de forma velada a crença na dicotomia entre o Ocidente progressivo e o Oriente antiquado.

Similarmente ao que se observou no *The Guardian*, o *Daily Mail* centra sua narrativa, em grande parte, no confronto entre curdas e Estado Islâmico, o que se julga ocorrer por conta do potencial atrativo que esse enquadramento lhes oferece, perante a demanda financeira da mídia. Com títulos chamativos, descrições físicas supérfluas e indagações estereotipadas sobre essas mulheres, o *Daily Mail* fez jus à avaliação do *Media Bias Factcheck* quanto ao seu caráter hiperbólico, expresso em manchetes como “O que realmente assusta o Estado Islâmico? MENINAS! Jihadistas acreditam que se forem mortos por uma mulher não irão para o céu, afirmam guerrilheiras curdas”.

De forma paternalista, é fixado o script de um confronto entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que são reduzidos o papel e a importância do protagonismo feminino no contexto curdo, à medida que elas são chamadas, por exemplo, como “meninas”. Acompanhando manchetes impactantes como esta, foram encontrados textos que seguem um mesmo formato, enfatizando pejorativamente o aspecto religioso da situação, salientando de maneira vigorosa a humilhação a que são sujeitos os militantes do Estado Islâmico por serem rendidos por mulheres orientais.

O fato dos enunciadores, através de suas escolhas lexicais, prenderem-se na questão da vergonha à qual os jihadistas são expostos pelas curdas, é interpretado

⁸⁶ Cf. capítulo 2.

como uma maneira de rebaixar seu status, de modo a atestar sua mediocridade por temerem a ação de “meninas”. Consequentemente, através desse discurso, as combatentes são instrumentalizadas para indiretamente emascular os jihadistas. Como seqüela, as curdas são privadas de exercerem protagonismo e aproveitarem essa plataforma para se projetarem como os atores politizados e articulados que são. Isso pode ser observado em excertos como

O fato de que a YPJ é um grupo exclusivamente feminino forneceu outro **benefício inesperado**, considerando que dizem que os militantes do Estado Islâmico acreditam que se forem mortos por uma mulher, eles não serão recompensados com 72 virgens na vida após a morte (*DAILY MAIL*, 6 fev. 2015, tradução da autora, grifo da autora)⁸⁷.

A abordagem do *Daily Mail* se ateve também a incluir descrições e considerações estereotipadas sobre as curdas. Aos seus leitores, sua narrativa prioriza detalhes sobre suas aparências físicas e suas características pessoais, em detrimento de informá-los sobre questões mais essenciais da articulação feminina, como sua ideologia, suas motivações e seus objetivos. Ao discorrer, por exemplo, o cenário em que se encontrava Narin Afrin, uma comandante curda que liderou a resistência em Kobane no início da guerra, em 2014, o sujeito produtor de "Guerrilheira lidera batalha contra o Estado Islâmico na sitiada cidade fronteiriça de Kobane" refere-se a ela como Princesa Peshmerga e a retrata da seguinte forma

Segurando uma Kalashnikov surrada e com seu cabelo puxado para trás com um lenço de cabeça firme, essa é a guerrilheira que lidera a batalha curda contra o Estado Islâmico em Kobane [...] Ontem a comandante peshmerga de 40 anos publicou um clamor desesperado para que o mundo arme seu exército de voluntários. Afrin – descrita como **‘bela, inocente e forte’** – escreveu: ‘Nós iremos lutar até a última bala para salvar os civis. É uma luta para todos nós, uma luta pela liberdade’ (*DAILY MAIL*, 13 out. 2014, tradução da autora, grifo da autora)⁸⁸.

Em outra ocasião, e se mantendo no enquadramento discursivo utilizado acima, o enunciador de "Irmãs na guerra: mulheres curdas na linha de frente contra o Estado Islâmico", ao falar sobre uma soldada curda, a representa através do referido texto

⁸⁷ No original: “*The fact the YPJ is an all-female group has had another unexpected benefit as ISIS militants are said to believe that if they are killed by a woman, they will not be rewarded with 72 virgins in the afterlife*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2942377/Killed-battle-Kobane-fearless-woman-commander-led-Kudish-female-fighters-against-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2015.

⁸⁸ No original: “*Clutching a battered Kalashnikov and with her hair drawn back in a tight headscarf, this is the woman fighter leading the battle against Islamic State in Kobane... Yesterday the 40-year-old Peshmerga commander issued a desperate plea to the world to arm her volunteer army. Afrin – described as ‘beautiful, innocent and strong’ – wrote: “We will fight until the last bullet to save the civilians. It is a fight for all of us, a fight for freedom”*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2791469/woman-fighter-leads-battle-against-islamic-state-besieged-syrian-border-town-kobane.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

Conheça Nassrin Abdallah. Com sua **estatura diminuta e seu largo sorriso, não parece que ela despertaria medo nos corações de jihadistas endurecidos do Estado Islâmico** [...] Como a líder do braço armado do PYD curdo, “**comandante**” Nassrin liderou homens e mulheres para a batalha contra guerrilheiros do Estado Islâmico. Nassrin, antes uma jornalista do nordeste da Síria, **não é casada**, mas fora isso expõe muito pouco sobre sua vida privada (*DAILY MAIL*, 11 fev. 2015, tradução da autora, grifo da autora)⁸⁹.

Ambos os trechos evidenciam o comportamento em geral dos sujeitos de produção do *Daily Mail*, que priorizam retratar as curdas de uma forma romântica e dramatizada. Enfatizando sua feminilidade de forma recorrente, eles se dedicam a descrevê-las como delicadas e afetuosas, realçando o contraste que oferecem em face ao pano de fundo de guerra, principalmente quando a figura dos militantes do Estado Islâmico é mobilizada.

Vejam-se as palavras do produtor da reportagem intitulada "Exclusivo: guerrilheiras selvagens aterrorizando os jihadistas que acreditam que se forem mortos por mulheres não irão para o céu":

(...) você não diria pelo seu **doce sorriso**, mas o motivo pelo qual Nesrin Abdi carrega um rifle é para o caso dela precisar se matar. Isso... seria preferível a ser capturada pelos monstros do Estado Islâmico (*DAILY MAIL*, 17 out. 2014, tradução da autora, grifo da autora)⁹⁰.

O produtor cria um enredo teatral, contrapondo a figura singela da mulher com a de atozes jihadistas. Como um todo, o sentido criado por esse tipo de discurso é o de que as soldadas não pertencem àquele cenário. O ambiente militar, caracteristicamente conflituoso, violento e competitivo, não se encaixa, portanto, no perfil de alguém inocente e suscetível como a mulher, pois sua imagem não condiz com o símbolo do soldado homem, que seria capaz de rivalizar o inimigo fundamentalista. Mesmo assim, as circunstâncias do contexto em que vivem as curdas as obrigam a se pôr na linha de risco, provando sua coragem, bem como sua

⁸⁹ No original: “*Meet Nassrin Abdallah. With her diminutive height and broad smile, it doesn’t seem like she should strike fear into the hearts of hardened Islamic State jihadists [...] As the head of the armed wing of the Kurdish PYD, “commander” Nassrin has led both men and women into battle against Islamic State fighters who have overrun large areas of Iraq and Syria [...] Nassrin, a former journalist from the north-east of Syria, is unmarried but otherwise gives away very little about her private life*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-2949331/Sisters-arms-Kurdish-women-line-against-IS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

⁹⁰ No original: “*You wouldn’t know it from her sweet smile, but the reason why Nesrin Abdi carries a rifle is in case she needs to shoot herself dead... would be preferable to being captured by the monsters of Islamic State*”. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2797877/savage-women-warriors-terrifying-jihadis-believe-killed-female-won-t-heaven.html> >. Acesso 21 set. 2019.

vulnerabilidade, quando, no fim, precisam clamar por apoio externo, tal qual pleiteou a guerrilheira Afrin.

Vale ressaltar a forma como a patente de Nassrin Abdallah é implicitamente questionada pelo jornalista, que fez o uso de aspas para apresentá-la como comandante. Adicionando isso ao fato de que Abdallah é sondada também sobre sua vida civil e privada, fica exposto como o olhar do sujeito de produção estava preso a premissas patriarcais e conservadoras sobre a posição elementar de mulheres na sociedade. Como argumenta Ette (2005), ao abordar o tópico de mulheres que atuam no âmbito militar, a mídia exhibe uma tendência de eclipsar seu papel profissional perante sua – construída – identidade feminina, o que inclui menções à sua esfera familiar. Esse pressuposto pode ser constatado acima, quando o status civil de Abdallah é informado, ou mesmo na notícia "Curda, mãe de dois, comete um ataque suicida para atrasar o Estado Islâmico em uma batalha desesperada", quando o enunciador classifica a mulher como uma "mãe" logo de início – descartando seu cargo como soldada –, para só posteriormente revelar que essa informação não é confirmada e foi retirada do Twitter. Dessa forma, é posto em prática um discurso mais superficial, focado na personalidade, na aparência, na linguagem corporal e nas identificações tradicionais de gênero das curdas, projetando nelas uma versão caricaturesca de feminilidade e desprestigiando sua experiência para além disso. Sobre Afrin, Abdallah e Abdi, portanto, o que mais importa para a mídia é que são mulheres e, incrivelmente, são soldadas; mesmo inseridas no mundo militar, inescapavelmente continuam sendo seres femininos.

A representação imagética da mulher curda construída pela mídia ocidental segue tais prescrições, tomando contornos precisos nas figuras de guerrilheiras como Rehana e Asia Antar, popularmente conhecidas como o "*Anjo de Kobane*" e a "*Angelina Jolie curda*". Essas mulheres fazem suas devidas aparições no *corpus* do *Daily Mail*⁹¹, em reportagens contendo a já conhecida narrativa de luta contra jihadistas. A fórmula para elas terem se tornado dignas de virarem notícias e serem transformadas em símbolos da resistência curda encontra-se no tratamento dado pelo jornal. Primeiramente, através de fotografias e descrições são estabelecidas suas

⁹¹ Aparecem nas notícias "*Garota modelo para os guerrilheiros pela liberdade curda é 'capturada e degolada por assassinos do Estado Islâmico', que postou fotos abomináveis online*", "*Rehana está viva e bem... Fanáticos do Estado Islâmico NÃO a decapitaram! modelo para os guerrilheiros pela liberdade curda escapou do inferno de Kobane, contam amigos para o Mail Online*" e "*Angelina Jolie' do Curdistão morre enquanto lutam contra o Estado Islâmico: mulher combatente que se parecia com a superstar de Hollywood é morta durante o embate com jihadistas na Síria*".

aparências físicas e seus trejeitos tipicamente femininos, que chamam atenção para o fato de se encaixarem nos padrões de beleza apreciados pela sociedade ocidental. Se, por um lado, Asia Antar ganhou popularidade por se parecer fisicamente com uma atriz americana, por outro, Rehana possui marcadores visuais que a aproximam aos de uma mulher branca ocidental – com sua pele e seus olhos claros e seus cabelos loiros.

Figura 3 – Asia Antar, popularizada pela mídia ocidental como a “Angelina Jolie curda”



Fonte: *Daily Mail*, 7 set. 2016⁹².

Figura 4: guerrilheira curda conhecida como Rehana, ou o “Anjo de Kobane” pela mídia ocidental



Fonte: *Daily Mail*, 27 out. 2014⁹³.

⁹² Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3777518/Angelina-Jolie-Kurdistan-dies-battling-ISIS-Woman-fighter-resembling-Hollywood-superstar-killed-clash-jihadists-Syria.html> >. Acesso 21 set. 2019.

⁹³ Cf. nota 85.

As duas são reconhecidas também por sua bravura e surpreendente eficiência, com Asia sendo destacada por ter participado de várias batalhas contra o Estado Islâmico e Rehana sendo celebrada por, supostamente, ter matado mais de 100 militantes sozinha, informação essa que não vem de uma fonte precisa – algo que o leitor só é comunicado depois. Por fim, são apresentadas como mártires, tendo morrido pelas mãos de seus inimigos por uma causa maior. Logo, essa construção de enredo entrega para o público uma versão comovente da mulher curda, personificada em uma espécie de guerreira amazona vinda de um conto mitológico. De tal modo, o produtor não usa nem parte de seu espaço discursivo para apresentar ao receptor uma contextualização política e ideológica sobre o tema que discute, ou mesmo para abordar outros perfis de curdas que não o da ‘gladiadora’.

Cumprindo com sua determinação de privilegiar o uso de imagens no ato informativo, observou-se que o *Daily Mail* fez disso uma tática essencial para apresentar ao leitor o modelo de mulher curda que construiu. Assim como pôde ser observado nas figuras 3 e 4, as fotografias que acompanham seus textos contêm um enquadramento empregado para comprovar a legitimidade de todas as descrições que se dedicou a fazer. Dessa forma, quando as matérias falam que as guerrilheiras curdas são belas, inocentes e afetuosas, representações como a imagem 5 abaixo são utilizadas, cujo *mise-en-scène* cria um sentido de feminilidade e de passividade nas personagens.

Para validar a ideia de que curdas guerrilheiras são uma irregularidade no espaço militar oriental, complementam o texto tanto com fotografias como as de Rehana e Asia Antar – onde suas figuras femininas se destacam perante um pano de fundo ocupado apenas por homens – quanto com imagens de destruição: tanques de guerra sendo dirigidos por homens e soldados inimigos fortemente armados. Quando os enunciadores afirmam, de forma condescendente, que “meninas” estão amedrontando militantes jihadistas, apoiam-se visualmente em figuras como a 6, que carregam um senso de jovialidade e infantilidade manifestado pelas personagens fotografadas, um contraste direto com o cenário árido em que se encontram, as armas que carregam e as fardas que vestem.

Figura 5 – Guerrilheiras destacadas pela sua delicadeza e feminilidade



Fonte: *Daily Mail*, 6 jul. 2015⁹⁴.

Figura 6 – Guerrilheiras destacadas pelo contraste em suas apresentações e seu pano de fundo



Fonte: *Daily Mail*, 9 dez 2015⁹⁵.

Em meio a essas estratégias discursivas, existem ainda as reportagens protagonizadas pelas voluntárias ocidentais na YPJ. Diferente do *The Guardian*, o *Daily Mail* concentrou-se menos no ponto de vista de tal grupo, dedicando apenas três

⁹⁴ Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3147862/Body-parts-bloody-battles-one-boys-Model-went-fight-ISIS-Syria-reveals-horrors-saw-life-woman-frontline.html> >. Acesso em: 21 set 2019.

⁹⁵ Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3353330/ISIS-afraid-girls-Jihadists-believe-killed-women-won-t-heaven-claim-feared-Kurdish-fighters.html> >. Acesso em: 21 set 2019.

das dezoito notícias a elas. No entanto, mesmo com o espaço reduzido, elas deixaram sua marca no *corpus*, pela forma como reforçaram estereótipos tradicionais, ao mesmo tempo em que deram continuidade à apresentação favorável das curdas. Em conformidade com o *modus operandi* midiático usual para abordar gênero e guerra, os enunciadores ocuparam-se, entre outras questões, em detalhar as características físicas e emocionais das voluntárias. Semelhante às heroínas de contos épicos, elas foram delineadas como deslumbrantes, idealistas e determinadas a lutarem pela liberdade e pela democracia em nome das curdas. Suas aparências foram bastante exploradas, através de reportagens repletas de imagens nas quais elas trajam uniformes militares e posam com armas, – como observado na figura 7 – alimentando a imaginação fetichista do destinatário; ou, até mesmo, em seus contextos civis, aproximando os leitores das protagonistas e facilitando com que eles se projetem nelas, garantindo o engajamento com o que é noticiado.

Figura 7 – Voluntária conhecida como Tiger Sun



Fonte: Daily Mail, 6 jul. 2015⁹⁶.

Um dos aspectos que mais se sobressaiu na análise das notícias e das fotos foi a maneira como o tema da articulação feminina curda foi, novamente, suplantada. Na ocasião, a questão chave tornou-se a experiência ocidental e suas percepções

⁹⁶ Cf. nota 95.

perante aquele ambiente de guerra. À vista disso, nada de novo foi acrescentado ao discurso da mídia, que manteve a linha editorial de colocar o foco na batalha entre curdas e o Estado Islâmico. Assim, Rojava permaneceu sendo referida como um experimento social esquerdista utópico, que estaria bem próximo do matriarcado, sem que isso fosse devidamente esclarecido. Apesar da oportunidade de expandir o conhecimento do leitor, expondo argumentos que fundamentassem as informações passadas, o sujeito de produção não o fez, mantendo uma narrativa superficial. Mobiliza-se, por exemplo, a notícia "Partes de corpos, batalhas sangrentas e ser um dos garotos: modelo que foi lutar contra o Estado Islâmico na Síria revela os horrores que presenciou na linha de frente", que trata da voluntária canadense conhecida como Tiger Sun. Fazendo uso de um enquadramento discursivo sensacionalista e apelativo, essa reportagem demonstra como a mídia reforça a narrativa do filantrópico salvador branco que se arrisca no mundo oriental. De tal modo, segue a forma como Tiger Sun foi apresentada

Uma ex modelo que trocou sua vida confortável para lutar contra o Estado Islâmico na Síria contou os horrores de seu período em batalha na linha de frente [...] A ex modelo, 46, lutou contra jihadistas do Estado Islâmico por quatro meses com a YPJ curda (Unidade de Proteção das Mulheres) até suas pernas cederem sob o peso de seu kit e de sua desnutrição (*DAILY MAIL*, 6 jul. 2015, tradução da autora)⁹⁷.

Ao se referir constantemente à canadense como “ex modelo”, o enunciador, conscientemente ou não, desvia a atenção do leitor do cargo militar por ela ocupado para uma atividade referente a sua vida como civil, que ainda carrega o estigma de ser caracteristicamente feminina. Para reforçar esse ponto, o produtor faz uso de um número excessivo de fotos de trabalhos prévios da voluntária, efetivamente desviando o foco informativo do contexto de agência feminina curda. O sentido cristalizado por esse discurso acabou, inevitavelmente, legitimando a dicotomia de gênero, sendo corroborado até mesmo por citações da voluntária em questão. Particularmente, nas entrelinhas da afirmação de que “apesar de ser uma loira estonteante, ela disse ter sido tratada em batalha como ‘um dos caras’”, encontra-se a crença de que o ambiente militar é inexoravelmente destinado aos homens e que quem atua nele deve se adaptar à realidade de que o *default* dessa cultura é o masculino.

⁹⁷ No original: “A former model who swapped her comfortable life to fight ISIS in Syria has told of the horrors of her time in battle on the frontline [...] The former model, 46, fought jihadists from Islamic State for four months with the Kurdish YPJ (Women’s Protection Units), until her legs buckled under the weight of her kit and malnutrition”. Cf. nota 95.

Por consequência, assume-se que as curdas da YPJ estariam seguindo as mesmas prescrições que suas voluntárias e, assim, moldando sua figura militar a partir do arquétipo do soldado ideal, que é hipermasculinizado. O problema disso está precisamente no cerne da estruturação da YPJ, que declara como uma de suas metas concatenar uma nova cultura militar, não pautada na hierarquização de gênero. Como em nenhum momento a mídia toca na questão das bases e objetivos das curdas, o leitor não adquire esse conhecimento. Por fim, isso demonstra não apenas um total desencontro de ideais entre Tiger Sun e a YPJ, como também indica como o reducionismo praticado por esse discurso midiático acabou produzindo sentidos incorretos e descontextualizados.

Como aponta Tax (2016), a reestruturação do militarismo e da militarização são pontos essenciais para o Movimento de Mulheres Curdas. No cerne da mobilização dessas mulheres encontra-se o ímpeto de contestar sua subordinação, tornando-se elas mesmas um poder. Com o intuito de dismantelar o senso de primazia que foi desenvolvido socialmente nos homens, a militarização das curdas assume contornos que ultrapassam a simples organização militar, entranhando-se em contextos ideológicos, políticos, sociais e culturais. Abordagens midiáticas como as acima vistas, apesar de jogar sobre as mulheres curdas uma luz positiva, pecam na compreensão dessa importante faceta. Assim, difundem mensagens, em sua grande maioria, incompatíveis com a conjuntura sob análise, contendo versões simplificadas e despolitizadas das curdas, em prol de uma narrativa romantizada e dramática, que garante o engajamento do público, mas que não assegura uma informação mais próxima dos fatos.

4.3 A representação das mulheres curdas na mídia ocidental

Tanto os elementos explícitos quanto os implícitos em um ato de informação são essenciais na formulação de um discurso, pois demonstram os pontos de vistas e as expectativas dos produtores e dos receptores da mensagem, que fundamentalmente formarão sentidos com efeitos de verdade sobre o que discutem (CHARAUDEAU, 2001). O trabalho aqui apresentado ocupou-se em dissecar as dimensões linguística e psicossocial dos discursos do *The Guardian* e do *Daily Mail* sobre as mulheres curdas, a fim de compreender como a mídia ocidental vêm construindo-as e representando-as. Foi constatado, com isso, como se pode deduzir a partir de uma leitura charaudiana, que suas mensagens contêm uma base de crenças e valores

intrínsecos aos participantes do Contrato de Comunicação Informativa, revelando lentes orientalistas e de gênero, e comprovando a inexorabilidade da mídia de produzir informações completamente isentas de julgamentos.

No que se refere às noções que saltam das entrelinhas das notícias que foram apresentadas, o modo favorável com o qual os sujeitos ocidentais percebem as curdas sobressai inequivocamente, influenciando a imagem que sobre elas constroem. As concepções criadas são creditadas a quatro aspectos específicos dos curdos, sendo sua secularidade um deles. Considerando a característica hostilidade do Ocidente perante à religiosidade no Oriente, em particular quanto ao islamismo, julga-se que a forma como as curdas se afastam da clássica retórica do fundamentalismo muçulmano, ao se identificarem como seculares, trabalhou a seu favor para conquistarem a simpatia midiática. Encontram-se vestígios desse comportamento na mobilização do Estado Islâmico como um dos eixos da narrativa formulada em torno delas, enfatizando a rivalidade entre os entes quanto às suas doutrinas e práticas.

Entre as premissas aludidas nesse discurso, é também amplamente mencionado como as curdas, diferente dos militantes jihadistas, guiam sua sociedade a partir da democracia e de concepções a ela atreladas, nos textos qualificadas como ‘valores europeus’. A presunção de que as curdas e o Ocidente defendem as mesmas ideologias e crenças, baseadas no modo de pensar e viver ocidental, fortalece os sentimentos de compaixão que a narrativa busca provocar em seus leitores. Em paralelo, o sensacionalismo criado em torno da presença de mulheres orientais na guerra, classificando a YPJ como uma anomalia, devido ao contexto regional que ocupam – tachado pelo discurso como o *“local de nascimento do patriarcado”*⁹⁸ – reforça a visão de que essa exceção teria sido motivada pelos ‘valores europeus’, postos em contraste com a convencional mentalidade oriental. Isso não apenas trabalha para lhes conceder uma imagem mais ocidentalizada e palatável para o público, como também assegura a ideia da superioridade do modo de vida ocidental.

Desse modo, percebe-se que não é feito um esforço para trazer uma perspectiva histórico-político-ideológica à pauta, ocultando assim características centrais do povo curdo, como seu longo histórico de atuação feminina na esfera militar e política⁹⁹. Além disso, a forma como a democracia curda difere essencialmente da existente no Ocidente é completamente camuflada. Vale lembrar que o Confederalismo Democrático renega o capitalismo e o modelo de Estado-Nação,

⁹⁸ Cf. nota 75.

⁹⁹ Cf. capítulo 2.

classificando-os como monopólios do macho despótico e explorador, preferindo se pautar no comunalismo e no feminismo (ÖCALAN, 2011). Compreende-se, portanto, que, ao não trazer isso à tona, a mensagem passada pelos jornais, ao mesmo tempo que essencialista, torna-se menos contestadora e obscura para o sujeito ocidental. De todo modo, argumenta-se que o sentido criado de que os curdos estariam de alguma forma reproduzindo valores europeus democráticos mostra-se substancialmente equivocado.

O terceiro aspecto central para a abordagem positiva com relação às curdas é a maneira como seu movimento se desprende, de certa forma, da estética de um Oriente recluso e intocável, visão tradicionalmente ligada à região pelos sujeitos ocidentais. Para o olhar vindo de fora, não são impostas barreiras, visto que os próprios curdos se abrem para isto, convocando e recebendo voluntários ocidentais de forma organizada. Através do grupo denominado Leões de Rojava¹⁰⁰, homens e mulheres estrangeiros, majoritariamente ocidentais e tanto ex militares quanto civis, são recrutados e colocados para atuar nas linhas de frente da guerra e nos centros de comunicação da YPJ e YPG, motivados pela vontade de derrotar o Estado Islâmico¹⁰¹. Analisando pelo ponto de vista midiático, esses indivíduos agregam grande valor para a narrativa produzida, ao servirem como fontes internas, com as quais o público consegue facilmente se identificar e nelas se projetar. Além disso, o movimento curdo é caracteristicamente bastante presente online, contando com sites administrativos oficiais¹⁰², com centros de informação prolíficos¹⁰³, com perfis oficiais nas principais redes sociais¹⁰⁴ e com uma considerável literatura autoproduzida, disponibilizada digitalmente e traduzida para línguas como inglês, espanhol e

¹⁰⁰ Em inglês, *Lions of Rojava*. O recrutamento ocorre via a página oficial do grupo no Facebook, disponível em: < https://www.facebook.com/TheLionsOfRojavaOfficial/?_rdr.%20Acessado%20em%2002%20de%20julho%20de%202020.&_rdc=2&_rdr >. Acesso em: 1 jul. 2020.

¹⁰¹ Disponível em: < <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/11/24/how-western-foreign-fighters-are-being-recruited-online-to-join-kurds-against-islamic-state/> >. Acesso em: 2 jul. 2020.

¹⁰² Aponta-se os sites do PYD (principal partido político em Rojava), YPG (Unidade de Proteção Popular) e Kongra Star (Congresso das Mulheres) como alguns dos mais importantes e atualizados com mais frequência pelo movimento curdo.

¹⁰³ Um dos centros de informação curdos mais completos e atualizados é o Rojava Information Center, que chega a fornecer informações para agências de mídia internacionais, como BBC, *El Monde* e *Wall Street Journal*. Disponível em: < <https://rojvainformationcenter.com/about/> >. Acesso em: 3 jul. 2020.

¹⁰⁴ O movimento curdo dispõe de uma forte presença online, através de suas contas institucionais no Twitter, no Youtube e no Facebook. Por meio delas, promove seu discurso, disponibiliza conteúdos informativos e notícias sobre os últimos desdobramentos da guerra em Rojava e honram as memórias de seus mártires.

português¹⁰⁵. Dessa forma, não existem impedimentos para que um exercício panóptico ocorra.

Por fim, deve-se refletir sobre as características físicas das curdas. Bem como atenta Shahvisi (2018), esse povo apresenta fenótipos que o põe em contraste com aqueles tipicamente vinculados à sua região. Como a guerrilheira Rehana, apelidada de Anjo de Kobane e qualificada como a 'garota modelo' para os combatentes, de modo geral, eles possuem pele e olhos mais claros do que o esperado para onde habitam. Esse fato é, então, explorado no produto midiático, que o enfatiza através de descrições e seleção de fotos protagonizando indivíduos que comprovam isto. O embranquecimento e a ocidentalização das curdas, como uma medida para torná-las – e em consequência, tornar a matéria – mais atraente para os leitores acabou servindo, no entanto, mais para fomentar a percepção de superioridade ocidental do que realmente informar o cidadão sobre as nuances das curdas e de seu importante papel no cenário que ocupam. Desse modo, o regimento de verdades produzidos por esse enredo acabou instrumentalizando-as em prol da simbolização da imutabilidade dos status de poder.

Indo além, o discurso da mídia ocidental projeta a imagem concreta dessas mulheres em um molde específico de gênero. Seguindo a construção midiática que é feita, elas atenderiam aos pré-requisitos tradicionais de masculinidade que seus cargos militares pedem, sendo corajosas e eficientes. Mesmo assim, a forma como se expõem ao mundo não é masculinizada – não são estoicas, agressivas ou autoritárias – preservando sua feminilidade e, de tal modo, as fronteiras de gênero padronizadas. Seu engajamento com a guerra é colocado como puramente circunstancial, visto sua natureza não violenta; o que coincide, de certo modo, com a crença de que a esfera militar é um ambiente masculino. E, apesar de terem bravura e serem treinadas, ainda sofrem nas mãos de homens violentos. Continuam, portanto, sendo mulheres normais: seres que não são autossuficientes e que dispõem de uma fragilidade natural. Por isso, rezam pela salvação, pela vinda de um herói externo, ficando à mercê, no meio tempo, de seus inimigos. Imortalizadas vestindo as fardas da YPJ, as curdas formuladas e consumidas pelo Ocidente são a representação da feminilidade

¹⁰⁵ Os principais livros que guiam e delineiam a trajetória e as convicções defendidas pelo movimento curdo foram escritos por Abdullah Öcalan, líder curdo e desenvolvedor do Confederalismo Democrático. Seus livros encontram-se disponibilizados gratuitamente no formato digital, com tradução para diversas línguas. Disponível em: < <http://ocalanbooks.com/#/> >. Acesso em: 3 jul. 2020.

militarizada ideal contemporânea, como descrevem Sjoberg e Gentry (2007)¹⁰⁶, sendo soldadas tão capazes quanto soldados, mas tão vulneráveis – e, assim, femininas – como mulheres civis. A estruturação dessa personagem pôde ser testemunhada toda vez que o enunciador da notícia empregou o mecanismo de dramatização do roteiro, evocando a tríade vítima-vilão-salvador externo através das imagens das curdas, do Estado Islâmico e das voluntárias. Assim, na encruzilhada entre informar o cidadão da forma mais pragmática possível e fabricar produtos atrativos e de ampla consumação, que lhes garantam um público volumoso, as mídias acabaram produzido discursos deformantes e limitados.

O tratamento midiático que transformou as curdas em notícia compreendeu, portanto, no recorte de seu contexto histórico, político e social, o emprego de crenças e valores orientalistas e militarizados e o uso de estratégias narrativas persuasivas. Não se pode negar, no entanto, que os curdos, como movimento, obtêm certos ganhos com a maneira como a mídia ocidental escolheu representá-los. Em sua ampla abertura para a consumação externa, enxerga-se uma necessidade de angariar apoio internacional, advinda de sua posição ainda às margens do poder, estando há décadas tentando se estabelecer em meio a Estados imponentes. Desse modo, a conquista da simpatia global, vinda tanto de governos poderosos quanto de seus cidadãos, seria traduzida em uma promessa de auxílio bélico, humanitário e, acima de tudo, político.

Para Rojava, principalmente, como uma entidade autogovernante recentemente estabelecida, é necessário pensar no cenário pós-guerra. Obter a chancela de legitimidade vinda de grandes potências como Estados Unidos e Reino Unido seria essencial para sua sobrevivência, especialmente levando em conta o antagonismo que enfrenta por parte da Turquia. Como detalhado no capítulo 1, a história curda é marcada por sua marginalização e vitimização pelas mãos de governos estabelecidos, como o sírio e o turco. Durante a guerra síria, pôde-se observar sua relação com Damasco esfriar; no entanto, acerca dos turcos, as tensões apenas aumentaram. Considerando as ligações entre os curdos sírios e o PKK¹⁰⁷, e a instauração de Rojava como autogovernante, Ankara registra para si o movimento curdo do Nordeste da Síria como inimigo e terrorista, uma ameaça a ser resolvida. Diante dessa conjuntura, para os curdos, contar com o suporte de *players*

¹⁰⁶ Cf. capítulo 1.

¹⁰⁷ Considerado pela Turquia como uma instituição terrorista. Cf. capítulo 2.

internacionais que, coincidentemente, são parceiros de seu rival ao Norte, apresenta uma possibilidade de cooperação, apoio e mediação.

Não obstante, as perdas que acompanham a forma como as mulheres são representadas midiaticamente pesam perante a essência de sua luta. Ao criar o sentido de que curdas podem ser resumidas como apenas ‘soldadas femininas’, é ocultado o vínculo intrínseco que existe entre o movimento curdo e suas mulheres, seu histórico de agência política e suas articulações e conquistas dentro da esfera pública social, que mostrariam as diversas identidades das curdas. Na busca pela autonomia de seu povo, o movimento curdo tomou por base um importante pressuposto: todas as relações de poder e as ideologias de Estado são alimentadas por comportamentos e conceitos sexistas e patriarcais, que instituíram a exploração e repressão das mulheres como bases para a sociedade. Diante disso, teceu a máxima de que um povo não pode se dizer livre a não ser que as mulheres sejam livres, tornando necessário a realização de uma revolução radical liderada por mulheres, em prol da mudança da mentalidade social e do homem (ÖCALAN, 2011). O projeto político-ideológico do Confederalismo Democrático, o estabelecimento de Rojava e a estrutura mantida por essa sociedade repousam sobre tais noções, de modo que a própria existência de guerrilheiras curdas é vista como um ato político que vai muito além de somente inserir mulheres em um ambiente visto como masculino.

É importante deixar claro ainda que, mesmo que os esforços mais sistematizados para que isso ocorra estejam sendo notados apenas recentemente, na história curda encontram-se evidências desse ímpeto feminista datando de séculos atrás. Indo de líderes de distritos e exércitos no século XVII, como Khanum Sultan¹⁰⁸, a chefes tribais nos séculos XIX e XX, como Kara Fatima¹⁰⁹ e Fasla Khatun¹¹⁰. uma série de curdas, através das épocas, conseguiu ultrapassar os obstáculos sociais com base no gênero, ascendendo a posições políticas extremamente influentes em suas sociedades. Dentro do próprio movimento nacionalista, mais especificamente,

¹⁰⁸ Khanum Sultan liderou os distritos de Harir e Soran (ambos no território que hoje compreende o Curdistão iraquiano) por volta dos anos de 1620. Também conhecida como Khanzade Sultan, a líder comandou ainda um exército de 12 mil soldados e 10 mil arqueiros montados, sendo venerada por seu povo (VAN BRUINESSEN, 2001).

¹⁰⁹ Kara Fatima Khanum foi chefe da tribo Marash, uma das maiores do leste da Anatólia, que ocupava o território da atual cidade de Kahramanmaras, no Sudeste da Turquia. Além disso, lady Fatima comandou pessoalmente um contingente de curdos na guerra da Crimeia, como prova de sua lealdade ao Império Otomano (VAN BRUINESSEN, 2001).

¹¹⁰ Fasla Khatun chefiou a tribo Temika por aproximadamente 40 anos, até sua morte em 1963. Segundo historiadores, ela teria sido a primeira mulher a se tornar uma *muhtar* (comandante de vila eleita) na Turquia (VAN BRUINESSEN, 2001).

destaca-se a presença de Kesire Yildirim, única mulher entre os membros fundadores do PKK, que posteriormente tentou suplantar Abdullah Öcalan como líder do partido, meta essa na qual não obteve sucesso¹¹¹.

No entanto, a figura feminina mais conhecida na causa curda, digna de ser evidenciada, é Leyla Zana. Esposa de Mehdi Zana, um líder curdo turco, Leyla iniciou-se na arena política após a prisão de seu marido, em 1980, por seu suposto vínculo com o PKK. Após instruir-se e tornar-se bastante articulada na questão nacional curda, ela fez parte do primeiro partido curdo legalmente estabelecido na Turquia, o HEP (*Halkın Emek Partisi* – Partido Popular Trabalhista), sendo eleita em 1991 para o parlamento, onde seguiria como um membro extremamente ativo. Posteriormente, foi sentenciada a 15 anos na prisão por supostamente manter vínculos com o PKK, fazendo dela, por consequência, um símbolo para o movimento curdo por direitos nacionais. Pela forma como lutou politicamente em prol da causa curda, influenciando o movimento por entre as fronteiras, Leyla Zana é hoje conhecida internacionalmente como a ‘rainha não coroada do Curdistão’ e a ‘equivalente curda de Nelson Mandela’, eclipsando, assim, o próprio Abdullah Öcalan (VAN BRUINESSEN, 2001).

Figura 8 – Leyla Zana, figura feminina de maior importância no movimento de libertação curdo



Fonte: The Kurdish Project, 2020. 28 ago. 2020¹¹².

¹¹¹ Kesire Yildirim ficou conhecida não apenas por sua importância para o PKK, como também por sua relação com o líder, Abdullah Öcalan, de quem era ex esposa. Yildirim permaneceu como alto membro do partido até 1988, quando tentou suplantar Öcalan. Quando teve sua meta frustrada, fugiu para a Europa, onde se juntou com outros dissidentes do PKK e tentou formar seu próprio politburo (VAN BRUINESSEN, 2001).

¹¹² Disponível em: < <https://thekurdishproject.org/history-and-culture/famous-kurds-old/leyla-zana/> >. Acesso em: 28 ago. 2020.

Diante dessas figuras históricas, percebe-se como a organização de mulheres, o equilíbrio de poder entre gêneros e a articulação feminina na esfera pública têm sido, há séculos, pautas centrais na sociedade e no movimento nacional curdo como um todo, ao contrário do que se capta pelo sentido criado nos discursos midiáticos ocidentais. Isso não significa, obviamente, que a atuação das guerrilhas não deve ser reconhecida; mas, sim, melhor contextualizada, de forma que se entenda o escopo de suas metas e atuação no Curdistão, bem como de que modo se encaixa na estrutura revolucionária curda. A YPJ funciona dentro de um universo mais amplo, regido pelo conceito de autodefesa das mulheres. Isso significa que as curdas julgam que sua libertação será conquistada apenas por seu próprio esforço, através da criação de espaços autônomos, que não só lutam contra a violência baseada no gênero, mas que capacitam essas mulheres econômica e intelectualmente.

Entendendo que opressão patriarcal as afligem de modo físico, emocional, intelectual, social e financeiro, o Movimento de Mulheres Curdas age para que todos os entes que cria as armem para essas diversas batalhas. Pautando-se nisso, desde sua concepção, em 1990, vem criando estruturas como as cooperativas de mulheres, voltadas para o desenvolvimento de um modo de trabalho que não segue o modelo capitalista e que as habilitem a serem financeiramente independentes; os centros acadêmicos, que provêm formações vocacionais, bem como oferecem uma educação baseada na Jinealogia; as assembleias e as comunas, que se dedicam a resolverem os problemas particulares às curdas, como violência e arranjos opressivos na vida privada; e os departamentos e os conselhos que buscam fomentar a sistematização e a representação de mulheres na arena política, moldando-as em atores públicos (ROJAVA INFORMATION CENTER, 2019).

Em meio a isso, inserem-se as Unidades de Proteção das Mulheres, por onde a mentalidade da autodefesa feminina toma contornos mais físicos e militares, sem, contudo, deixar de lado a formação ideológica. Algo que fica claro através das declarações, das metas e da maneira pela qual a YPJ se apresenta é que essa entidade enxerga o preparo intelectual de suas combatentes como tão essencial quanto o prático. Identificando sua guerrilha não como um exército, mas de fato como um movimento social, com suas filosofias e com o objetivo de organizar as mulheres sob uma única égide feminista, essa entidade busca preparar indivíduos que consigam lutar tanto contra ameaças como o Estado Islâmico quanto contra a cultura tradicional militar como um todo, fundamentada na figura do macho dominante,

satisfazendo assim o pleito curdo pela extinção do masculino soberano. Isso se reflete, por exemplo, no treinamento que as combatentes recebem em suas Academias, que abrange a instrução de táticas de guerra e o manuseio de armas, bem como o ensinamento da ideologia feminista curda – pautado na Jinealogia – para que as crenças anti patriarcais sejam carregadas com elas, as motivem em batalha e sejam por elas disseminadas. Como declara a comandante Abdullah, representante da guerrilha

É por isso que não é suficiente dizer que a YPG e a YPJ são apenas um exército... agora somos um movimento internacional e é por isso que estamos focando no treinamento ideológico em paralelo ao treinamento militar, para nos organizarmos cada vez mais. Então em todos os cantões temos academias militares que são para ambos os treinamentos militar e ideológico. Nós acreditamos fortemente que se você apenas lutar, sem ideologia, sem desenvolver suas ideias e personalidade, sua luta não será tão boa quanto pode ser e não será feita da forma certa (ABDULLAH, 2016, tradução da autora)¹¹³.

Diante disso, julga-se que o mais intrigante da guerrilha curda feminina – e que, curiosamente, não é explorado pela grande mídia ocidental – não é sua coragem ante o Estado Islâmico, mas a mentalidade que incorpora e pela qual age, e a maneira como trabalha coordenada e simbioticamente com as demais estruturas autônomas femininas em Rojava. Por fim, em face dos pontos levantados, critica-se a miopia midiática diante das mulheres curdas. Perdendo-se na necessidade mercadológica de conquistar emocionalmente seu público e deixando que crenças e valores próprios ditem seus discursos, os enunciadores moldam representações que, apesar de superficialmente positivas, apresentam um sentido unidimensional, raso e descontextualizado sobre seu objeto de análise. Com isso, todo o caráter político das mulheres curdas é retirado delas e suas diversas identidades são solapadas, simplificando sua existência.

¹¹³ No original: *“That’s why it’s not enough to say the YPG and YPJ are just an army... it’s an international movement, and that’s why we are focusing on ideological training alongside military training, to organize ourselves more and more. So in all of the cantons we have a military academy which is for both military and ideological teaching. We strongly believe that if you just fight without ideology, without developing your ideas and personality, your fighting will not be as good as it could be, and will not be done in the right ways”*. Disponível em: < <https://www.weareplanc.org/blog/we-dont-fight-for-death-we-fight-for-life-an-interview-with-ypj-commander-nisrin-abdullah/> >. Acesso em: 10 jul. 2020.

CONCLUSÃO

A nação curda, notoriamente conhecida como a maior sem Estado da atualidade, segue, desde a década de 1990, uma mentalidade particular, desenvolvida em decorrência dos anos de vitimização deliberada a que foi sujeitada pelas mãos de Estados nacionais como Turquia e Síria. Objetivando minar seus esforços de autodeterminação e de reivindicação territorial, esses atores políticos seguiram um *modus operandi* de práticas opressivas e discriminatórias de assimilação forçada populacional, de apagamento cultural e histórico e de violenta repressão perante atos contrários às suas diretrizes. No que tange às mulheres curdas, o tratamento recebido conteve ainda um revestimento sexista, de forma que sua existência e sua liberdade foram sufocadas em prol de preceitos e normas pautadas no patriarcalismo e na hierarquização de gênero. Em virtude disso, o movimento curdo, que até então pleiteava pela formação de um Estado próprio, converteu radicalmente sua visão central, adotando a máxima de que o Estado-Nação e todos os sistemas de poder que o sustentam se pautam na opressão de seu povo; e que se ergueram e se sustentam até hoje sobre a ideologia do macho dominante e de uma suposta natural condição de subserviência e inferioridade multifacetada da mulher frente ao gênero oposto.

Como alternativa ao modelo estatal, desenvolveu assim o projeto político-ideológico do Confederalismo Democrático, que rechaça a ideia do monopólio do poder pelo Estado-Nação e suas elites, advogando pela entrega ao povo do processo de tomada de decisão, que garantiria uma autonomia democrática. Isso implicaria na instituição de estruturas que vão do menor porte, como conselhos e comunas de vilas, ao maior porte, como Assembleias de cantões, permitindo a congregação de todos os cidadãos que desejam participar desse processo, independente de classe, de etnia ou de gênero.

Para que uma revolução desse porte funcionasse, no entanto, concluiu que a libertação das mulheres era de suma importância, pois uma sociedade não poderia se dizer genuinamente livre enquanto funcionasse à base da submissão feminina. As curdas, assim, assumiram uma posição de protagonismo dentro do movimento – algo que, por sua vez, reflete o caráter politizado e ativo que vem sendo nelas alimentado através dos séculos – trabalhando dali em diante com base no pressuposto de autodefesa da mulher. Disso parte a noção de que o povo curdo deve trabalhar como um todo para estabelecer uma sociedade onde suas mulheres sejam protegidas de

quaisquer formas de violência baseada no gênero e no sexo, indo além do aspecto físico e abrangendo também o econômico, o social, o educacional, o político e o ideológico, o que implica a criação de espaços autônomos que as permitam se desenvolver inteiramente em cidadãs habilitadas para atuar em todos os setores de uma sociedade.

Dentre as comunidades curdas contemporâneas, uma que pode ser apontada como exemplo da execução clara e, até então, bem-sucedida, desse projeto é Rojava, o Curdistão Sírio, que desde 2012 sustenta o status de entidade autogovernante, com um modo de vida e instituições plenamente baseadas nos preceitos do Confederalismo Democrático e do feminismo curdo, mesmo considerando o contexto da guerra síria na qual está inserida. Precisamente em decorrência desse pano de fundo bélico, o povo curdo repentinamente se viu em meio às agendas de notícias internacionais, principalmente a partir da narrativa da grande mídia ocidental, sendo majoritariamente representados através da imagem das mulheres curdas da guerrilha YPJ.

Tendo em vista o poder social da mídia em criar sentidos e regimes de verdade por intermédio de seu discurso; as possíveis lentes de gênero e orientalismo com as quais esse tema pode ser abordado; e a importância que o texto, a imagem, as crenças e os valores intrínsecos no produto midiático têm para a composição de significado e interpretação de um trabalho jornalístico, o presente trabalho abordou a questão da forma como essas mulheres foram representadas pela mídia ocidental, retratada aqui por notícias recolhidas no *The Guardian* e no *Daily Mail*. Ou seja, como sua imagem foi construída e quais os sentidos que foram a elas impostos por esse ato de informação?

Conforme foi constatado, as escolhas editoriais feitas nas amostras coletadas no *The Guardian* e no *Daily Mail* – compreendendo a narrativa, os protagonistas, os títulos, as imagens e as citações destacadas – apontam, em primeiro lugar, para uma priorização por parte da mídia em captar um numeroso público, atendendo à demanda comercial da máquina midiática, em detrimento do compromisso jornalístico de divulgar informações de forma direta e objetiva. Assim, de modo geral, as notícias tiveram como característica o emprego de roteiros dramáticos simplistas, mas que garantiam o engajamento do público; e do uso de estereótipos que contrariam a essência da articulação feminina curda e do movimento curdo, entregando, com isso, uma mensagem descontextualizada, sensacionalista, essencialista e despolarizada.

Nesse quadro, a imagem das curdas foi construída e apresentada através de um molde unidimensional e militarizado, carregado de crenças conservadoras subjacentes à relação da mulher com a guerra e o que seria feminilidade, que foram mascaradas por uma fala de fascínio e exaltação diante delas.

Através de um enredo que priorizou a teatralidade do confronto contra o Estado Islâmico, essas mulheres foram projetadas na figura de guerrilheiras da YPJ que, seguindo a interpretação posta pela mídia, seriam versões reais da feminilidade militarizada ideal – soldadas tão capazes quanto homens, a ponto de fazerem frente aos militantes jihadistas, mas tão vulneráveis quanto qualquer mulher civil, haja vista suas recorrentes designações como mártires e vítimas.

Em paralelo, essa imagem fabricada foi, ainda, instrumentalizada pelas mídias, tornando-se um meio de cristalizar a visão orientalista de um Oriente como o berço do patriarcado e do despotismo, com seus homens maus e suas pobres mulheres, contrastando com a noção de um Ocidente democrático, humanitário e feminista, que identificou nos curdos uma emulação de seus valores e morais, justificando assim a sua leitura favorável do movimento.

Em suma, por mais que o discurso midiático se refira às curdas de forma positiva, angariando simpatia e notoriedade internacional para o grupo, ele mostra-se reducionista, solapando a extensão da articulação feminina curda e minimizando o nível de politização de suas identidades. Conclui-se, então, que essa representação midiática se caracteriza como contraproducente, considerando a maneira como transmite e reforça estereótipos orientalistas, militarizados e machistas, que vão de encontro à luta dos próprios curdos. Finalmente, diante do exposto, constata-se a substancial desconexão entre os enunciadores das notícias e seu objeto de estudo, resultando em um produto incipiente, distorcido e descontextualizado.

No decorrer deste trabalho, o movimento curdo provou ser um tema complexo, amplo e multifacetado, que oferece ao pesquisador uma pletera de vertentes a serem exploradas e um excelente cenário para discutir as questões de gênero. Com relação a estas questões, cabe lembrar Fred Halliday, quando o autor nos diz que as políticas e os processos internacionais

[...] longe de serem neutros de gênero, na prática desempenham um importante papel na determinação do lugar das mulheres na sociedade e na estruturação das relações econômicas, sociais e políticas entre os sexos. Isto é mais claro e com frequência brutalmente evidente na atividade que é a

quintessência das RI e do conflito interestatal: a guerra. (HALLIDAY, 2007, p. 167-8).

Em face do exposto, considerando-se uma possível extensão da investigação que resultou nessa dissertação, julga-se interessante examinar a real perspectiva de gerência da sociedade instaurada pela Revolução de Rojava em um contexto que difira do atual. Seria o modelo comunalista e autônomo democrático, sem a presença de um Estado, sustentável a longo prazo? Além disso, considerando as rivalidades vizinhas de grande peso político que possui, sendo a Turquia sua principal, conseguiria o movimento curdo manter-se de fato? No que se refere ainda à guerra síria, em uma projeção na qual ela seja concluída, estaria o governo central – seja qual for o que acabe detendo o poder – disposto a realmente abdicar de sua autoridade sobre o território onde se encontram os curdos, a ponto de Rojava conseguir se manter integralmente? E, se mantendo ainda no escopo da investigação sobre o discurso midiático, valeria também ampliar o foco aqui utilizado, fazendo uma possível comparação entre as narrativas das mídias britânicas com as americanas e francesas, por exemplo. Cabe aos pesquisadores do tema, portanto, manter sua dedicação tanto ao monitoramento da questão quanto ao aprofundamento de seus estudos sobre os curdos, visto a grandeza de conteúdo que se tem à disposição.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. **"Orientalism" and Middle East Feminist Studies**. *Feminist Studies*, v. 27, n. 1, Spring 2001, p. 101-113.

ABU-LUGHOD, Lila. **Do Muslim women really need saving?** Anthropological reflections on cultural relativism and its others. *American Anthropologist*, v. 104, n. 3, September 2002, p. 783-790.

ALEXANDER, Ronni. Gender, structural violence and peace. In: GENTRY, Carol; SHEPHERD, Laura; SJOBERG, Laura. **Routledge handbook of gender and violence**. New York: Taylor & Francis Group, 2019, cap. 2, p. 27-38.

ALPER, Emin. **Reconsidering social movements in Turkey**: the case of the 1968-71 protest cycle. *New Perspectives on Turkey*, n. 43, 2010, p. 63-96.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARETAIOS, Evangelos. **The Rojava revolution**. *Open Democracy*, March/2015. Disponível em: < <https://www.opendemocracy.net/en/north-africa-west-asia/rojava-revolution/> >. Acesso em: 22 ago. 2019.

BAAZ, Maria E; STERN, Maria. **Why do soldiers rape?** Masculinity, violence and sexuality in the armed forces in the Congo. *International Studies Quarterly*, 2009, v. 53, p.495-518.

BATESON, Florence; DIRKX, Toon; FREKS, Georg; MIDDELKOOP, Donna; TUKKER, Noralie. **Gendered alternatives**: exploring women's role in peace and security in the self-administered areas of Northern Syria. Policy Report. Utrecht: Utrecht University, Women's Commission of Rojava, 2016.

BIEHL, Janet. Revolutionary education: two academies in Rojava. In: IN DER MAUR, Renée; STAAL, Jonas. **Stateless democracy**. *New World Academy Reader #5*, 2015, p. 211-221.

BITTENCOURT, Mariana. **Fait divers, o jornalismo sobre o inusitado**. Viés, Comunicação/Jornalismo, UFRGS, Julho/2011. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/vies/comunicacao/fait-divers-o-jornalismo-sobre-o-inusitado/> >. Acesso em: 7 mai. 2020.

BOOKCHIN, Debbie. **How my father's ideas helped the Kurds create a new democracy**. *The New York Review Daily*, June 15th 2018. Disponível em: < <https://www.nybooks.com/daily/2018/06/15/how-my-fathers-ideas-helped-the-kurds-create-a-new-democracy/> >. Acesso em: 1 set. 2020.

BOOKCHIN, Murray. **Urbanization without cities**: the rise and decline of citizenship. Québec: Black Rose Books, p. 289-304.

BROOKS, Peter. **Body work**: objects of desire in modern narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1993, c. 4, p. 88-122.

BROWNFIELD-STEIN, Chava. Gender and visual representation of women combatants. In: WOODWARD, Rachel; DUNCANSON, Claire. **The Palgrave International handbook of gender and the military**. London: The Palgrave Macmillan, 2017, p. 475-492.

BUTLER, Judith. **Performative acts and gender constitution**: an essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre Journal*, v. 40, n. 4, December 1988, p. 519-531.

CARNEGIE MIDDLE EAST CENTER. **Syria in crisis**: The Kurdish Democratic Union Party. March/2012. Disponível: < <https://carnegie-mec.org/diwan/48526?lang=em> >. Acesso em: 22 ago. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2ª ed. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso jornalístico e posicionamentos enunciativos**: fronteiras e distanciamentos. Dossiê Linguagens e Narrativas na Comunicação, parágrafo, jan/jun 2016, v. 4, n. 1, p. 7-15.

CHARAUDEAU, Patrick. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso**. Ângela M. S. Corrêa. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida L.; DE MELLO, Renato. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do discurso-FALE/UFMG, 2001, p. 22-37.

CNN. **The women of the year**. December 2014. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2014/12/19/business/gallery/leading-women-2014/index.html> >. Acesso em: 13 jun. 2020.

DAILY MAIL. **Kurdish mother-of-two launches suicide attack to slow Islamic State advance in desperate battle for Kobane**. October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2782092/Mystery-surrounds-fate-Kurdish-female-fighter-poster-girl-reports-emerge-killed-bullet-avoid-taken-hostage-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **'Kurdish women know no fear'**: Incredible footage in Raqqa City shows female sniper LAUGHING after a bullet comes just inches from her head during an ISIS shootout. June 2017. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4644686/Female-sniper-laughs-dodging-bullet-Raqqa-City.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **What really scares ISIS? GIRLS!** Jihadists believe that if they are killed by a woman they won't go to heaven, claim Kurdish fighters. December 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3353330/ISIS-afraid-girls->

Jihadists-believe-killed-women-won-t-heaven-claim-feared-Kurdish-fighters.html >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **'Kill, kill, kill!': Shocking moment young Kurdish girl fires machine gun at ISIS, boasting she's killed 400.** April 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3041546/Kill-kill-kill-Shocking-moment-young-Kurdish-girl-fires-machine-gun-ISIS-boasting-shes-killed-400.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **'Angelina Jolie' of Kurdistan dies while battling ISIS: Woman fighter resembling Hollywood superstar is killed during clash with jihadists in Syria.** September 2016. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3777518/Angelina-Jolie-Kurdistan-dies-battling-ISIS-Woman-fighter-resembling-Hollywood-superstar-killed-clash-jihadists-Syria.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Body parts, bloody battles and being one of the boys:** Model who went to fight ISIS in Syria reveals horrors she saw on the frontline. July 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3147862/Body-parts-bloody-battles-one-boys-Model-went-fight-ISIS-Syria-reveals-horrors-saw-life-woman-frontline.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **British woman, 26, who joined all-female Kurdish unit fighting ISIS in Syria is killed after 'her convoy is hit by a Turkish rocket' during battle for Afrin.** March 2018. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-5517229/British-woman-26-fighting-ISIS-killed-Syria.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **EXCLUSIVE - 'ISIS want to kill me, capture me and turn me into a sex slave':** Danish student branded a terrorist after training as 'Lady Death' sniper to fight jihadis in Syria reveals she has lost everything. February 2017. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4170840/Joanna-Palani-admits-sniper-fights-Isis.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Exclusive:** Savage women warriors terrifying the jihadis who believe if they're killed by a female they won't go to heaven. October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2797877/savage-women-warriors-terrifying-jihadis-believe-killed-female-won-t-heaven.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Free from ISIS at last, now the first brave Kurdish families to return to their villages face their biggest fight yet:** Rebuilding their homes ravaged by Islamic State terrorists and Western airstrikes. June 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3134600/Free-ISIS-brave-Kurdish-families-return-villages-face-biggest-fight-Rebuilding-homes-ravaged-Islamic-State-terrorists-Western-airstrikes.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Killed in the battle for Kobane, the fearless woman commander who led Kurdish female fighters against ISIS.** February 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2942377/Killed-battle-Kobane-fearless-woman-commander-led-Kudish-female-fighters-against-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2015.

DAILY MAIL. **Poster girl for Kurdish freedom fighters in Kobane is 'captured and beheaded by ISIS killers' who posted gruesome pictures online.** October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2809260/Poster-girl-Kurdish-freedom-fighters-Kobane-captured-beheaded-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Ready for battle:** Syrian women fighters prepare to join the onslaught against ISIS after completing their military training. August 2017. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-4776582/Syrian-women-fighters-prepare-join-fight-against-ISIS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **'Rehana is alive and well... ISIS fanatics have NOT beheaded her':** Poster girl for Kurdish freedom fighters escaped Kobane hellhole, friends tell Mail Online. October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2810780/Rehana-alive-ISIS-fanatics-NOT-beheaded-Poster-girl-Kurdish-freedom-fighters-escaped-Kobane-hellhole-friends-tell-MailOnline.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Sisters in arms:** Kurdish women in front line against IS. February 2015. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-2949331/Sisters-arms-Kurdish-women-line-against-IS.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Syrian Kurds mourn female fighter shown mutilated in video.** February 2018. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/wires/afp/article-5348277/Syrian-Kurds-mourn-female-fighter-shown-mutilated-video.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **'We ask women all over the world not to underestimate themselves':** Meet the inspirational Kurdish women who have given up everything to fight ISIS militants. October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2802992/We-ask-women-world-not-underestimate-Meet-inspirational-Kurdish-women-given-fight-ISIS-militants.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DAILY MAIL. **Woman fighter leads battle against Islamic State in besieged Syrian border town of Kobane.** October 2014. Disponível em: < <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2791469/woman-fighter-leads-battle-against-islamic-state-besieged-syrian-border-town-kobane.html> >. Acesso em: 21 set. 2019.

DANFORTH, Nick. **An imprisoned nationalist reads Benedict Anderson.** Dissent Magazine, March 7th, 2013. Disponível em: < <https://www.dissentmagazine.org/blog/an-imprisoned-nationalist-reads-benedict-anderson> >. Acesso em: 16 ago. 2019.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 28-63.

DIRIK, Dilar. Dilar Dirik interviewed by Jonas Staal: living without approval. In: IN DER MAUR, Renée; STAAL, Jonas. **Stateless democracy.** New World Academy Reader #5, 2015, p. 27-56.

DIYAR, Zîlan. **What is Jineoloji?** Jineoloji International, December/2018. Disponível em: < <https://jineoloji.org/en/2018/12/14/what-is-jineoloji/> >. Acesso em: 19 ago. 2019.

DMGT. **About us.** June 2020. Disponível em: < <https://www.dmgmt.com/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

EBIZMBA. **Top 15 most popular news websites.** February 2020. Disponível em: < <http://www.ebizmba.com/articles/news-websites> >. Acesso em: 27 ago. 2020.

EICHLER, Maya. Gendered militarism. In: GENTRY, Caron (ed.); SHEPHERD, Laura (ed.); SJOBERG, Laura (ed.). **Routledge handbook of gender and violence.** New York: Taylor & Francis Group, 2019, cap. 12, p. 140-150.

ELSHTAIN, Jean Bethke. **Women and war.** Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

ENLOE, Cynthia. **Maneuvers:** the international politics of militarizing women's lives. Califórnia: University of California Press, 2000.

ETTE, Mercy. **Shifted focus:** newspaper coverage of female military personnel as casualties of war. Estudos em Comunicação, nº 3, 2018, p. 195-214.

FACEBOOK. **The Lions of Rojava.** July 2020. Disponível em: < https://www.facebook.com/TheLionsOfRojavaOfficial/?_rdr.%20Acessado%20em%2002%20de%20julho%20de%202020.&_rdr >. Acesso em: 1 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 20ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, cap. 3, p. 219-250.

GAGNON, Béatrice. **From militarized femininity to female masculinity.** Paper Presented at the 2013 ISA Annual Convention, San Francisco, United States. P. 7-15.

GRAHAM-BROWN, Sarah. The seen, the unseen and the imagined: private and public lives. In: LEWIS, Reina (ed.); MILLS, Sara (ed.). **Feminist postcolonial theory:** a reader. New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2003, p. 502-519.

GÜNESER, Havin. Feminicide. In: IN DER MAUR, Renée; STAAL, Jonas. **Stateless democracy.** New World Academy Reader #5, 2015, p. 29-35.

GUNTER, Michael M. **Routledge handbook on the Kurds.** New York: Routledge, 2019, p. 237-396.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais.** Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.167-8.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing consent:** the political economy of the mass media. New York: Pantheon Books, 2011, p. XI-LVIII.

HEVIAN, Rodi. **The resurrection of Syrian Kurdish politics.** Middle East Review of International Affairs, vol. 17, no. 3 (Fall 2013).

IN DER MAUR, Renée; STAAL, Jonas. **Stateless democracy**. New World Academy Reader #5, 2015, p. 8-14.

JACOBY, Tami. Fighting in the feminine: the dilemmas of combat women in Israel. In: SJOBERG, Laura (ed.); VIA, Sandra (ed.). **Gender, war and militarism: feminist perspectives**. California: ABC-CLIO, LLC, cap. 6, p. 80-90.

JONGERDEN, Joost. **Governing Kurdistan: self-administration in the Kurdistan Regional Government in Iraq and the Democratic Federation of Northern Syria**. Ethnopolitics, 18, 2019.

KILI, Suna. **Kemalism in contemporary Turkey**. International Political Science Review, v. 1, n. 3, Political Ideology: its impact on contemporary political transformations, 1980, p. 381-404.

KNAPP, Michael; FLACH, Anja; AYBOGA, Ercan. **Revolution in Rojava: democratic autonomy and women's liberation in Syrian Kurdistan**. London: Pluto Press, 2016.

KOMALÊN JINÊN KURDISTAN. **About us**. Disponível em: < <http://www.kjk-online.org/hakkimizda/?lang=en> >. Acesso em: 14 ago. 2019.

KRISHNA, Sankaran. **Globalization and post colonialism: hegemony and resistance in the twenty-first century**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2009, cap. 3, p. 63-104.

MANN, Carol. Women in combat: identifying global trends. In: SHEKHAWAT, Seema (ed.). **Female combatants in conflict and peace: challenging gender in violence and post-conflict reintegration**. London: Palgrave Macmillan, 2015, cap. 1, p. 20-35.

MCCHESENEY, Robert. **Rich media, poor democracy: communication politics in dubious times**. 3^a ed. New York: The New Press, 2015, p. 78-118.

MEDIA BIAS/FACT CHECK. **Daily Mail**. August 2020. Disponível em: < <https://mediabiasfactcheck.com/daily-mail/> >. Acesso em: 1 ago. 2020.

MEDIA BIAS/FACT CHECK. **The Guardian**. August 2020. Disponível em: < <https://mediabiasfactcheck.com/the-guardian/> >. Acesso em: 1 ago 2020.

MITCHELL, Timothy. **Colonizing Egypt**. 2nd Ed. California: University of California Press, 1991, cap. 6, p. 161-179.

NAYAK, Meghana. **Orientalism and 'saving' US state identity after 9/11**. International Feminist Journal of Politics, 8:1, March 2006, p. 42-61.

NEVEN, Brecht; SCHÄFFERS, Marlene. **Jineology: from women's struggle to social liberation**. Roar Magazine, November/2017. Disponível em: < <https://roarmag.org/essays/jineology-kurdish-women-movement/> >. Acesso em: 20 ago. 2019.

OCALAN BOOKS. **Books by Abdullah Öcalan**. July 2020. Disponível em: < <http://ocalanbooks.com/#/> >. Acesso em: 3 jul. 2020.

ÖCALAN, Abdullah. **Democratic confederalism**. 1st ed. London: International Initiative, 2011.

ÖCALAN, Abdullah. **Liberating life: woman's revolution**. 1st ed. London: International Initiative, 2013.

O'DRISCOLL, Dylan. **The YPG and the changing dynamics of the fight against IS**. Poland: The Polish Institute of International Affairs, Policy Paper, no. 24 (126), August/2015.

ORGAD, Shani. **Media representation and the global imagination**. Cambridge: Polity Press, 2012, p. 43-75.

PEACE IN KURDISTAN CAMPAIGN. **Charter of the Social Contract**. January/2014. Disponível em: < <https://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract/> >. Acesso em: 24 ago. 2019.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005, p. 11.

PETERSON, V. Spike. RUNYAN, Anne Sisson. **Global gender issues in the new millennium**. Colorado: Westview Press, 2014, cap. 4, p. 139-180.

PLAN C. **"We don't fight for death... We fight for life"**. An interview with YPJ Commander Nisrîn Abdullah. July 2016. Disponível em: < <https://www.weareplanc.org/blog/we-dont-fight-for-death-we-fight-for-life-an-interview-with-ypj-commander-nisrin-abdullah/> >. Acesso em: 10 jul. 2020.

ROBINSON, Laura (ed.); COTTEN, Sheila (ed.); SHULZ, Jeremy (ed.). **Communication and information technologies annual**. Doing and being digital: mediated childhoods. 1st edition. United Kingdom: Emerald Group Publishing Limited, 2014, p. 174.

ROJAVA INFORMATION CENTER. **Rojava: key facts**. Disponível em: < <https://rojvainformationcenter.com/background/key-facts/> >. Acesso em: 20 ago. 2019.

ROJAVA INFORMATION CENTER. **Beyond the frontlines: the building of the democratic system in North and East Syria**. December 2019. Rojava: RIC, 2019, p. 1-62.

ROJAVA INFORMATION CENTER. **Graphics and maps**. Disponível em: < <https://rojvainformationcenter.com/graphics-and-maps/> >. Acesso em: 23 jul. 2020.

ROJAVA INFORMATION CENTER. **Who we are**. July 2020. Disponível em: < <https://rojvainformationcenter.com/about/> >. Acesso em: 3 jul. 2020.

ROMANO, David. **The Kurdish nationalist movement: opportunity, mobilization and identity**. UK: Cambridge University Press, 2006, p. 1-25.

RUSSIA TODAY. **Her war: women vs. ISIS**. July/2015. Disponível em: < < <https://www.youtube.com/watch?v=uqI0a4VgEs8> >. Acesso em: 23 ago. 2019.

SAID, Edward. **Culture and imperialism**. New York: Vintage Books, 1994.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. 2ª Ed. [São Paulo]: Companhia de Bolso, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003, p.51-60.

SHAHVISI, Arianne. **Beyond orientalism**: exploring the distinctive feminism of democratic confederalism in Rojava. Geopolitics, 2018, p. 1-25.

SIMILARWEB. **Daily Mail**. June 2020. Disponível em: <
<https://www.similarweb.com/pt/website/dailymail.co.uk/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

SIMILARWEB. **The Guardian**. June 2020. Disponível em: <
<https://www.similarweb.com/pt/website/theguardian.com/> >. Acesso em: 1 jun. 2020.

SJOBORG, Laura. VIA, Sandra. Introduction. In: SJOBORG, Laura (ed.); VIA, Sandra (ed.). **Gender, war and militarism**: feminist perspectives. California: ABC-CLIO, LLC, 2010, p. 1-16.

SJOBORG, Laura.; GENTRY, Caron. **Mothers, monsters and whores**: women's violence in global politics. London: Zed Books Ltd., 2007.

SJOBORG, Laura.; PEET, Jessica. Targeting civilians in war: feminist contributions. In: TICKNER, J. Ann; SJOBORG, Laura. **Feminism and International Relations**: conversations about the past, present and future. Oxon: Routledge Taylor & Francis Group, 2011, cap. 8, p. 169-193.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

STAAL, Jonas Theater of the stateless. In: IN DER MAUR, Renée; STAAL, Jonas. **Stateless democracy**. New World Academy Reader #5, 2015, p. 231-245.

TAX, Meredith. **A road unforeseen**: women fight the Islamic State. New York: Bellevue Library Press, 2016, 92-177.

THE GUARDIAN. **Anna Campbell's death in Syria was futile, but her passion was admirable**. March 2018. Disponível em: <
<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/19/anna-campbell-death-syria-futile-britain-kurds> >. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **'Thousands could die': female British fighter urges support for Syria's Kurds**. March 2018. Disponível em: <
<https://www.theguardian.com/world/2018/mar/23/thousands-could-die-female-british-fighter-rukan-renas-urges-support-for-syrias-kurds> >. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **'We are so proud' – the women who died defending Kobani against Isis**. January 2015. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/world/2015/jan/30/kurdish-women-died-kobani-isis-syria> >. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Blackburn activist becomes first British woman to join fight against Isis in Syria.** February 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk-news/2017/feb/09/blackburn-activist-kimberly-taylor-becomes-first-british-woman-join-fight-isis-syria>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **British teenage girl charged with trying to join Kurdish forces fighting Isis.** March 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/mar/13/british-teenage-girl-charged-kurdish-forces-fighting-isis>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **British woman killed fighting Turkish forces in Afrin.** March 2018. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/19/briton-kurds-anna-campbell-dies-fighting-turkey-syria-afrin>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Danish woman who fought against Isis faces jail sentence.** December 2016. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/19/danish-woman-who-fought-against-isis-faces-jail-sentence>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **International.** August 2020. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/international>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

THE GUARDIAN. **Kurdish Afrin is democratic and LGBT-friendly.** Turkey is crushing it with Britain's help. March 2018. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/16/turkey-democracy-kurdish-afrin-britain-syria-arming>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Kurdish forces take control of Syrian town of Kobani.** January 2015. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/jan/26/kurdish-forces-take-control-kobani-syria>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Kurdish women need arms to fight Isis.** October 2014. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2014/oct/30/empowered-kurdish-women-fighters-need-arms>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Kurdish women pray for peace as fears of civil war in Turkey mount.** August 2015. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/aug/16/women-join-kurdish-rebel-ranks>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Syrian Kurds outraged over mutilation of female fighter.** February 2018. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2018/feb/02/syrian-kurds-outraged-over-mutilation-of-female-fighter>>. Acesso em: 20 set. 2019.

THE GUARDIAN. **Kenan Evren, leader of Turkey's 1980 military coup and former president, dies.** May/2015. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2015/may/10/kenan-evren-leader-of-turkeys-1980-military-coup-and-former-president-dies>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

THE KURDISH PROJECT. **Leyla Zana**. Disponível em: < <https://thekurdishproject.org/history-and-culture/famous-kurds-old/leyla-zana/> >. Acesso em: 28 ago. 2020.

THE WASHINGTON POST. **How western 'foreign fighters' are being recruited online to join Kurds against Islamic State**. November, 2014. Disponível em: < <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/11/24/how-western-foreign-fighters-are-being-recruited-online-to-join-kurds-against-islamic-state/> >. Acesso em: 2 jul. 2020.

TORELLI, Stefano M. **Kurdistan: an invisible nation**. Milan: Italian Institute for International Political Studies (ISPI), 2016, p. 18-43.

VAN BRUINESSEN, Martin. From Adela Khanun to Leyla Zana: women as political leaders in Kurdish history. In: MOJAB, Shahrzad (ed.). **Women of a non-state nation: The Kurds**. California: Mazda Publishers, Inc., 2001, p. 95-112.

WHITWORTH, Sandra. **Men, militarism and UN peacekeeping: a gendered analysis**. Colorado: Lynne Rienner Publishers, 2004, p. 151-181.

WIDOWS FOR PEACE THROUGH DEMOCRACY. **About**. May 2020. Disponível em: < <https://www.widowsforpeace.org/58-2/> >. Acesso em: 14 mai. 2020.

YEGENOGLU, Meyda. **Colonial fantasies: towards a feminist reading of Orientalism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

YILDIZ, Kerim. **The Kurds in Syria: the forgotten people**. London: Pluto Press, 2005.

YPG PRESS OFFICE. **YPJ: Women's Defense Units (Women's Protection Units)**. September/2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_OWQ-apZC78&index=21&list=PLi-P2KS7cTSozJYXhWe8gE91qgZul7-e13 >. Acesso em: 24 ago. 2019.

YPG ROJAVA. **About us**. Disponível em: < <https://www.ypgrojava.org/About-Us> >. Acesso em: 26 ago. 2019.